

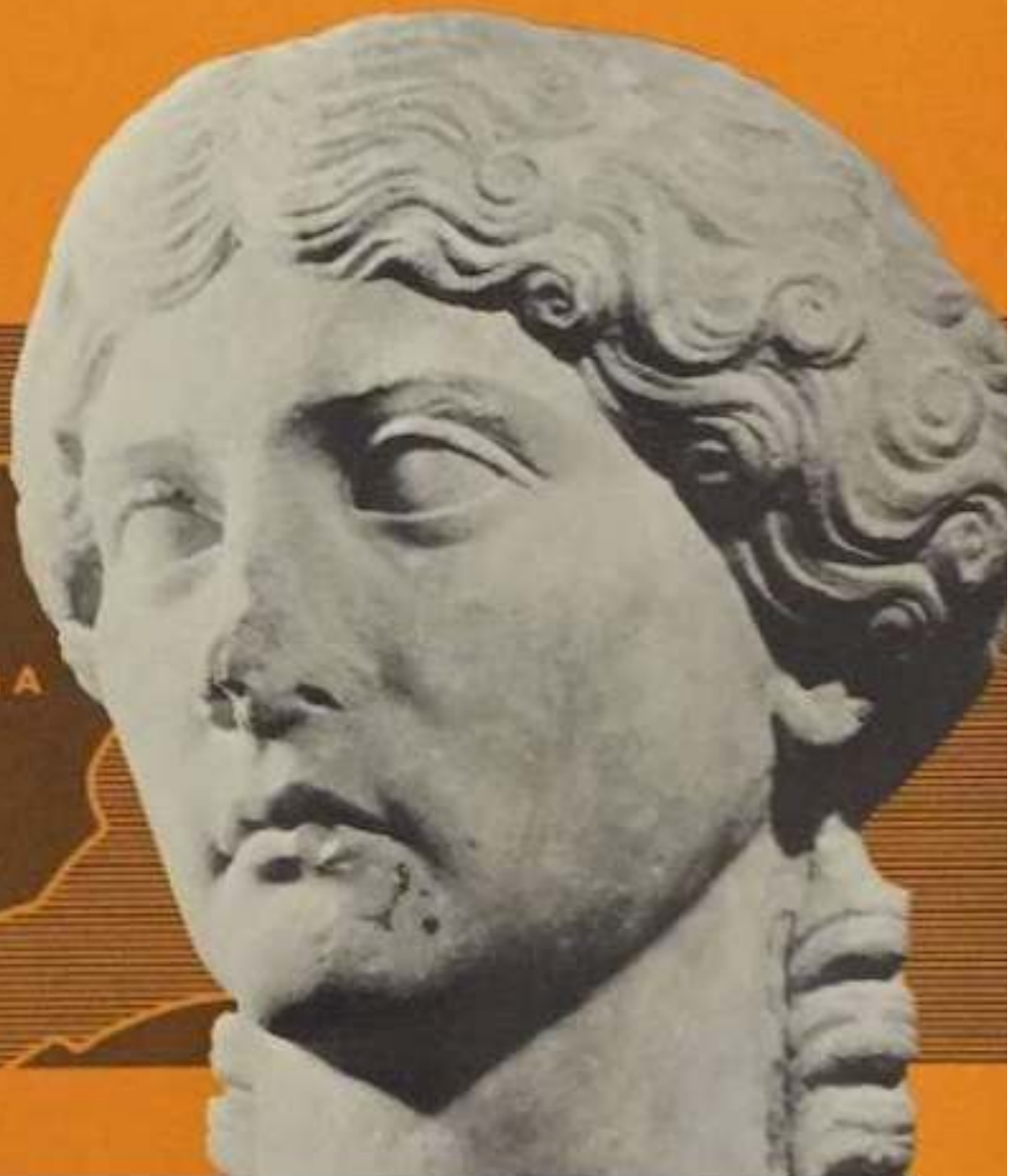
Museu do Traje  
São Brás de Alportel

Centro de  
Documentação

# PORTUGAL

Jorge de Alarcão

# ROMANO



**SEPARATA**  
Algarve Romano  
Algarve e Alentejo (faixa oriental)

ROMAN PORTUGAL

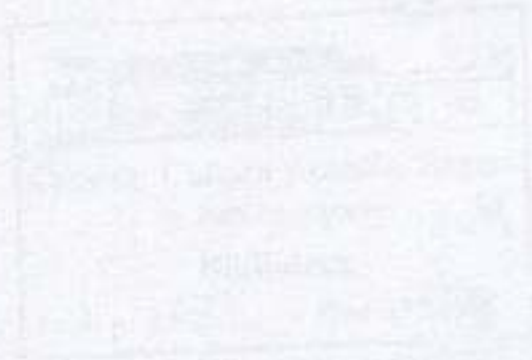
# ROMAN PORTUGAL

VOLUME II  
GAZETTER  
(INVENTARIO)

## FARO

EVORA 1. LAGOS 2. FARO

JOSÉ DE ALARCÃO







# ROMAN PORTUGAL

## VOLUME II GAZETTEER (INVENTÁRIO)

Fascicule 3

6. ÉVORA

7. LAGOS

8. FARO

J. de Alarcão

4-3







CONTENTS  
Volume II: Gazetteer

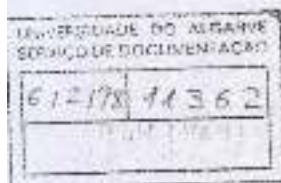
Introduction, Acknowledgements and Note on the Translation	ix
<b>I Porto, Bragança, Viseu</b>	
<b>1. Porto</b>	
Introduction	1
List of Sites	2
Bibliography	30
Index	35
<b>2. Bragança</b>	
Introduction	39
List of Sites	40
Bibliography	47
Index	49
<b>4. Viseu</b>	
Introduction	50
List of Sites	52
Bibliography	78
Index	84
PLATES	after 87
<b>II Coimbra, Lisbon (Lisboa)</b>	
<b>3. Coimbra</b>	
Introduction	89
List of Sites	90
Bibliography	105
Index	108
<b>5. Lisbon</b>	
Introduction	110
List of Sites	111
Bibliography	135
Index	140
PLATES	after 142
<b>III Évora, Lagos, Faro</b>	
<b>6. Évora</b>	
Introduction	143
List of Sites	145
Bibliography	164
Index	167
<b>7. Lagos</b>	
Introduction	170
List of Sites	172
Bibliography	185
Index	187
<b>8. Faro</b>	
Introduction	188
List of Sites	190
Bibliography	211
Index	214
PLATES	after 216

Introdução  
Lista de Sítios Arqueológicos  
Bibliografia  
Index  
Imagens

© Jorge de Alarcão 1988. All rights reserved. No part of this publication may be reproduced or stored in a retrieval system or transmitted in any form or by any means including photocopying without the prior written permission of the publishers.

**ISBNs**

Introduction	0 85668 289 6
Fascicule I only	0 85668 390 6
Fascicule II only	0 85668 391 4
Fascicule III only	0 85668 393 2
Gazetteer complete	0 85668 445 7
Complete work	0 85668 290 X



The publishers gratefully acknowledge the financial assistance of the Gulbenkian Foundation and the Instituto Português do Património Cultural with the publication of these volumes.

Printed and published by Aris & Phillips Ltd, Teddington House, Warminster, Wiltshire, England.



## 8. FARO

As estações romanas registadas na folha 8 são particularmente densas na faixa setentrional e no litoral algarvio. Isso reflecte o estado actual da investigação.

O concelho de Beja foi bem explorado por Abel Viana, que visitou naquela cidade durante muitos anos e não perdeu nunca ocasião de se dedicar sempre que tinha ocasião de algum achado casual. O concelho de Moura, por seu turno, foi bem tratado por um investigador local, J. Fragaço de Lima. O número considerável de estações romanas registadas no concelho da Vidigueira resulta de prospecções realizadas por Maria da Conceição Lopes em 1984 e 1985. Agradecemos-lhe aqui ter-nos facultado o resultado, ainda inédito, dos seus trabalhos.

As baldeas de campo de Maria da Conceição Lopes foram orientadas para a metade oriental do concelho da Vidigueira, isto é, para a área entre esta vila e o rio Guadiana. Poderemos avançar que, na metade ocidental do mesmo concelho, na cerca de 60 estações inéditas. Com efeito, no âmbito dos trabalhos que desde 1979 dirigimos na vila romana de S. Cucufate, de colaboração com o Prof. Robert Kitzmann e com Françoise Mayer, fez-se uma batida sistemática da parte ocidental do concelho da Vidigueira, entrando ainda um pouco pelas de Cuba e Alentejo. As baldeas de campo foram realizadas por P. Sanches, V. Muniz, J.-G. Gorges e A.J. Nunes Monteiro. O resultado destes trabalhos, bem como de algumas sondagens feitas para determinar o tipo e cronologia das estações identificadas por sondagens superficiais, será apresentado em 1989, no âmbito do relatório sobre as escavações de S. Cucufate.

No Alentejo, o número considerável de estações registadas, deve-se fundamentalmente aos trabalhos de Estácio da Veiga. Após se a esta folha 8 o que dissemos na introdução à folha 1 sobre a utilidade da obra de Maria Unice Estácio da Veiga *Afinan dos Santos. Arqueologia Romana do Alentejo*, 2 volumes, Lisboa, 1971 e 1972 bem como sobre a "Carta Arqueológica do Alentejo (Tempus Histórico)" elaborada em 1980 por Estácio da Veiga.

Supondo o mesmo número de estações registadas na área de Mértola. Esta cidade, a *Myrtilis* romana, foi sede de cidade e, indiscutivelmente, um núcleo urbano importante desde os primeiros tempos da República romana. Mantive na época visigótica e, posteriormente, na muçulmana, uma intensa vida, como se deduz dos resultados das escavações recentes dirigidas por Claudio Torres, escavações praticamente todas inéditas. A baldeia sistemática do concelho de Mértola conduziu certamente à descoberta de novas estações. Não se poderá esperar, devido à pobreza dos solos, a mesma densidade de ocupação que se verifica em torno de Beja ou no litoral algarvio. Pelo menos ao longo do Guadiana, e de aqui, porém, que se encontram novas estações. A tese da navegabilidade do Guadiana desde a foz até Mértola é incontestável, devido à grande queda de água do Pulo do Lobo, um pouco a sul da sua confluência com a ribeira de Terpes; mas ao longo do rio encontram-se terrenos propícios à exploração agrícola.

O tráfico entre Mértola e Castro Marim (talvez a *Baenaris* romana) deveria fazer-se por via fluvial. Parece-nos muito duvidosa a existência de uma estrada directa entre as duas povoações. É certo que a itinerária de Antonino mencionam uma estrada de *Esuri* (forma aparentemente corrupta de *Baenaris*) a *Pax Julia*. O facto de o traçado proposto pelo Itinerário ser absolutamente inviolável com efeito a possibilidade de ter existido efectivamente uma estrada de *Baenaris* a *Pax Julia*. Mas talvez a via, em vez de seguir uma rota directa, duplicando o caminho fluvial do Guadiana, fosse de *Baenaris* a Balto (na área da actual Tavira) e daí à região de Marim Longo. As estações romanas das quadrículas J 4, J 5 e K 3 sugerem a existência de uma via. É certo que algumas das estações destas quadrículas correspondem a muros com vestígios de trabalhos agrícolas, embora se não possa afirmar com segurança que foram exploradas na época romana. Por outro lado, o grande vazio entre Tavira e Marim Longo pode fazer duvidar da existência de uma estrada. A confirmar-se a ocupação romana relativamente densa das quadrículas J 4, J 5 e K 3, poderia esta área estar ligada por uma estrada do norte a leste, com destino a Alentejo ou a Guarnares do Rio.

A concentração de estações ao longo de um eixo norte-sul, entre o Rio Vasco e a ribeira de Terpes, sugere que por aqui passava uma via. O cruzamento da ribeira de

The Roman sites recorded on Map 8 are particularly dense around the northern strip and the Algarve coast. This reflects the current position of our knowledge.

The concelho of Beja has been well covered by Abel Viana who has lived in the city for many years and has had no opportunity to investigate sites when some casual find has been brought to his attention. The concelho of Moura has also been well covered by the research of J. Fragaço de Lima who lived locally and the large number of sites recorded around the concelho of Vidigueira come from the surveys carried out by Maria da Conceição Lopes in 1984 and 1985. We are most grateful for this unpublished information.

The field surveys of Maria Lopes were centred on the eastern half of the concelho of Vidigueira, between the town and the river Guadiana and with others in the western part we have been able to include around sixty hitherto unpublished sites. Since 1979, I have been engaged upon the excavation of the Roman villa of S. Cucufate with Professor Robert Kitzmann and Françoise Mayer, which has included a systematic survey of the western part of the concelho, mainly between Cuba and Alentejo. The field work has been carried out by P. Sanches, V. Muniz, J.-G. Gorges and A.J. Nunes Monteiro. Their results which include some trial digs in places indicated by surface finds will be published in the 1989 report on the S. Cucufate excavations.

In the part of the map in the Algarve, most of the sites come from the work of Estácio da Veiga. The same acknowledgements to the essential publication of Maria Unice Estácio da Veiga *Afinan dos Santos. Arqueologia Romana do Alentejo* (2 vols, Lisbon, 1971 & 1972) as well as that of Estácio da Veiga *Carta Arqueológica do Alentejo* (1980) made in the introduction to part 7 apply equally to part 8.

There is a surprising lack of sites recorded around Mértola (Roman Myrtilis). It was the capital of a "civitas" and was without doubt important from the last years of the Roman republic. It continued during the Visigothic period and even into the Muslim one to maintain an active existence as one can see from the recent and practically unpublished excavations of Claudio Torres. A systematic survey of the area is certain to reveal many more sites. Given the poor soil around Mértola, one could not expect the same density of settlement as around Beja or along the Algarve coast. One could at least hope to find further sites along the Guadiana, though the theory that the river was navigable from its mouth up to Mértola is unconvincing, owing to the large waterfall at Pulo do Lobo, a little to the south of the point where the Terpes flows into the Guadiana. But along the river there is good agricultural land.

Traffic between Mértola and Castro Marim (perhaps the Roman *Baenaris*) would have gone by river and we would be surprised if there were a road between them. Though we do know from the Antonine Itinerary that there was a road between *Novi* (apparently a form of *Baenaris*) and *Pax Julia*. Just because the route described is impossible, this does not deny the existence of any road at all. The road perhaps actually went along the coast from *Baenaris* to Balto (in the area of modern Tavira) and then to Marim Longo. The Roman sites in squares J 4, J 5, & K 3 suggest that such a road existed. It is true that some of these sites are of ancient dates, though we have no firm evidence that these were Roman. On the other hand the long gap between Tavira and Marim Longo argues against the road. The relatively dense number of sites in the above squares would suggest a road aligned east-west ending at Alentejo or Guarnares do Rio.

Another concentration of sites along a north-south axis between Rio Vasco and the Terpes, suggests that another road ran this way. Such a road would have crossed the Terpes east of Castro Verde and then gone directly to Pax Julia. An alternative route, given the lack of sites along the Castro Verde - Beja axis, would have been a direct route from Castro Verde to the area of Glarido where we think the "civitas" of *Arundis* may have been. From *Arundis* there may have been a road to Beja, via Alentejo.

All the foregoing is highly speculative, particularly as it depends upon only the known Roman sites. Perhaps an aerial survey of the lower Alentejo would throw light on the problem. The pattern of fortified villas, identified and studied by Manuel Mate in this part would make a route



Tergus far-se-ia à leste de Castro Verde, e daqui a estrada seguiria directa a Pax Julia. Em alternativa, e dada a raridade de estações no sítio Castro Verde - Beja, poderíamos admitir uma ligação directa de Castro Verde à área de Garvão (na folha 7), onde presumimos a existência da cidade de Arundis; de Arundis haveria uma estrada para Beja, passando por Aljustrel.

Tudo isto é altamente hipotético, condicionando pela posição das estações romanas actualmente conhecidas. Talvez um estudo sério de interpretação da cobertura aerofotográfica pudesse esclarecer-nos sobre a rede viária do Baixo Alentejo. A posição das vilas fortificadas que Manuel Maia tem identificado e sondado no Baixo-Alentejo parece todavia viabilizar a hipótese de um eixo viário Aljustrel-Garvão-Castro Verde-Martim Longo-Quercinhas do Rio.

A cronologia das vilas, graças à coerência dos materiais recolhidos nas sondagens efectuadas, não põe hoje grandes problemas. Instalada ainda na primeira metade do séc. I d.C., e mantida pelo menos até à época de Nero (com recuperação posterior), as vilas não podem definir um fim, que nenhumas ruínas militares justificariam. A possibilidade de constituírem pontos de policiamento ao longo de uma via pela qual se transportava o minério de Aljustrel é uma hipótese a considerar, embora se não entreveja motivo para tão grande concentração a leste e a oeste de Castro Verde.

Cinco civitates partilham a área coberta por esta folha: Pax Julia (Beja), Arucel ou Civitas Arucelliana (Moura), Myrtilis (Martim), Ossunoba (Faro) e Balsa (Torre d'Aves).

A proximidade de Ossunoba e Balsa só pode ser explicada no passado pré-romano das duas cidades. Tendo decidido dividir o actual Algarve em duas civitates, seria mais lógico instalar uma das sedes na metade ocidental (sítio 2, na área coberta pela folha 7 da nossa carta) e outra na metade oriental. As duas capitais, porém, foram instaladas na metade oriental, a uma distância, por estrada, de 16 milhas romanas. O facto poderá explicar-se se admitirmos que Ossunoba e Balsa eram já centros urbanos importantes na época pré-romana. É certo que não há materiais pré-romanos recolhidos nos dois locais. Aparte denários republicanos do séc. III ou II a.C. em Balsa, denários que, todavia, não podem constituir argumento de antiguidade, dada a longa circulação de tais moedas. A área de Ossunoba subjaz à actual cidade de Faro e os achados, mesmo romanos, são relativamente reduzidos, feitos ao acaso de obras de saneamento, pavimentação ou construção civil. Não admira, pois, que ainda se não tenham recolhido materiais pré-romanos ou reconhecidos como tais. Quanto a Balsa, as escavações efectuadas no perímetro da antiga cidade, que se estende por terrenos de cultura, têm sido muito reduzidas.

Uma parte considerável das estações romanas desta folha corresponde a vilas. Poucas têm sido sistematicamente escavadas e nenhuma o foi ainda por completo, embora fiquem exactamente na folha 8 algumas das vilas mais extensamente escavadas de Portugal: Milreu e Cerro da Vila, no Algarve, Pisões e S. Cucufate, na área de Beja. O achado de mosaicos, elementos arquitectónicos, esculturas, vestígios de termas, permite porém identificar muitos sítios como vilas. Na área do território de Pax Julia, o distanciamento das vilas parece obedecer a um certo padrão regular. O estatuto colonial desta cidade levou certamente a uma centralização do territorium, facto que poderá estar inscrito ainda no traçado de caminhos antigos ou pelo menos testemunhado pelo distanciamento das vilas.

Nesta malha de vilas dos concelhos de Beja e Vidigueira inscrevem-se algumas estações nitidamente secundárias, cujos achados superficiais se reduzem à cerâmica de construção ou doméstica comum. Poderá tratar-se de simples suguaria localizadas no interior de uma grande propriedade que estaria parcialmente entregue à colónia. Pelo número de estações já descobertas, a área de Beja e Vidigueira apresenta-se como aquela que poderá proporcionar mais completa informação sobre a vida rural numa região de latifúndia. Aproveitando o trabalho já feito, impõe-se a elaboração de um programa global de investigação.

Aparentemente, na zona setentrional da folha 8, as vilas eram fundamentalmente unidades de exploração agrária. Não já assim no Algarve, onde viveriam em grande parte da preparação de garum e de conservas de peixe ou, talvez ainda, da exploração mineira em pequena escala. Com efeito, é considerável o número de pequenas minas com vestígios de trabalhos antigos registados por Estácio da Veiga nas suas *Antiquidades Monumentales do Algarve*; infelizmente, em muitos dos casos, a antiguidade da exploração é controversa por falta de achados, e a cronologia romana dos trabalhos é simples suposição.

Aljustrel-Garvão-Castro Verde-Martim Longo-Quercinhas do Rio, a real possibility. The dating of these villas thanks to the material recovered from trial soundings presents little problem. Built in the first half of the 1st C. B.C., they were maintained until the time of Nero (with subsequent restorations). These villas could not mark a frontier, as there was no military reason for it. One could also propose that they also served as police posts to guard the output of the mines at Aljustrel, though this would not explain the large number to the east and southeast of Castro Verde.

Five "civitates" covered the area of the map: Pax Julia (Beja), Arucel or Civitas Arucelliana (Moura), Myrtilis (Martim), Ossunoba (Faro) and Balsa (Torre d'Aves).

The proximity of Ossunoba and Balsa can be explained by their pre-Roman past. The Romans having decided to divide the Algarve into two "civitates" would logically have made an eastern and western division (which would now be on Map 7). But the two capitals were both made in the eastern part only 16 Roman miles apart. This could only be explained if both towns were important pre-Roman sites. It is true that we have no pre-Roman finds from either Ossunoba or Balsa, except for some Republican denarii of the 3rd or 2nd C. B.C. from Balsa, coins which are not sufficient evidence, given the length of time such coins were in circulation in antiquity. The lack of pre-Roman remains from Faro is hardly surprising as even Roman finds are scarce and the result of casual finds during public works. In the case of Balsa, we have only very small excavations of the ancient city which spread into cultivated land.

A considerable number of sites on this map mark villas. Few have been systematically excavated and none completely so, though the map does include some of the most thoroughly studied in the whole of Portugal: Milreu and Cerro da Vila in the Algarve, Pisões and S. Cucufate near Beja in the Alentejo. The presence of mosaics, architectural elements, sculpture, and baths has enabled us to identify many more villas on the map. In the "territorium" of Pax Julia, the villas do seem to be spaced on a regular pattern. Given that it was a "colonia" the land around Pax Julia should have been centuriated and the pattern of this may have survived to the present day in the pattern of secondary roads or at least in the spacing of the villas.

This network of villas in the concelhos of Beja and Vidigueira clearly contains a secondary level of sites which only turn up brick and tile and coarse pottery. These would be simple huts or cottages within the great properties of the large villas which were given to the citizens established in Pax Julia. By the number of sites that can be identified, the territories around Beja and Vidigueira, give us the best view of rural life in the great latifundia of the south. What we now need is a complete survey to complement the work already carried out.

It appears that the villas in the north of the map were fundamentally concerned with agriculture alone. This is not true however of the Algarve which were much more dependent upon the preservation of fish and the garum industries and to some extent on mining on a small scale. The number of small mining sites recorded by da Veiga is considerable, but owing to the lack of finds, their antiquity is in doubt and their Roman date mere supposition.



8/1 HERDADE ou HORTA DO MALKABRÃO, Vila Alta, Cuba ou Vila de Frades, Vidigueira. Alicerces e um mosaico (1). *Foundations and a mosaic (1)*. 1. Viana, 1958, p. 36.

8/2 S. CUCUPATE, Vila de Frades, Vidigueira. (figs 29, 163). "Villa" romana extensamente escavada. Um edifício do séc. I d.C. foi reconstruído, na primeira metade do séc. II, com planta centrada em peristilo. Esta "villa" foi destruída nos meados do séc. IV e no mesmo local ergueu-se outro edifício que se pode considerar um dos monumentos romanos mais bem conservados de Portugal. Esta última "villa" foi na Idade Média ocupada por um mosteiro que ali se manteve até ao séc. XVI. Existe documentação escrita desde meados do séc. XIII, mas, aparentemente, o mosteiro é anterior, talvez atribuído ainda ao período da ocupação muçulmana do Alentejo. A ocupação monástica arruinou profundamente a parte rústica, particularmente uma área que talvez se deva interpretar como residência da "villanus" e que foi aproveitada para cemitério dos frades; em contrapartida, os religiosos contribuíram para a manutenção da residência actual romana, que ainda conserva alóbas completas. A planta é original e, até agora, única em Portugal onde, no séc. IV d.C., parece ter-se mantido o eixo tradicional de residência um torno de peristilo. A "villa" de S. Cucupate é uma construção rectangular de cerca de 105 x 25 m., construída em dois pisos. O inferior, abobadado, poderia servir para armazém e alojamento dos cidadãos domésticos; o piso superior, de que se conservam alguns pavimentos, embora os muros tenham desaparecido (mas não tão completamente que se não possa reconstituir a compartimentação), servia de residência ao proprietário e sua família. A fachada apresenta um longo patamar descoberto ao qual se sube por três escadarias. Enquadrado por dois corpos que funcionavam como torres, esse patamar abria sobre o jardim, que um longo tanque refrescava. Na rearguarda da residência existe um outeiro grande tanque, com 35 x 10 m., que servia de reservatório, alimentado por aqueduto cujo percurso ainda não pôde ser definido.

O projecto original do edifício não foi inteiramente cumprido. Por razões ignoradas, uma parte da "villa", que deveria talvez destiná-se a grande sala de recepção, não passou dos alicerces. É possível que o projecto do séc. IV incluiu umas termas que também não foram construídas, tendo-se adaptado o edifício terminal da "villa" do séc. II d.C.

A parte rústica inclui lagares, oficinas, habitações para os criados, umas termas para estes ou para o "villanus".

A margem da "villa" ergueu-se um templo que apresenta extraordinária semelhança com o da "villa" de Milreu. Sepulcros de imitação na galeria envolvente do templo mostram que este foi cristianizado. Curiosamente, não se encontraram ainda vestígios da ocupação visigótica.

Não se conservam quaisquer pavimentos de mosaico, embora a existência destes seja atestada por tesselas soltas, algumas de pasta vítrea, encontradas nas escavações.

A "villa", situada no território de "Pax Julia", pertenceu seguramente a alguma família desta cidade. Infelizmente, nenhuma inscrição nos clarifica sobre o nome desta família. Não foi até agora localizado qualquer mausoléu ou necrópole, com excepção daquela sepultura tardia que se situa na área do templo (1). *An extensively excavated villa. The first villa, built in the 1st c. A.D. was rebuilt around a peristyle in the first half of the 2nd c. and destroyed in the middle of the 4th c. when a new building was put up on the site which is one of the best preserved Roman monuments in Portugal. This second building was used in the Middle Ages as a monastery until the 15th c. We have records of the monastery in the 13th c. but it apparently dates back perhaps even to the Muslim occupation of the Alentejo. The monks destroyed the outbuildings, particularly the built-up quarters which was used as a cemetery. On the other hand they did preserve the residence, of which whole vaults still stand. It is original and unique so far in Portugal where in the 4th c. they still built around the traditional peristyle. This villa is a rectangular structure measuring c. 105 x 25 m. of two stories. The lower vaulted floor would have been used as storerooms and for domestic servants; the upper story, which has housed the owner and his family, it still has some pavements, though the walls have gone, leaving just enough traces to plan the rooms. The facade had a long terrace served by three stairways. Framed by two structures which acted as towers, this terrace opened onto a garden which was watered by a long basin. There was another large tank at the rear of the residence, which was used as a reservoir, fed*

by an aqueduct whose course is now untraceable. For some reason the original plan was never completed. That part of the villa which ought to be a grand reception room, was built no higher than its foundations. It is possible that there was a plan to build baths in the new 4th c. villa which were never built, the old 2nd c. ones being adapted.

The outbuildings included presses, workshops, servants living quarters and baths for them or for the bailiff.

On the edge of the villa is a temple remarkably similar to that at Milreu. Burials in a gallery around the temple show that it became Christian. Curiously we have no trace of Visigothic occupation.

There are no mosaic pavements though tesserae, some of glass, show that they must have existed.

The villa was in the territory of Pax Julia and is known to belong to a family from there, but unfortunately we don't know their name. We have so far failed to locate a mausoleum or cemetery except for the burials mentioned above (1). 1. Almeida, 1971, p. 475-477; Alarcão, 1981, p. 117-123.

8/3 FOCILGOS, Vidigueira, Vidigueira. Uma "statera" de bronze (1). *A bronze balance (1)*. 1. Leite de Vasconcelos, 1927, p. 272.

8/4 BARRANCO DO VALE TAMUJO, Fôvea, Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, maps.

8/5 HERDADE DO MONTE DO OUTEIRO, Olivelas, Ferreira do Alentejo. Alicerces, uma necrópole, moedas de Augusto a Teodósio, vestígios de estrada romana (1). *Foundations, a cemetery, coins from Augustus to Theodosius, remains of a Roman road (1)*. 1. Viana, 1958, p. 4-5; Viana, 1954, p. 17; Amaro, 1982, p. 33-34.

8/6 MONTE DA CASA BRANCA, Alfundão, Ferreira do Alentejo. Alicerces e sépulas (1). *Foundations and sepulchres (1)*. 1. Saa, 1963, p. 67.

8/7 COURRIA DOS ALPENDRES, Ferreira do Alentejo, Ferreira do Alentejo. Alicerces, cerâmica de construção, lápides funerárias (1). *Foundations, brick and tile, gravestones (1)*. 1. Leite de Vasconcelos, 1907, p. 72; Viana, 1955 (2), p. 545; Encarnação, 1984, p. 403.

8/8 VILARES, Alfundão, Ferreira do Alentejo. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Saa, 1963, p. 68-70.

8/9 OUTEIRO ALTO, ou CERRO DOS MOUROS ou OUTEIRO DOS MOUROS, Faro do Alentejo, Cuba. "Opus signinum" e cerâmica (1). *"Opus signinum" and pottery (1)*. 1. Viana, 1946 (1), p. 16.

8/10 MONTE DO OUTEIRO, Cuba, Cuba. Alicerces visíveis à superfície, mas insuficientes para se identificar o tipo de estação, que A. Viana classificou de "villa rustica" ou "vicus" fortificado (1). O sítio é também conhecido por Molinhos do Outeiro ou Mantigas. *Foundations visible on the surface but not enough to be sure about the site which A. Viana classified as a villa "rustica" or fortified "vicus" (1). The site is also known as Molinhos do Outeiro or Mantigas.* 1. Viana, 1946 (1), p. 3-5.

8/11 NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA ROCHA, Cuba, Cuba. Cerâmica romana (1). *Roman pottery (1)*. 1. Viana, 1946 (1), p. 10.

8/12 CUBA. Na igreja matriz encontra-se cópia de uma inscrição funerária (1). Não havendo notícia de achados arqueológicos na área urbana de Cuba, é muito duvidosa a inclusão deste ponto na carta arqueológica. *There is a copy of a funerary inscription in the parish church (1). As there are no reports of Roman remains from the town, it is doubtful that this site should be included.* 1. Encarnação, 1984, p. 410.

8/13 ALTO DA FORÇA, Faro do Alentejo, Cuba. "Opus signinum" e fragmentos de cerâmica (1). *"Opus signinum" and pottery sherds (1)*. 1. Viana, 1946 (1), p. 16, nota 23.

8/14 VINHA DA MANGANCHA, Vidigueira, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica; um fragmento de



"ollum" com inscrição "Vin XI denar(II)" e um tijolo com inscrição "Heren(nius)" (1). Sigillata clara C, segundo informação de Maria da Conceição Lopes, que confirma a existência de abundante cerâmica doméstica e de construção. *Brick and tile and domestic pottery; a dolium sherd inscribed "Vin XI denar(II)" and a tile with "Heren(nius)" inscribed on it (1). Sigillata clara C, according to M. de C. Lopes who reports much pottery.* I. Leite de Vasconcelos, 1927, p. 271.

8/15 MONTE DA MANGANCHA, Vidigueira, Vidigueira. Alicerces, cerâmica de construção e doméstica. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Foundations, brick and tile and domestic pottery.*

8/16 HORTA DO RABIL, Vidigueira, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata clara C. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery, including sigillata clara C.*

8/17 MOINHO BRANCO, Vidigueira, Vidigueira. "Tegulae" e moedas. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Tegulae and coins.*

8/18 MONTE DO ZANGARILHO, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery.*

8/19 MONTE DO POÇO SECO, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica, fragmentos de lucernas, uma coluna de mármore, um peso de lagar. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery, lamp sherds, a marble column, a press weight.*

8/20 MONTE DAS SISMARIAS, Selmes, Vidigueira. "Tegulae", cerâmica doméstica comum, uma coluna de mármore. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Tegulae, coarse domestic pottery, a marble column.*

8/21 MONTE DO PAÇO, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata hispânica e sigillata clara C. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery including Spanish sigillata and sigillata clara C.*

8/22 MONTE DA PONTINHA, Selmes, Vidigueira. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1).* I. Encarnação, 1984, p. 409.

8/23 MONTE DA MISERICÓRDIA, Selmes, Vidigueira. Cerâmica doméstica. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Domestic pottery.*

8/24 MONTE DA TORRE, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata clara C e D. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery including sigillata clara C and D.*

8/25 MONTE DO FREDO, Selmes, Vidigueira. Vestígios romanos não especificados. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Unspecified Roman remains.*

8/26 HERDADE DOS ALFARES, S. Matias, Beja. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1).* I. Encarnação, 1984, p. 372-373.

8/27 ALCARIA, Selmes, Vidigueira. Sob a Igreja actual, uma necrópole de inumação descoberta há cerca de 30 anos. As sepulturas, de pedra, cobertas de tijolos dispostos em falsa cúpula, continham cada uma delas um vaso de barro e cabeceira. Informação de Maria da Conceição Lopes, que a obteve de um trabalhador local. A cronologia romana é insegura; poderá tratar-se de necrópole visigótica. *A inhumation cemetery was discovered about 30 years ago under the church. The stone graves had cordoned roofing of tiles and a clay vase near the head of the body. Information from M. de C. Lopes who got it from a local workman; it could easily be Visigothic rather than Roman.*

8/28 BAIONETAS, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata hispânica e sigillata clara A. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery including Spanish sigillata and sigillata clara A.*

8/29 BAIONAS, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile.*

8/30 BAIONAS, Selmes, Vidigueira. A cerca de 100 metros da anterior estação, cerâmica de construção. Informação de Maria da Conceição Lopes. Sem sondagens. Uma necrópole de inumação, com sepulturas feitas de pedra ou tijolo, muradas e cobertas de lajes de mármore. Informação de Maria da Conceição Lopes. Elementos arquitectónicos visigóticos provam a sobrevivência da ocupação nesta época (1). A necrópole, destruída sem registo, poderia ser da época visigótica. *Brick and tile and domestic pottery, a press weight and according to the locals, monies. A inhumation cemetery of graves of stone or tiles covered and lined with marble slabs. Visigothic architectural fragments show the site was in use then (1). The cemetery that was destroyed without recording, could have been Visigothic.* I. Almeida, 1982, p. 199, 213 e 215.

8/31 MARMEJAR, Pedrógão, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica, um peso de lagar e, segundo descrição de populares, também mosaicos. Uma necrópole de inumação, com sepulturas feitas de pedra ou tijolo, muradas e cobertas de lajes de mármore. Informação de Maria da Conceição Lopes. Elementos arquitectónicos visigóticos provam a sobrevivência da ocupação nesta época (1). A necrópole, destruída sem registo, poderia ser da época visigótica. *Brick and tile and domestic pottery, a press weight and according to the locals, monies. A inhumation cemetery of graves of stone or tiles covered and lined with marble slabs. Visigothic architectural fragments show the site was in use then (1). The cemetery that was destroyed without recording, could have been Visigothic.* I. Almeida, 1982, p. 199, 213 e 215.

8/32 MONTE DO ZANGARILHO, Selmes, Vidigueira. "Tegulae" e uma necrópole de inumação com cobertura de lajes de mármore. A distância a que se acham os vestígios anteriormente referidos na mesma herdade permite considerar que se trata de uma estação diferente. É todavia duvidosa a cronologia da necrópole, que foi destruída por trabalhos de lavoura, sem que tivesse sido registo. Seria uma necrópole visigótica? Informação de Maria da Conceição Lopes. *Tegulae and a inhumation cemetery covered with marble slabs. The distance of this site from the one above (8/18) on the same lands makes it a different one. Its date is doubtful as it was destroyed by work without being recorded. Was it Visigothic?*

8/33 MONTE DO MALHEIRO, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata clara A e C, ânfora e "dolia". Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery including: sigillata clara A and C, amphorae and dolia.*

8/34 MONTE DA ORDEM, Pedrógão, Vidigueira. Em três pontos diferentes desta herdade aparecem vestígios. A distância a que se encontram uns dos outros permite admitir a hipótese de se tratar de três estações diferentes, o que todavia só por meio de sondagens se poderá confirmar. Num ponto, alicerces, "opus signinum", cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata e sigillata clara. Outro, "tegulae" e grandes lajes de xisto com aparência de tampas de sepulturas. Outro ainda, idênticas lajes de xisto, tijolos e fragmentos de cerâmica comum, estes aparentemente procedentes de sepulturas que foram destruídas por trabalhos de lavoura. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Findings in these different places in this estate. The distances from each other make it likely that these are three different archaeological sites, until a trial dig proves otherwise. At one spot - foundations, "opus signinum", brick and tile and domestic pottery including sigillata and sigillata clara. At another - tegulae and large schist blocks which look like coffin lids. In yet another - the same schist blocks, tiles and sherds of coarse ware which appear to come from a cemetery which has now been destroyed.*

8/35 MONTE DAS FONTES, Pedrógão, Vidigueira. Cerâmica de construção. Uma inscrição funerária inédita. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and an unpublished funerary inscription.*

8/36 MONTE DA CASA BRANCA, Pedrógão, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica. A alguma distância, na mesma herdade, uma necrópole de inumação, cujas sepulturas teriam um vaso de barro e cabeceira. Sem sondagens, é impossível determinar se a necrópole corresponde a estação romana; não é de excluir a hipótese de se tratar de uma necrópole visigótica. *Brick and tile and domestic pottery. Some distance away on the same lands a inhumation cemetery whose graves have a clay vase near the head. Without trial*



## 192 FARO

*As we cannot tell if these are Roman or Visigothic.*

8/37 MONTE DO PESO, Pedrógão, Vidigueira. "Tegulae" e uma necrópole de inumação. As sepulturas, que tinham um vaso de barro à cabeça, foram destruídas sem que tenha ficado rastos. Informação de Maria da Conceição Lopes. E divindes a cronologia da necrópole: tardo-romano ou visigótica? *Tegulae and a inhumation cemetery. The burials which had a clay vase near the head were destroyed without being recorded. Late Roman or Visigothic?*

8/38 MONTE DAS CORTES DE BAIXO, Pedrógão, Vidigueira. Cerâmica de construção e "opus signinum". Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and "opus signinum".*

8/39 MONTE DA ANDRÉSIA, Selmus, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery.*

8/40 MONTE DA FARELEIRA, Pedrógão, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata; um conjunto de cerca de 20 pesos de laçar, uma colona de mármore; uma moeda do séc. IV d.C. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery including sigillata; a group of 20 press weights; a marble column; a 4thC coin.*

8/41 HORTA DO CANO, Pedrógão, Vidigueira. Fustes e bases de colunas, cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata clara A e C e sigillata hispânica. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Column shafts and bases, brick and tile and domestic pottery including Spanish sigillata and sigillata clara A & C.*

8/42 MONTE DE D. MARIA, Pedrógão, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata hispânica e sigillata clara C. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile and domestic pottery including Spanish sigillata and sigillata clara C.*

8/43 RABADOA, Pedrógão, Vidigueira. Cerâmica de construção. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile.*

8/44 MINA DAS AZENHAS, Pedrógão, Vidigueira. Cerâmica de construção. Segundo a tradição local, haveria aqui escória em abundância e restos de fundição, revolvendo e destruídos por explorações efectuadas na década de 1930. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Brick and tile. According to local tradition there was a foundry and much slag which were disturbed and destroyed in the 1930s.*

8/45 SENHOR DA SIERRA, Moura (S. João Baptista), Moura. Vestígios romanos não especificados. Informação de João da Moura. *Unspecified Roman remains.*

8/46 ARDILA, Moura (S. João Baptista), Moura. Cerâmica de construção, placas de mármore, "dolia" (?). *Brick and tile, marble plaques, dolia (?).* 1. Lima, 1981, p. 382.

8/47 PORTO DE MOURÃO, Moura (S. João Baptista), Moura. Ponto de passagem da via romana. Vestígios não especificados (?). *A possible Roman road. Unspecified Roman remains (?).* 1. Lima, 1981, p. 190.

8/48 QUINTA DA FORMIGA, Moura (S. João Baptista), Moura. Vestígios romanos não especificados (?). *Unspecified Roman remains (?).* 1. Lima, 1981, p. 176.

8/49 JORDANA, Moura (S. João Baptista), Moura. Vestígios romanos não especificados (?). *Unspecified Roman remains (?).* 1. Meira, 1965, mapa.

8/50 QUINTA DA ESPERANÇA, Moura (S. João Baptista), Moura. Vestígios de estrada e materiais romanos não especificados (?). *Remains of a road and unspecified Roman material (?).* 1. Lima, 1981, p. 190.

8/51 PARDALINQUEIRA, Moura (S. João Baptista), Moura. Vestígios de estrada romana (?). *Remains of a Roman road (?).* 1. Lima, 1981, p. 190.

8/52 QUINTA DE S. LÓURINÇO, Moura (S. João Baptista),

Moura. Vestígios de estrada e cerâmica de construção (?). *Remains of a Roman road and brick and tile (?).* 1. Lima, 1981, p. 178 e 192.

8/53 CALÇADINHA, Moura (S. João Baptista), Moura. Vestígios de estrada e cerâmica de construção de um lado e do outro da via (?). *Remains of a road with the remains of brick and tile on both sides (?).* 1. Lima, 1981, p. 186; Lima, 1981, p.370-371.

8/54 CABEÇO DAS LOENDREIRAS, Moura (Santo Agostinho), Moura. Vestígios romanos não especificados (?). *Unspecified Roman remains (?).* 1. Lima, 1981, p. 211.

8/55 BRENHAS, Moura (S. João Baptista), Moura. Cerâmica de construção, vestígios de estrada e de ponte (?). *Brick and tile. Remains of a road and a bridge (?).* 1. Lima, 1981, p. 176, 186, 190; Lima, 1981, p. 369.

8/56 HORTA DAS AMENDOEIRAS, Moura (S. João Baptista), Moura. Cerâmica de construção (?). *Brick and tile (?).* 1. Lima, 1981, p. 179.

8/57 OLIVAL DO CONSELHEIRO, Moura (S. João Baptista), Moura. Vestígios romanos não especificados (?). *Unspecified Roman remains (?).* 1. Lima, 1981, p. 176.

8/58 QUINTA DE SANTA JUSTA, Moura (S. João Baptista), Moura. Cerâmica de construção e vestígios de estrada (?). *Brick and tile and the remains of a road (?).* 1. Lima, 1981, p. 176-177 e 186.

8/59 MOURA. Foi "oppidum" pré-romano e sede de uma "civitas". O nome está atestado por uma inscrição honorífica a Agripina encontrada na cerca do convento de Nossa Senhora da Assunção do Castelo (CIL II 963): "civitas Arrucitana". O castelo poderá ocupar a área do "forum", pois, além desta inscrição, apareceram aí colunas, dois grandes capitais coríntios, restos de um friso. Em diversos pontos da actual área urbana de Moura têm aparecido achados romanos: no Estádio Municipal, no Campo da Feira, na Porta Nova, na estação dos caminhos de ferro, no cemitério, no forte de S. Francisco. Na Porta Nova apareceram mosaicos; perto, encontraram-se fornos, ânforas, lucernas, moedas de Constantino. No bairro de Salgueiros, sepulturas, uma pedra que serviu possivelmente de "area" de prensagem de laçar, cerâmica e moedas (?). *A pre-Roman "oppidum" and capital of a "civitas". We know its name was Civitas Arrucitana from an inscription to Agrippina found in the area of the convent of N. Sra. da Assunção do Castelo (CIL II 963). The castle could be on top of the forum which produced in addition to the inscription above, columns, two large Corinthian capitals and the remains of a frieze. Roman finds have appeared in various sites in Moura in: the municipal stadium, the Campo da Feira, in the Porta Nova, the railway station, the cemetery and in the fort of S. Francisco. At Porta Nova, mosaics; near St. Kilian, amphorae, lamps, coins of Constantine. In the district of Salgueiros, burials, a possible press bed, pottery and coins (?).* 1. Lima, 1981, p. 170-183; Lima, 1981, p. 20-27, 154-157, 358-362.

8/60 CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO, Moura (S. João Baptista), Moura. Cerâmica de construção (?). *Brick and tile (?).* 1. Lima, 1981, p. 179.

8/61 AVÓ DE LOURENÇO, Moura (S. João Baptista), Moura. Abundante cerâmica de construção (?). *Much brick and tile (?).* 1. Lima, 1981, p. 179.

8/62 BOEIRAS, Moura (Santo Agostinho), Moura. Vestígios romanos não especificados (?). *Unspecified Roman remains (?).* 1. Lima, 1981, p. 176.

8/63 COUTADA, Moura (Santo Agostinho), Moura. Cerâmica de construção e vestígios de estrada (?). *Brick and tile and the remains of a road (?).* 1. Lima, 1981, p. 186; Lima, 1981, p. 371.

8/64 LADEIRINHA BRANCA, Moura (Santo Agostinho), Moura. Vestígios de estrada romana (?). *The remains of a Roman road (?).* 1. Lima, 1981, p. 188.

8/65 ENCARRERADAS, Moura (Santo Agostinho), Moura



Cerâmica de construção e doméstica, moedas (1). *Brick and tile and domestic pottery, coins (1)*. 1. Lima, 1951, p. 179.

8/66 PIZZÓMS, Moura (Santo Agostinho), Moura. Vestígios de estrada e, junto dela, cerâmica de construção; uma ponte cujos fundamentos seriam romanos (1). *Remains of a road and next to it, brick and tile; a bridge with Roman foundations (1)*. 1. Lima, 1951, p. 188.

8/67 TAPADA, Moura (Santo Agostinho), Moura. Uma inscrição funerária, cerâmica de construção, "dolia", mós (1). *A funerary inscription, brick and tile, dolia, querns (1)*. 1. Lima, 1951, p. 203; Lima, 1946.

8/ \*\*\*VILA GIL, (?), Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Lima, 1951, p. 176.

8/ \*\*\*S. CRISTÓVÃO, (?), Moura. Uma inscrição cujo texto e paradeiro se ignora, um "dolum" inteiro com inscrição em letra cursiva e duas ânforas (1). *An inscription whose text and whereabouts are unknown; a complete dolum with cursive letters and two amphorae (1)*. 1. Lima, 1951, p. 176-177.

8/ \*\*\*MATA SETE, (?), Moura. Vestígios de estrada (1). *Remains of a road (1)*. 1. Lima, 1951, p. 188.

8/ \*\*\*FOJO, (?), Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Lima, 1951, p. 176.

8/ \*\*\*FORÇA, (?), Moura. Vestígios de estrada (1). *Remains of a road (1)*. 1. Lima, 1951, p. 190.

8/ \*\*\*FARELOS, (?), Moura. Vestígios de estrada (1). *Remains of a road (1)*. 1. Lima, 1951, p. 188.

8/ \*\*\*COURELA DE S. TOMÉ, (?), Moura. Cerâmica abundante (1). *Much pottery (1)*. 1. Lima, 1951, p. 179.

8/ \*\*\*COMUAS, (?), Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Lima, 1951, p. 176.

8/ \*\*\*CASTELO DAS GUERRAS, (?), Moura. Possível "villa", onde se tem encontrado sigillata (1). *Possibly a villa where sigillata has been found (1)*. 1. Casiro, 1977, p. 419-422.

8/ \*\*\*CABEÇO REDONDO, (?), Moura. Vestígios romanos não especificados; perto, um miliário com inscrição indecifrável (1). *Unspecified Roman remains; nearby a milestone with an indecipherable inscription (1)*. 1. Lima, 1951, p. 187.

8/68 SANTO AMADOR, Santo Amador, Moura. Em local incerto desta freguesia foi encontrada a inscrição funerária CIL II 970, que recorda uma "Modesta", natural de "Fax Iulia" (1). *Somewhere in the parish, the funerary inscription (CIL II 970) was found which records a certain Modesta, native of Fax Iulia (1)*. 1. Lima, 1951, p. 187; Lima, 1981, p. 372-373.

8/69 MONTE PINTADO, Santo Amador, Moura. Vestígios romanos não especificados. Informação de João da Moura. *Unspecified Roman remains*.

8/70 CABEÇO DOS ALQUEVES, Moura (Santo Agostinho), Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Lima, 1951, p. 211.

8/71 MINA DE RUY GOMES, Moura (Santo Agostinho), Moura. Diversas marchadas de pedra encontradas em galerias de exploração antiga sugerem que já na Idade do Bronze se extraía cobre desta mina. Numa galeria aberta a 9 metros de profundidade recolheram-se luernas, cunhas de ferro e uma moeda de Cláudio (1). *Several stone axes found in ancient galleries suggest that copper was mined in the Bronze Age. In a gallery 9 m. deep, lamps, iron wedges and a coin of Claudius were found (1)*. 1. Lima, 1981, p. 332-336; Figueira, 1945, p. 296-303.

8/72 MONTALVO, Moura (Santo Agostinho), Moura.

Inscrição ainda inédita, no Museu de Moura. Informação de João da Moura. *An unpublished inscription in the Museum of Moura*.

8/73 GARROCHAIS ou ARROCHAIS DE VALE DE NAVARRO, Amareleja, Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moura, 1965, mapa.

8/74 HERDADE DAS SESMARIAS DA VOLTA, Salfra, Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moura, 1965, mapa.

8/75 MONTINHO, Peroguarda, Ferreira do Alentejo. Cerâmica de construção. Uma inscrição funerária (1). Talvez provenha deste mesmo lugar uma segunda inscrição funerária (2). *Brick and tile. A funerary inscription (1) with perhaps another from the same site (2)*. 1. Encarnação, 1984, p. 413; 2. Encarnação, 1984, p. 411.

8/76 QUINTA DE S. VICENTE, Ferreira do Alentejo, Ferreira do Alentejo. Vestígios romanos não especificados, talvez de uma "villa" (1). *Unspecified Roman remains, perhaps a villa (1)*. 1. Amaro, 1982, p. 33-34.

8/ \*\*\*HERDADE DAS MOCCICAS, (?), Ferreira do Alentejo. Um bronze representando um braço humano, talvez "ex voto" (1). *A bronze human arm, perhaps an "ex voto" (1)*. 1. Viana, 1945(2), p. 323.

8/77 ALFUNDÃO, Alfundão, Ferreira do Alentejo. Vestígios romanos não especificados, mas interpretados como restos de uma "villa" (1). Duas inscrições funerárias (2). *Unspecified Roman remains interpreted as a villa (1). Two funerary inscriptions (2)*. 1. Amaro, 1982, p. 33-34; 2. Encarnação, 1984, p. 404 e 407.

8/78 PEROGUARDA, Peroguarda, Ferreira do Alentejo. O achado, no mesmo local, de algumas centenas de lucernas sugere a existência de um santuário. Não se encontraram, porém, quaisquer vestígios de templo nem inscrição votiva (1). Sepulturas e uma inscrição funerária (2). *The hundreds of lamps found, suggest a sanctuary. Though no temple or votive inscriptions have been found (1). Burials and a funerary inscription (2)*. 1. Nunes Ribeiro, 1959, p. 79-102; Viana, 1956, p. 123-138; Viana, 1955 (2), p. 545; 2. Viana, 1955 (2), p. 545; Encarnação, 1984, p. 411.

8/79 HERDADE DA ZAMBUJEIRA, Peroguarda, Ferreira do Alentejo. Uma necrópole (1). *A cemetery (1)*. 1. Amaro, 1982, p. 33-34.

8/80 SANTA LUZIA, Peroguarda, Ferreira do Alentejo. "Tegulae" (1). *Tegulae (1)*. 1. Sá, 1963, p.224.

8/81 HERDADE DA MISERICÓRDIA, Beringel, Beja. Uma inscrição votiva a Apolo e uma inscrição funerária (1). Moedas e uma estatua de Vênus Anadiomene, em mármore (2). Parece dever identificar-se com a Herdade da Misericórdia a estação arqueológica que Abel Viana designa pelo nome de Ponte de Lisboa, e onde encontrou missões, fustes de colunas, cerâmica de construção (incluindo tijolos de coluna), tanques ferrados de mosaico ou de "opus signinum", cacos de chumbo e moedas que vão da República até Honório e Arcádio (3). *A funerary and a votive inscription to Apollo (1). Coins and a marble statuette of Venus Anadyomene (2). It appears that this could be the same site which A. Viana called Ponte de Lisboa and found: mosaic, column shafts, brick and tile including column tiles, basins lined with mosaic or "opus signinum", lead pipes and coils from Republican times to Honorius and Arcadius (3)*. 1. Encarnação, 1984, p. 354-355, 380-391; 2. Marvão, 1966, p. 578-580; Viana, 1943, p. 47-52; 3. Viana, 1949, p. 153-183.

8/82 OLIVAL DE CORTA VENTOS, Beringel, Beja. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1)*. 1. Encarnação, 1984, p. 398.

8/83 CORTEIS, Mombaça, Beja. Uma sepultura de inumação contendo um unguentário (1). *A grave containing an unguent vessel (1)*. 1. Alarcão, 1978, p. 103 e 111; Leite de Vasconcelos, 1909, p. 37.



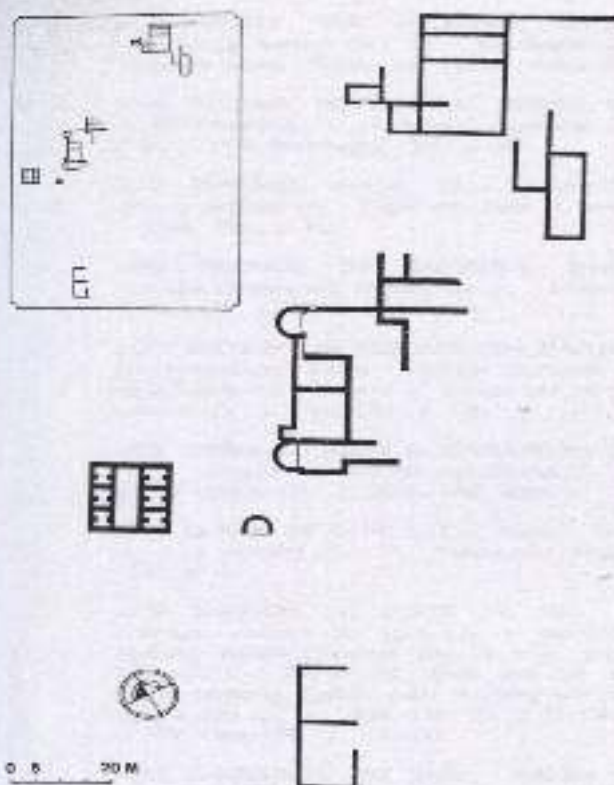


Fig. 157: Monte do Melo (8/86) Planta da villa. (The villa)

8/ \*\*VILA VERDE ou VILAR, Alfândega, Ferreira do Alentejo. Vestígios romanos não especificados, à parte uma vaga referência a "mármore" (1). Trata-se de uma "villa". Unspecified Roman remains apart from a vague reference to "marble" (1). Could be a villa. 1. Saa, 1963, p. 68-69; Viana, 1959 (1), p. 38.

8/84 TORRE DO PINTO, S. Matias, Beja. Uma termas, provavelmente tr egradas numa "villa" (1). Baths probably in a villa (1). 1. Viana, 1957 (1), p. 36.

8/85 TRIGACHES, Beringel, Beja. Três inscrições funerárias (1). Three funerary inscriptions (1). 1. Encarnação, 1984, p. 371-372, 383-384, 391-392.

8/86 MONTE DO MEIO, S. Brissos, Beja. (fig. 157). "Villa". Mosaicos: na argamassa de assentamento de um deles encontrou-se uma moeda de Honório. Descobriu-se parcialmente o balneário e identificou-se um lugar da época tardia, pois que se instalou numa sala anteriormente pavimentada de mosaico. Não se conhece a planta completa da "villa", que se centrava num peristilo e incluía diversas divisões com abside (1). Villa. Mosaics in one a coin of Honorius was found. Parts of baths and a press of late date as it was in a room with mosaics, were identified. We do not have a complete plan but it was built around a peristyle and included several rooms with apses (1). 1. Viana, 1959 (1), p. 36-43; Viana, 1954, p. 13-16.

8/87 TORRE DO S. BRISSOS, S. Brissos, Beja. Vestígios romanos não especificados, provavelmente de uma "villa" (1). Unspecified Roman remains, probably a villa (1). 1. Viana, 1959 (1), p. 38.

8/88 HERDADE DE SANTA LUZIA, S. Brissos, Beja. Uma inscrição funerária (1). A funerary inscription (1). 1. Encarnação, 1984, p. 381.

8/89 HERDADE DO ALAMO, S. Brissos, Beja. Duas inscrições: a primeira, funerária, cobria uma sepultura; a segunda é ininteligível pela exiguidade do texto conservado (1). Two inscriptions: one covering a grave is funerary; the

other is unintelligible for lack of surviving text (1). 1. Encarnação, 1984, p. 373-374 e 395.

8/90 HORTA DO POMBAL, (?), Beja. Mosaico (1). Temos dúvidas sobre se cartografámos correctamente esta colónia, que é indicada, de forma imprecisa, como situada na área de Beringel; na carta 1:25.000, o único topónimo "Horta do Pombal" que encontramos na zona situa-se onde o assinalámos. Mosaico (1). We have doubts about the precise location of this site which we only know is in the area of Beringel: the 1:25,000 map only marks one place with this name which is where we have marked it on our map. 1. Viana, 1957 (1), p. 25.

8/91 FONTE DOS CÂNTAROS ou MONTE DA FONTE DOS CÂNTAROS, S. Brissos, Beja. Termas (1), pedras aparelhadas, incluindo arcos de um arco (2), um miliário de Valentíniano I e Valente, datível de 365 d.C. (3). Baths (1), worked stones including vaults (2); a milestone of Valentianus and Valens of 365 A.D. (3). 1. Viana, 1957 (1), p. 36; Saa, 1956, p. 100-101; 2. Viana, 1945 (1), p. 233; 3. Encarnação, 1984, p. 734.

8/92 \*HERDADE DE MESÃO FRIO, S. Matias, Beja. Uma necrópole com pelo menos 19 sepulturas, uma delas coberta por uma lápide a "Julia Quintilla", natural de Eborac (1). A cemetery with at least 19 burials, one covered by a stone to Julia Quintilla, a native of Eborac (1). 1. Encarnação, 1984, p. 368.

8/93 HERDADE ou HORTA DAS PEDRAS, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção e doméstica comum. Segundo informação oral prestada a Maria da Conceição Lopes, de quem recebemos a notícia, teriam sido descobertos arcos feitos de tijolo. Brick and tile and coarse domestic ware. According to information given to M. de C. Lopes, brick arches have been found.

8/94 ESPOLA, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção, sigillata hispânica e sigillata clara C. Informação de Maria da Conceição Lopes. Brick and tile, Spanish sigillata and sigillata clara C.

8/95 MONTE DA CEGONHA, Selmes, Vidigueira. "Villa" em curso de escavação, não sendo ainda possível fazer ideia da planta, dada a reduzida área posta a descoberto. Materiais de séc. I ao IV d.C. Ocupação visigótica e muçulmana. - Informação de Maria da Conceição Lopes e Rafael Aftenim. A villa being excavated, whose plan can not yet be determined from the small area explored. Materials from 1st to 4th C., Visigothic and Muslim periods.

8/96 HERDADE DO ZAMBUJAL ou MONTE DO PEXEM, Selmes, Vidigueira. Cerâmica de construção junto de um monumento megalítico. Informação de Maria da Conceição Lopes. Brick and tile next to a megalithic monument.

8/97 QUINTA DAS PALAS, Nossa Senhora das Neves, Beja. Uma moeda de Maximino (1). A coin of Maximinus Thrax (1). 1. Correia, 1912, p. 121.

8/98 TAGARRIA, Balcissa, Beja. Vestígios romanos não especificados (1). Unspecified Roman remains (1). 1. Viana, 1959 (1), p. 38.

8/99 CAEIRO, Beja (Santa Maria da Feira), Beja. "Tegulas", moedas, uma garrá de animal, em bronze, uma necrópole (1). Tegulae, coins, a bronze animal claw, a cemetery (1). 1. Leite de Vasconcelos, 1918, p. 107.

8/100 MONTE DO CASTELO, Pedrógão, Vidigueira. Sigillata clara C e D. Informação de Maria da Conceição Lopes. Sigillata clara C and D.

8/101 MONTE DE S. LUÍS, Balcissa, Beja. Pavimentos de "opus signinum", cerâmica de construção e doméstica (incluindo sigillata hispânica). No local existe uma capela onde se nota, reutilizado, um friso visigótico. Informação de Maria da Conceição Lopes. Pavements of "opus signinum", brick and tile, and domestic pottery including Spanish sigillata. There is also a chapel which has a re-used Visigothic frieze.

8/102 S. LOURENÇO, Pedrógão, Vidigueira. Alicerces, "opus



egípcio", cerâmica de construção. Uma necrópole de inumação, cujas sepulturas tinham um vaso de barro à cabeça; inicialmente destruída sem que tivesse ficado registado. Seria visigótica? Informação de Maria da Conceição Lopes. *Foundations, "opus signinum", brick and tile. A columbarium cemetery whose graves have a clay vase near the head, unfortunately destroyed before it was recorded. Is it Visigothic?*

8/103 MONTE DOS GALEADOS, Brinches, Serpa. "Tegulae" e sigillata clara D. Informação de Maria da Conceição Lopes. *Tegulae and sigillata clara D*

8/104 HERDADE DO LAMARIM, Balseão, Beja. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1)*. 1. Dias, 1983, p. 5-6; Encarnação, 1984, p. 387.

8/105 BRINCHES, Brinches, Serpa. Referências vagas a estações romanas (1). *Vague references to Roman sites (1)*. 1. Lima, 1951, p. 183.

8/106 HERDADE DA RAPOSEIRA, Brinches, Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/107 MACHAIXOS ou HERDADE DOS MACHADOS, Moura (Santo Agostinho), Moura. Vestígios de estrada e outros não especificados (1). *Remains of a road and other unspecified remains (1)*. 1. Lima, 1951, p. 192.

8/108 MONTE DA TORRE ou HERDADE DA TORRE, Plas, Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/109 MONTE DA CAPELA, Plas, Serpa. Uma necrópole (1). *A cemetery (1)*. 1. "Informação Arqueológica", 1, 1979, p. 16.

8/110 HERDADE DA FONTE DA PIPA, Plas, Serpa. Alicerces, cerâmica de construção e doméstica (incluindo sigillata), moedas (incluindo duas de ouro, visigóticas), uma represa (1). *Foundations, brick and tile and domestic pottery including sigillata, coins including two gold Visigothic ones, a dam (1)*. 1. Viana, 1955 (1), p. 11-14; Lima, 1951, p. 179; Lima, 1961, p. 161-164.

8/111 CASQUEIROS, Plas, Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/112 FARRADAS, Santo Amador, Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/113 COROADA, Sobral da Adiça, Moura. Um miliário cuja inscrição é ilegível (1). Talvez se deva identificar Coroada com Cabeço Redondo, estação citada por Lima (2). Não conseguimos localizar Cabeço Redondo, dado que o autor regista aqui um miliário com inscrição indecifrável, talvez Cabeço Redondo seja microtopónimo nas vicinhanças de Coroada; os dois miliários, ambos Begiveis ou indecifráveis, seriam uma única e mesma peça. *A milestone whose inscription is illegible (1). Perhaps this is the same site as that called Cabeço Redondo by Lima (2). As he recorded an indecipherable milestone it is possible that his site is the name of a spot in Coroada, so that we are describing the same object.* 1. Lima, 1961, p. 373; 2. Lima, 1951, p. 187.

8/114 CARRASCA ou HORTA DA CARRASCA, Sobral da Adiça, Moura. Vestígios romanos não especificados (1); uma inscrição CIL II 93 (2). *Unspecified Roman remains (1); an inscription (CIL II 93) (2)*. 1. Lima, 1951, p. 211; Saa, 1963, p. 306; 2. Encarnação, 1984, p. 298.

8/115 HERDADE DOS BORRAZEIROS, Sobral da Adiça, Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. "O Arqueólogo Português", 3ª série, 2, 1968, p. 204.

8/116 BELMEQUE, Vale de Vargo, Serpa. Uma inscrição consagrada a Mercúrio (1), uma necrópole e outros vestígios romanos não especificados (2). *An inscription consecrated to Mercury (1), a cemetery and other unspecified Roman remains (2)*. 1. Lima, 1951, p. 192; Lambrino, 1967, p.

143; 2. Saa, 1963, p. 276.

8/117 MONTE DO ALAMO, Sobral da Adiça, Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Saa, 1963, p. 306; Lima, 1951, p. 206.

8/118 SÁFARA, Sáfara, Moura. Um bronze figurativo que representa um bovino (1). *A bronze figurine of a bovine (1)*. 1. Leite de Vasconcelos, 1896, p. 245.

8/119 ZAMBUJEIRA, Santo Aleixo da Restauração, Moura. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1)*. 1. Lima, 1951, p. 206.

8/120 GORGALÃO ou GARGALÃO, Sobral da Adiça, Moura. Vestígios romanos não especificados. Possível povoado mineiro (1). *Unspecified Roman remains, possibly a mining settlement (1)*. 1. Lima, 1951, p. 211; Saa, 1963, p. 306.

8/121 CARAPINHAIS, Sobral da Adiça, Moura. Sepulturas (1). *Burials (1)*. 1. Saa, 1963, p. 306.

8/122 MONTE DA NEGRITA, Santo Aleixo da Restauração, Moura. Vestígios romanos. Informação de João da Moura. *Roman remains*.

8/123 CERCA DO TOURIL, Sobral da Adiça, Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Lima, 1951, p. 211.

8/124 PARREIRA ou MONTE DA PARREIRA, Sobral da Adiça, Moura. "Tegulae" e "imbrices" (1). *Tegulae and imbrices (1)*. 1. Lima, 1951, p. 206; Saa, 1963, p. 278-279.

8/125 SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO, Santo Aleixo da Restauração, Moura. Alicerces romanos no local onde se construiu o sítio da Federação Nacional dos Produtores de Trigo (1). *Roman foundations where the F.N.P.T. site was built (1)*. 1. "Diário de Notícias" de 28.7.1961 e "Comércio do Porto" de 1.3.1961.

8/126 SAFAREJINHO, Santo Aleixo da Restauração, Moura. Numa elevação do terreno sobranceiro à ribeira de Safarejinha, vestígios de muros e uma "urna muito bem lavrada" com 10 ou 11 garrafas de vidro e algumas de barro, todas cheias de cinzas (1). *On rising ground overlooking the Safarejinha, remains of walls and a "very fine urn", with 10 or 11 glass bottles and some clay ones all filled with ash (1)*. 1. Cardoso, 1747, vnc. "5. Aleyro".

8/127 PEDRAS TALHADAS, Santo Aleixo da Restauração, Moura. Vestígios romanos não especificados. Informação de João da Moura. *Unspecified Roman remains*.

8/128 MONTE DA CHAMINÉ, Ferreira do Alentejo, Ferreira do Alentejo. Moedas, cerâmica campaniana, sigillata itálica e hispânica, sigillata clara, moedas dos sécs. III e IV d.C. (1). *Moneta; Campanian ware; South Gaulish, Spanish and chiara sigillata, coins of 3rd and 4th c. A.D. (1)*. 1. Amaro, 1982, p. 33.

8/129 MOMBEGA, Mombega, Beja. Um balneário e uma necrópole com lucernas intactas (1). *A bath and a cemetery with whole lamps (1)*. 1. Marvão, 1966, p. 578-580; Ferreira de Almeida, 1953, n.º 232.

8/130 SANTA VITÓRIA, Santa Vitória, Beja. Alicerces, cerâmica, uma necrópole (1). Um tesouro de moedas com médios bronzes de Constantino I e Honório (2). *Foundations, pottery, a cemetery (1). A hoard of half bronze coins from Constantianus to Honorius (2)*. 1. Viana, 1956, p. 142; 2. Hipólito, 1961, p. 85-86.

8/131 CARIOIA, Santa Vitória, Beja. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Viana, 1959 (1), p. 38.

8/ \*\*HERDADE DO CILÃO, Mombega, Beja. Vestígios romanos abundantes não especificados, aparte uma ânfora (1). *Large amounts of Roman remains, unspecified except for an amphora (1)*. 1. Leite de Vasconcelos, 1893(1), p. 361.

8/132 HERDADE DO MONTE CURRAL, S. Tiago Maior,



Beja. Vestígios diversos, designadamente cerâmica (1). *Various remains, particularly pottery (1)*. 1. Nunes Ribeiro, 1956 (2), p. 5.

8/133 VALS DE AGUIEIRO ou SULATESTA, Beja (Santa Maria da Feira). Beja (Fig. 164). Uma das "villas" mais notáveis das arruadoras de Beja onde, infelizmente, nunca se fizeram escavações sistemáticas, sendo talvez pouco o que hoje possa restar dela. Há todavia ainda muros e mosaicos. Segundo F. Caetano da Silva, ter-se-iam descoberto aqui ruínas de um grande edifício com pavimentos e paredes feitas de mármore, restos de um templo, uma estátua análoga de Cibele (1). A estátua foi referida por diversos autores (2). Um outro escritor do séc. XVIII, Frei Vicente Salgado, menciona um "tanque de banho um uma casa de abóbada" (possivelmente umas termas) e refere tijolos da coluna, lápides, lucernas, fragmentos de escultura (3). Outra notícia ainda enumera elementos arquitectónicos, diversos peças da escultura, que eram abundantes mas se recolheram muito fragmentadas, lucernas, vidros, anéis de ouro, moedas, terrações (4). Achou-se uma mão de mármore segurando uma patera (5). Uma coluna de mármore dos inícios do séc. IV d.C. apresenta uma original decoração figurativa (6). As inscrições perderam-se, havendo apenas notícia de uma epítola, aparentemente de um escravo (7). *One of the most important villas in the Beja area, which unhappily has never been excavated systematically; it seems that little of it remains today except for some walls and traces of mosaics which can still be seen. According to F.C. da Silva there were the ruins of a large building with pavements and walls covered in marble, the remains of a temple, a damaged statue of Cybele (1). This statue is referred to by several authorities. An 18thC writer, Salgado mentions "a bathing pool in a vaulted house" (possibly baths) and column tiles, inscribed stones, lamps, and pieces of sculpture (3). Others refer to architectural elements, several sculptures of which there were many but very broken, lamps, glass, gold rings, coins, inscriptions (4). A marble hand holding a patera was also found (5). A marble column from the beginning of the 4thC with original figurative decoration (6). The inscriptions are lost but one was apparently the epitaph of a slave (7)*. 1. Viana, 1947 (2), p. 85; 2. Philippe Slieders, 1869, p. 11-12; Viana, 1956, p. 113-114; 3. Viana, 1954, p. 28; 4. Sá, 1888, p. 154-155 e 171-172; 5. Leite de Vasconcelos, 1913, p. 466-467; Leite de Vasconcelos, 1920 (2), p. 272; 6. Gamar, 1971, p. 489-493; 7. Encarnação, 1984, p. 345.

8/134 LOBEIRA DO MEIO, Beja (Santiago Maior), Beja. Vestígios romanos não especificados (1). Parece-nos que devíamos situar aqui uma estação romana ("villa?") independente da das Reprezas (1). *Unspecified Roman remains (1). We think that this is a different site (a villa?) from that of Reprezas (8/135) (1)*. 1. Viana, 1955 (1), p. 30-31.

8/135 REPREZAS, Beja (Santiago Maior), Beja. Estação arqueológica situada junto da estação ferroviária de Reprezas, na Herdade da Lobeira do Balvo ou Lobeira Grande. Embora não se tenham descoberto, ao acaso das lavuras, senão alguns alçórceres pouco significativos, pavimentos de tijoleiras e de "opus signinum" (1), (não há notícia de mosaicos ou elementos arquitectónicos), parece dever localizar-se aqui uma "villa". Têm-se achado moedas de Carisio e Honorio (2) e, sobretudo, cerâmica fina em grande abundância (sigillata, sigillata clara, lucernas, cerâmica de paredes finas) (3). Talvez provenha daqui uma inscrição a Lúcio Vero, erigida pelos duárviros de Beja (4). As referências a este achado são todavia vagas, e a lápide poderá ter sido encontrada na Lobeira do Meio. Das Reprezas provêm duas inscrições funerárias (5). Talvez ainda uma estátua que se encontra no Museu Regional de Beja, embora esta também tenha sido atribuída a Pisões (6). *The site is next to the railway station in Herdade da Lobeira do Balvo or Lobeira Grande. It would not have been found without the public works which turned up some insignificant foundations, pavements of tiles and "opus signinum" (1); (we have no reports of mosaics or architectural elements, though it does appear to be a villa. Coins of Carisius or Honorius (2) and particularly large amounts of fine pottery (sigillata, sigillata clara, lamps, thin walled vessels) (3). Perhaps an inscription to Lucius Vero, erected by the duumviri of Beja, came from here (4). The references to this find are vague and it could have been found at 8/134. It also provided*

two funerary inscriptions (5). Although attributed to Pisões (8/137) as well, a statue in the Beja museum may be from here (6). 1. Nunes Ribeiro, 1956, p. 90; 2. Nunes Ribeiro, 1956 (1), p. 457; 3. Nunes Ribeiro, 1958, p. 77-87, 111-120; Viana, 1955 (1), p. 29-32; Nunes Ribeiro, 1956 (1), p. 453-459; 4. Encarnação, 1984, p. 361-363; 5. Encarnação, 1984, p. 376-377 e 386-387; 6. Viana, 1955 (1), p. 31; Nunes Ribeiro, 1956 (1), p. 454.

8/136 CORTE NEGRA, Mumbaja, Beja. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1)*. 1. Encarnação, 1984, p. 385.

8/137 PISÕES, Beja (Santiago Maior), Beja. (Figs. 35). "Villa" de que só se acha escavada, e mesmo assim parcialmente, a "pars urbana". Esta compreende mais de 40 divisões, centradas num pequeno peristilo de quatro colunas, surpreendentemente reduzido para "villa" de tão grandes dimensões. Aparentemente, a fachada, que seria porticada, está virada a sul, abrindo sobre um grande tanque de 40 x 8, 30 m. O corredor [1] dá acesso ao peristilo [5], para o qual se abrem as salas [2] e [4], aquela com abside e um pequeno lago central [3], segundo um modelo que se encontra em outras "villas" tardo-romanas, designadamente na de Cardílio (Torres Novas). As termas [6], de dimensões muito consideráveis, ficam a noroeste e compreendem uma piscina de ar livre [7] com 6 x 4, 60 m. O relatório publicado descreve sumariamente e ilustra os mosaicos que pavimentam diversas salas mas não resolve o problema da cronologia da "villa" nem esclarece o destino das diversas salas. O espólio vai do séc. I d.C. até à época visigótica (1). Uma inscrição, consagrada à deusa "Salus" por Numerius, escravo de Caius Atilius Cordus, dá-nos talvez o nome da família que, no séc. I d.C., era a proprietária da "villa", família eventualmente aparentada com aquela que se regista na Herdade da Igreja, freguesia de Santiago do Bonural, concelho de Montemor-o-Novo. Além desta inscrição acha-se publicada uma outra, funerária (2). A villa of which only the "pars urbana" has been excavated and that partially. This consists of over 40 rooms, centred round a small peristyle of 4 columns, most surprising in so large a villa. Apparently, the facade which was porticoed was turned to the south, opening on a large basin 40 x 8.30 m. A corridor [1] led to the peristyle [5], from which opened rooms [2] and [4], the former with an apse and a small pond in the middle [3], following the plan of other late Roman villas, particularly Cardilio (5/56). The large baths [6] were in the northwest and included an open-air swimming pool [7] measuring 6 x 4.6 m. The published report gives summary descriptions and illustrations of the mosaics which existed in various rooms, but fails to date the villa or throw light on the functions of the rooms. The grave goods date from the 1stC A.D. to the Visigothic period (1). An inscription, consecrated to the goddess Salus by Numerius, slave of Caius Atilius Cordus, does at least put a name to the family who owned the villa in the 1stC A.D. They were related to the family recorded at Herdade da Igreja (6/294). With this another funerary inscription was published (2). 1. Nunes Ribeiro, 1972; 2. Encarnação, 1984, p. 360-361 e 374-375.

8/138 PENEDO GORDO, Beja (Santiago Maior), Beja. Sepulturas, algumas com vasos cerâmicos e moedas que foram dispersas (1); um amuleto fílico (2). *Burials, some with pottery vessels and coins which were dispersed (1); a phallic amulet (2)*. 1. Viana, 1954, p. 19; 2. Viana, 1944, p. 160.

8/139 HERDADE DA CALÇADA, Santa Clara de Louredo, Beja. Mosaico (1). *Mosaic (1)*. 1. Viana, 1954, p. 14; Viana, 1957 (1), p. 25.

8/140 SANTA CLARA DE LOUREDO, Santa Clara de Louredo, Beja. Um miliário atribuído a 293 d.C. (1). *A milestone datable to 293 A.D. (1)*. 1. Encarnação, 1984, p. 728.

8/141 BOAVISTA, Santa Clara de Louredo, Beja. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1)*. 1. Encarnação, 1984, p. 382.

8/142 MONTE DA CHAMINÉ, Santa Vitória, Beja. Uma inscrição funerária de "Marcus Iulius Avitus, olisiponensis" (1). *A funerary inscription as above (1)*. 1. Encarnação, 1984, p. 369-370.



8/142 \*\*HERDADE ou MONTE DOS FALCÕES, Santa Clara de Louredo, Beja. Alicerces (1). *Foundations* (2). 1. Leite de Vasconcelos, 1920 (1), p. 233.

8/143 ALCAGARIAS, Beja (Nossa Senhora das Neves). Beja, Mosteiro (1). Uma inscrição funerária, encostada sobre sepultura provavelmente de incineração, cujo espólio se extraiu (2). *Monaster* (1). *A funerary inscription found over a burial, probably a cremation, whose grave goods are lost* (2). 1. Viana, 1957 (1), p. 25; 2. Encarnação, 1984, p. 395-396.

8/144 HERDADE DAS APOLINÁRIAS, Beja (Santa Maria da Feira). Beja. Uma larragem (1). *A dam* (1). 1. Viana, 1947 (1), p. 18.

8/145 HERDADE DA FONTE DE FRADES, Balcizão, Beja. "Villa" com peristilo, uma sala com abside, mosaicos, termas. As ruínas estendem-se por mais de 150 m. de comprimento e a ocupação é datável, pelos materiais, do séc. I ao V d.C. (1). *A villa with a peristyle, a room with an apse, mosaics, baths. The ruins are more than 150 m. long and the occupation is datable by the material to the 1st to 5th C. A.D.* (2). 1. Pereira Mala, 1974, p. 121-138.

8/146 BEJA. (figs 76-7). Não se encontraram, até agora, vestígios pré-romanos em Beja. Duas figurinhas de barro consideradas por Abel Viana como neolíticas ou proto-históricas (1), seguramente, não são pré-romanas.

Também não nos parece da Idade do Ferro um vaso cerâmico encontrado entre o Castelo e a Igreja de Santa Maria (2). A tese da identificação de Beja com "Conistorgis", apresentada por Nunes Ribeiro (3), carece de fundamento. Além, se Beja tivesse sido povoada importante anteriormente à sua ocupação pelos Romanos, o nome latino ter-se-ia certamente acrescentado ao indígena, como em "Ebora Liberalitas Iulia" ou "Felicitas Iulia Olisipo". Devemos, por conseguinte, supor a fundação romana em local deserto ou onde, pelo menos, não haveria nenhum "oppidum" relevante, apesar de o sítio oferecer boas condições para o povoamento. Designada "Pax Julia" por Ptolomeu, "Pax Augusta" por Strabão, "colonia Pacensis" por Plínio, Beja foi uma fundação de César ou de Augusto; o estatuto colonial poderá ter-lhe sido concedido por Augusto (4). O nome de "Pax Julia" foi o que prevaleceu. Foi capital de um "conventus iuridicus", que abrangia a maior parte do Alentejo e o Algarve.

Teve certamente muralhas construídas quando da fundação ou da atribuição do estatuto colonial. As portas que ainda na segunda metade do séc. XIX se conservavam poderão datar dessa época. Uma delas, a Porta de Évora, que ainda subsiste junto do castelo medieval (5), mostra no fecho um elemento figurativo que se deve certamente interpretar como cabeça de touro. Conservam-se no Museu de Beja algumas cabeças de touro que, segundo Vasco de Souza (no "Corpus Signorum Imperii Romani", a publicar brevemente) são aduelas de arcos; parecem atribuíveis aos fins do séc. I a.C. ou aos inícios do I d.C.

O fórum da cidade situava-se certamente na actual Praça da República, embora as dimensões e a orientação da praça não correspondam às do monumento romano. O templo do fórum, erguido na parte mais alta da cidade, seria o que Abel Viana escavou parcialmente em 1939, no local onde então se ergueu um depósito de águas (6). O "podium" mediu 29 x 16,5 m., dimensões superiores às do templo de Évora em cerca de 3,80 x 1,20 m. O "podium" não era maciço. A espessura dos alicerces era de 2,20 nos lados maiores e de 4,75 nos menores.

A monumentalidade dos edifícios públicos está documentada por diversas capitais coríntias ou compostas (7), algumas delas recentemente descobertas. Não foram ainda, porém, objecto de estudo tendo em atenção estabelecer-lhes a cronologia.

Não se conhece a localização de outros edifícios públicos, templos, teatro, anfiteatro ou termas.

Curiosamente, a epigrafa votiva de Beja é extremamente pobre: uma inscrição a "Isis", outra a "Serapis", uma talvez a "Iaventus", outra a "Mithra" ou ao "Sol Deus Invictus" (8). Nenhuma, aliás, é elemento de arquitectura que claramente demonstre a existência de templos. Parece todavia provável a existência de um templo a Isis e Serapis, eventualmente situado fora das muralhas, porque a inscrição a Isis aparece num monte de estufo junto das Portas de Avis e a de

Serapis foi achada extra-muros. A lápide a Mithra refere a construção de um edifício "stadium" por um "notabilium Beacarorum". O local exacto do achado não é, porém, conhecido.

Capital de "civitas" e de "conventus", Beja teve necessariamente um teatro e um anfiteatro; a vida teatral, porém, está apenas indirectamente testemunhada pela inscrição funerária de um "exodiarius" (9).

Na Rua de Sembano foram há poucos anos descobertos vestígios de umas termas. A reduzida área escavada não permite, porém, determinar se se trata de edifício público ou de termas particulares. A rua fica numa área que foi possivelmente a zona nobre da cidade, zona que abrange também o Largo de S. João, o Largo da Conceição e o dos Duques de Beja. Entre o Mercado Municipal e o Largo da Conceição foram encontrados mosaicos e uma inscrição "Ivonna Secundae" (10), esta num "hermes" talvez erigido no peristilo de uma residência. No local onde ficava o Palácio dos Infantes apareceram mosaicos e colunas de tijolo; no Hospício, na extrema ocidental do Largo da Conceição, encontraram-se igualmente mosaicos e bases de colunas (11).

O Largo de Santa Maria, pelo contrário, corresponderá a uma zona industrial ou comercial, aliás instalada num terreno mais declivoso. Abel Viana escavou aí parcialmente um estabelecimento que se dedicava ao fabrico de alfinetes de madeira e outros artigos de uso (12). Na Rua Ancha, o achado de quase cinquenta figurinhas de terracota poderá indicar também um estabelecimento comercial (13).

A epigrafa funerária de Beja (14) é relativamente pobre, o que talvez se possa explicar pelo facto de muitos cidadãos terem sido sepultados nas "villae" que são numerosas no território da "colonia", também não são abundantes as inscrições honoríficas; destas, apenas uma ou duas testemunham homenagens públicas feitas por decreto dos decurções; as restantes foram realizadas por escravos, libertos (num caso, libertos públicos), pela população (por subscrição pública), por amigos (15). *Up until now no pre-Roman remains have been found. Two bone figurines considered by Viana as Neolithic or Proto-historic are not pre-Roman* (1).

*A pot, considered by some to be Iron Age, was found between Castelo and the church of Santa Maria, but it appears to us to be much later in date* (2). *Ribeiro's theory that Beja was Conistorgis is unsound* (3). *Since if Beja was an important town prior to Roman occupation its Latin name ought to be grafted onto the native one as in the case of Ebora Liberalitas Iulia or Felicitas Iulia Olisipo. We must imagine therefore that it was founded on a virgin site by the Romans, though a favourable one where there was no previous "oppidum". Called Pax Julia by Ptolemy, Pax Augusta by Strabo, Colonia Pacensis by Pliny, Beja was founded by Caesar or Augustus. It was the headquarters of a "conventus" that had jurisdiction over the greater part of the Alentejo and the Algarve.*

*It certainly had ramparts during its foundation or its elevation to the status of a "colonia". Its gates which survived into the 19th C. could date to then. One of them, the Porta de Évora, which still stands near the castle (5), had a keystone carved as the head of a bull. The museum has some bull-headed stones which according to Souza (Corpus Signorum Imperii Romani) were keystones but appear to us to date to date to the end of the 1st C. B.C. to the beginning of the 1st C. A.D.*

*We know that the forum was where the Praça da República is today, though their size and orientation were not the same. The forum temple, built on the highest point and partially excavated by Viana in 1939, was where the modern reservoir was built. The podium measured 29 x 16.5 m., some 3.8 x 1.2 m. larger than Évora's. The thickness of the foundations was from 2.2 m. on the longer to 4.75 on the shorter sides.*

*The impressiveness of the monuments is testified by various Corinthian or composite capitals (7), some recently found. No study has yet been made that gives us their dates.*

*We do not know where the other public buildings were - temples, theatre, amphitheatre or baths.*

*Curiously there are very few votive inscriptions from Beja - to Isis, Serapis and perhaps Iaventus, another to Mithras or to Sol Deus Invictus (8). There are however no architectural elements such as architraves that indicate temples. We can suppose that there was a temple to Isis and Serapis, because an inscription to Isis was found in a rubbish heap near the Porta de Avis and another to Serapis, outside the walls. The stone to Mithras talks of a building*



"studium") for a "Sodalitatem Bracarorum". We do not know the exact find spot.

At the capital of both a "civitas" and a "conventus", Beja necessarily had a theatre and amphitheatre; the theatrical life is just hinted at in a funerary inscription to an "exodiorius" (actor) (9).

The remains of baths were found not long ago in the Rua do Sembrano, though the small scale of the excavation did not enable one to see if they were public or private. These baths were perhaps in the fashionable part of the city, an area defined by the Largo de S. João, Largo de Conceição and of the Duques de Beja. Between the municipal market and the Largo de Conceição, mosaics and an inscription ("Inveni Secundae") were found (20), thus an area put up in the peristyle of a residence. In the area of the palace of the Infantes, mosaics and column sites have appeared and in the Hospício at the western end of the Largo de Conceição, mosaics and column bases have also been found (11).

In contrast the Largo de S. Maria on the sloping ground contained the industrial and commercial districts. There Viana partially excavated the premises of a maker of belt pins and other bone articles (12). The discovery of about 30 terracotta figurines in the Rua Ancha could come from a commercial enterprise (13).

Funerary inscriptions (14) are rare which might be explained by the large number of villas in the territory of the "colonia" where its citizens might be buried. Honorary inscriptions set up by the decurions are few; most of the honorary inscriptions were consecrated by slaves, freedmen (for instance public freedmen), by the people (by public subscription) and by friends (25). 1. Viana, 1944, p. 128; 2. Guerra, 1971, p. 307-308; 3. Nunes Ribeiro, 1960, p. 86; 4. Garcia y Bellido, 1958, p. 20-21; 5. Correia, 1972, p. 225; 6. Viana, 1947 (2), p. 77-88; 7. Viana, 1947 (2), "passim"; 8. Encarnação, 1984, p. 302-305, 414-417; 9. Encarnação, 1984, p. 320; 10. Encarnação, 1984, p. 30-302; Viana, 1958, p. 21-22; 11. Viana, 1946 (2), p. 186-188; 12. Viana, 1946 (2), p. 178-182; 13. Viana, 1943, p. 52, nota (2); 14. Encarnação, 1984, p. 318-333; 15. Alarcão, 1985, p. 109; Encarnação, 1984, p. 308-317.

8/147 FONTAÍNHAS, Beja (Nossa Senhora das Neves), Beja. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Viana, 1959 (1), p. 38.

8/148 QUINTA DA ARBADA, Beja (Salvador), Beja. Tanques revestidos de "opus signinum", uma necrópole (1). Uma lucerna (2). Provavelmente, uma "villa", destruída para instalação do caminho de ferro. Tanks lined with "opus signinum", a cemetery (1). A lamp (2). Probably a villa destroyed by the building of the railway. 1. Viana, 1949 (3), p. 12; 2. Ferreira de Almeida, 1955, n.º 265.

8/149 BUJA-A-PEQUENA, Beja (Salvador), Beja. Um tanque revestido de "opus signinum", com escadas (1). A tank clad in "opus signinum" with steps (1). 1. Leite de Vasconcelos, 1918, p. 107.

8/150 HORTA DA FONTE FIGUEIRA, Beja (Nossa Senhora das Neves), Beja. Um pavimento de "opus signinum" com "lapilli" incrustados, cerâmica de construção (1). A pavement of "opus signinum" with "lapilli" in it, brick and tile (1). 1. Viana, 1957 (1), p. 26; Viana, 1958, p. 24.

8/151 VALE DE AGUILHÃO, Santa Clara de Louredo, Beja. Alicerces, pavimentos de "opus signinum", capitais e fustes de colunas, outros elementos arquitectónicos, tanques, construções, cerâmica de construção e doméstica, sepulturas (1). "O Bejense" de 2.1.1892 refere uma inscrição funerária. Foi uma "villa" importante, ocupada ainda na época visigótica. Foundations, pavements of "opus signinum", capitals and column shafts, other architectural elements, chimneys, pipes, brick and tile and domestic pottery, burials (1). It was an important villa, still occupied in the Visigothic period. A funerary inscription. 1. Viana, 1958, p. 16-20; Viana, 1947 (1), p. 12; Viana, 1970, p. 233-237.

8/152 HERDADE DA AMENDOEIRA, Beja (Nossa Senhora das Neves), Beja. Uma inscrição funerária, provavelmente procedente de um juízo familiar (1); outros vestígios romanos não especificados (2). A funerary inscription, probably from a family tomb (1); other unspecified Roman remains (2). 1. Encarnação, 1984, p. 378-380; 2. Viana,

1955 (1), p. 30.

8/153 HERDADE DO PADRÃO, Beja (Nossa Senhora das Neves), Beja. Duas inscrições funerárias (1). Two funerary inscriptions (1). 1. Encarnação, 1984, p. 370 e 376.

8/154 HERDADE DO MONTINHO, Quintos, Beja. Mosaicos, umas termas, um "torcularium" (1). Uma barragem e uma conduta que servia as termas (2). Mosaics, baths, a "torcularium" (press) (1). A dam and conduits which fed the baths (2). 1. Viana, 1945 (2), p. 321-322; Viana, 1954, p. 14; Viana, 1957 (1), p. 25; 2. Viana, 1947 (1), p. 19.

8/155 HERDADE DE GIL VAZ, Quintos, Beja. Materiais romanos não especificados (1) e um canal de alvenaria revestido de "opus signinum" numa extensão de 46 m. (2). Unspecified Roman material (1); a canal of masonry lined in "opus signinum", 46 m. long (2). 1. Viana, 1946 (2), p. 169-171; 2. Viana, 1947 (1), p. 21.

8/156 CARRASCALÃO ou HERDADE DO CARRASCALÃO, Salvado, Beja. Uma inscrição funerária (1). "O Bejense" de 2.1.1892 atribui esta inscrição a Vale de Aguilhão. A funerary inscription (1) which according to "O Bejense" of 2.1.1892, was found at Vale de Aguilhão (8/151). 1. Encarnação, 1984, p. 375.

8/ \*\*\*MORGADA, (?), Beja. Vestígios romanos não especificados, que assinalariam uma "villa" (1). Unspecified Roman remains (1). A villa? 1. Viana, 1959 (1), p. 38.

8/ \*\*\*AZINHEIRA, (?), Beja. Vestígios romanos não especificados, que assinalariam uma "villa" (1). Unspecified Roman remains (1). A villa? 1. Viana, 1959 (1), p. 38.

8/157 QUINTA DE S. PEDRO, Baleizão, Beja. Mosaicos (1). Mosaics (1). 1. "Al-madan", 1, 1983, p. 57.

8/158 HERDADE DO PASSO DO CONDE, Baleizão, Beja. Uma inscrição funerária (1). A funerary inscription (1). 1. Encarnação, 1984, p. 380.

8/159 VALE DO VINAGRE, Baleizão, Beja. Uma inscrição funerária (1). A funerary inscription (1). 1. Encarnação, 1984, p. 384-386.

8/160 MONTE DO TORREJÃO, Baleizão, Beja. Uma inscrição funerária. O dedicante é um indivíduo que, natural da "Colonia Iulia Neapolis", na África, residiu depois em Balsa e finalmente se transferiu para Beja, onde obteve a cidadania, pois se diz inscrito na tribo "Galeria" (1). A funerary inscription. The dedicator was one who was a native of Colonia Iulia Neapolis in Africa and then lived in Balsa, moved to in the end to Beja where he obtained citizenship and was enrolled in the Galeria tribe (1). 1. Encarnação, 1984, p. 366-367.

8/161 TORRE DA CARDEIRA, Quintos, Beja. (fig. 158). "Villa" cujas ruínas se estendem por vários hectares. Um tanque, um possível templo e outros edifícios cuja planta se conhece de forma muito incompleta (1). Uma represa (2). As moedas recolhidas são de Julia Mamaea e Teodósio (3). Diversas inscrições funerárias (4). Uma delas regista um "Catus Iulius Iulianus", que foi doutor, certamente em Beja, nos finais do séc. II d.C. Podemos admitir que foi proprietário da "villa". Parece ter-se encontrado aqui um vaso litúrgico de pedra com inscrição à deusa "Atopina" (5); talvez, ainda, uma inscrição à "dea Sancta Turubictensis" (6). A villa whose remains cover an area of several ha. There are baths, possibly a temple and other buildings whose plan is only partially known (1). A dam (2). The coins are from Julia Mamaea to Theodosius (3). Several funerary inscriptions (4), one of which records a Catus Iulius Iulianus who was a doctor, certainly of Beja at the end 2ndC. A.D. He could well be the owner of the villa. It appears that a liturgical stone vase with an inscription to the goddess Atopina (5); perhaps also an inscription to "dea Sancta Turubictensis" (6), came from here. 1. Viana, 1945 (2), p. 315-321; 2. Viana, 1947 (1), p. 19 e 21; 3. Viana, 1957 (1), p. 36; Viana, 1962, p. 87; 4. Encarnação, 1984, p. 377-378, 388-390, 392-394; 5. Encarnação, 1984, p. 357; 6. Encarnação, 1984, p. 355-356.

8/162 MONTE DA FIGUEIRA, Serpa (Santa Maria), Serpa.



Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Saa, 1963, p. 188.

8/163 HERDADE DO ZAMBUIAL, Quintos, Beja. Duas inscrições funerárias (1). Referência vaga a obras de engenharia hidráulicas (2). *Two funerary inscriptions (1). Vague references to hydraulic engineering works (2)*. 1. Encarnação, 1984, p. 396-397; 2. Viana, 1947 (1), p. 21.

8/164 CORTE PIORNO, Quintos, Beja. Vestígios romanos não especificados (1) e uma inscrição funerária (2). *Unspecified Roman remains (1) and a funerary inscription (2)*. 1. Viana, 1959 (1), p. 38; 2. Encarnação, 1984, p. 388-389.

8/165 QUINTOS, Quintos, Beja. Mosaico, uma inscrição funerária onde só se consegue ler D.M., uma fíbula (1), uma lucerna (2). Uma inscrição a "dea sancta Turubricensis", cuja proveniência, todavia, não é segura (3). *Mosaic, a funerary inscription on which one can only read "D.M.", a fibula (1), a lamp (2). An inscription to "dea Sancta Turubricensis" whose provenience is uncertain (3)*. 1. Leite de Vasconcelos, 1903, p. 162-163; 2. Viana, 1963, p. 113; 3. Encarnação, 1984, p. 355-356.

8/166 FOLHA DA LOBATA, Serpa (Santa Maria), Serpa. Alicerces e cerâmica de construção (1). *Foundations and brick and tile (1)*. 1. Saa, 1963, p. 289-290.

8/167 GRAVIA, Quintos, Serpa. Cerâmica de construção (1) e uma necrópole (2). *Brick and tile (1) and a cemetery (2)*. 1. Viana, 1957 (1), p. 31; 2. Viana, 1958, p. 3-5.

8/168 HERDADE DA LOBATA, Serpa (Santa Maria), Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/169 \*\*PONTE DOS PRANGÃOS, Quintos, Beja. Um fragmento de grande inscrição honorífica: "...[Aus]gustus[...][trib[un]itia] p[ro]t[er]i[st]ate] XX [...]". Seria da época de Augusto, mas posterior a 4 a.C. (1). *A part of a large honorific inscription of the Augustan period but after 4 B.C. as above (1)*. 1. Encarnação, 1984, p. 364.

8/169 MONTE DA Balsa, Brinches, Serpa. "Villa" que nunca foi objecto de sistemáticas escavações, mas onde se recuperaram umas termas e um lagar. Uma estátua de Esculápio, cujas feições sugerem o imperador Adriano, uma "cupa" com inscrição, elementos arquitectónicos diversos. Um "dolum" com inscrição +ECLISIAE SCE MARIE/LACANTENSIA AGRIPI prova que o lugar foi cristianizado (1). *Mosaic (2) A villa which has never been systematically excavated but where baths and a press have been identified. A statue of Aesculapius whose features suggest the emperor Hadrian, a barrel shaped tomb with an inscription, various architectural elements. A dolum with the inscriptions above, prove that the place became Christian (1). Mosaic (2)*. 1. Viana, 1955 (1), p. 7-11; Viana, 1957 (2), p. 447-448; Garcia y Bellido, 1967, p. 284; 2. Leite de Vasconcelos, 1900, p. 251.

8/170 HERDADE DE GRAFANES ou MONTE DE GRAFANES, Brinches, Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Saa, 1963, p. 286-287.

8/171 ALPENDRES, Brinches, Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/172 PONTE SOBRE O ENXOE, Serpa (Santa Maria), Serpa. Ponte romana (1). *Roman bridge (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/173 HERDADE DOS MANUEIS, Serpa (Santa Maria), Serpa. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1)*. 1. Lima, 1951, p. 206.

8/174 SANTA MARGARIDA, Serpa (Santa Maria), Serpa. Cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata (1). *Brick and tile and domestic pottery including sigillata (1)*. 1. Lima, 1981, p. 448-464.

8/175 SERPA. Moedas republicanas e imperiais (1). Perto

da vila, vestígios de estrada e uma ponte (2). São vestígios surpreendentemente raros para uma localidade que vem citada no "Itinerarium" de Antonino e que teve conchagem autónoma de moedas (3). Uma inscrição funerária, CIL II 971. *Republican and imperial coins (1). Near the town remains of a road and a bridge (2). Extraordinarily few remains for a place mentioned in the Antonine Itinerary and which minted its own coins (3). A funerary inscription (CIL II 971)*. 1. Leite de Vasconcelos, 1900, p. 232; 2. Lima, 1951, p. 195; 3. Leite de Vasconcelos, 1898, p. 65.

8/176 HERDADE DE D. BRITES, Serpa (Salvador), Serpa. Nesta herdade, numa área conhecida pelos nomes de Couraça dos Muros e Couraça do Espicharrado, ruínas não especificadas cobrindo uma área de 250.000 m<sup>2</sup>; uma ara a "Liber Pater". Na mesma herdade, um ponto designado Couraça do Arco, alacres e restos de um arco (1). *In these lands in an area known as Couraça dos Muros or Couraça do Espicharrado are unspecified remains, spread over 250,000 m<sup>2</sup>; an altar to Liber Pater. In the same place at a spot called Couraça do Arco, foundations and the remains of an arch (1)*. 1. Saa, 1963, p. 294-297.

8/177 HORTA DOS BANHOS, Serpa (Santa Maria), Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/177A ALTO DA FORÇA, Serpa (Santa Maria), Serpa. Alicerces, cerâmica de construção (1). *Foundations, brick and tile (1)*. 1. "Informação Arqueológica", 5, 1982-1983, p. 8.

8/178 CORTE DO ALHO, Vale de Vargo, Serpa. Blocos de mármore trabalhados, cerâmica de construção, restos de estrada, um miliário de Adriano indicativo da milha VIII (1). Prágoa de Lima supõe que a contagem se faz a partir de Subral da Adilça, onde localiza a "Fines" do "Itinerarium" de Antonino. Talvez o ponto de origem tenha sido antes a vila de Moura, antiga "Arucel", sede de "civitas". *Blocks of worked marble, brick and tile, remains of a road, a milestone of Hadrian marking mile VIII (1). Lima thought that the miles were counted from Subral da Adilça (8/185) which he identified as the Fines in the Antonine Itinerary. Perhaps it was from the town of Moura, ancient Arucel, capital of a "civitas"*. 1. Lima, 1951, p. 192-193; Lima, 1961, p. 385-386.

8/179 PLAS, Plas, Serpa. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1)*. 1. Lambião, 1967, p. 141-142.

8/180 VALE DE VARGO, Vale de Vargo, Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/181 MONTE DA TORRE VELHA, Serpa (Salvador), Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/182 VALADAS, Vale de Vargo (?), Serpa. Cerâmica de construção e doméstica comum (1). *Brick and tile and coarse domestic pottery (1)*. 1. "Informação Arqueológica", 1, 1979, p. 17.

8/183 HERDADE DA ABÓBADA, Aldeia Nova de S. Bento, Serpa. Uma ara a "Iuppiter Optimus Maximus" (1). *An altar to I.O.M. (1)*. 1. Almeida, 1978, p. 337-344.

8/184 HERDADE DO MEIRINHO, Serpa (Salvador), Serpa. Uma inscrição funerária (1). *A funerary inscription (1)*. 1. Lima, 1951, p. 208.

8/185 \*\*PONTE DAS SAPATEIRAS, Vale de Vargo, Serpa. Alicerces e vestígios de estrada romana (1). *Foundations and the remains of a Roman road (1)*. 1. Lima, 1951, p. 192; Lima, 1981, p. 385.

8/185 FONTE DE S. MIGUEL ou CORTE DE MESSANGIL, Vale de Vargo, Serpa. Três inscrições funerárias (1). Segundo Lima, ficaria aqui a estação de "Fines" citada no Itinerário de Antonino. *Three funerary inscriptions (1). Thought to be the Fines in the Antonine Itinerary by Lima*. 1. Lima, 1981, p. 387; Lima, 1951, p. 194.

8/186 VILA VERDE DE FICALHO, Vila Verde de Ficalho,



## 200 FARO

Serpa. Vestígios romanos não especificados, talvez de uma "villa" (1). *Unspecified Roman remains, perhaps a villa (1)*. 1. "Informação Arqueológica", 4, 1981, p. 49 e 5, 1983, p. 46-47.

8/187 TOURIL, Sobral da Adiça, Moura. Vestígios romanos não especificados (1). Provavelmente deve identificar-se com Cerca da Touril, referida por Lima, 1951, p. 211 como aldeia romana de *micurus*, e também por Saa, 1963, p. 306. *Unspecified Roman remains (1)*. Probably the same as Cerca da Touril, referred to by Lima (1951, p. 211) as a Roman mining settlement, and also by Saa (1963, p. 306). 1. Lima, 1951, p. 206.

8/188 PALHAIS, Sobral da Adiça, Moura. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Lima, 1951, p. 206.

8/189 SENHORA DAS FAZES, Vila Verde de Ficalho, Serpa. Alentejo (1). *Foundations (1)*. 1. Saa, 1963, p. 272.

8/190 COTOVIO, Trindade (?), Beja. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Viana, 1959 (1), p. 38.

8/191 SALVADA, Salvada, Beja. Vestígios romanos não especificados (1). "O Bejense" de 6.7.1880 refere o achado de restos de coluna e de uma necrópole. *Unspecified Roman remains (1)*. According to "O Bejense", columns tiles and a cemetery were found. 1. Saa, 1963, p. 288 e 325.

8/192 VAL DE CIMA ou VAL DE DONA ISABEL, Quintos, Beja. Vestígios de um edifício romano (1). *Remains of a Roman building (1)*. 1. Saa, 1963, p. 288.

8/193 HERDADE DA FOLHA DO OURO, Serpa (Salvador), Serpa. Uma inscrição fúnebra (1). *A funerary inscription (1)*. 1. Encarnação, 1984, p. 401, nota 3.

8/194 MURO DOS MOUROS, Serpa (Salvador), Serpa. Represa (1). *A dam (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/195 PONTE DA BAINA, Serpa (Santa Maria), Serpa. Cerâmica de construção e doméstica, incluindo sigillata (1). *Brick and tile and domestic pottery including sigillata (1)*. 1. "Informação Arqueológica", 1, 1979, p. 16.

8/196 HERDADE DE SANTA MARIA, Serpa (Santa Maria), Serpa. Uma inscrição fúnebra (1). Será a mesma estucação que Horta de Dona Maria, onde apareceu Late Roman C? (2). *A funerary inscription (1)*. Could be the same site as Horta de Dona Maria where Late Roman C was found. 1. Lima, 1951, p. 208; 2. Pereira Maia, 1978, p. 301-302.

8/197 QUINTA DE S. BRÁS, Serpa (Santa Maria), Serpa. Cerâmica de construção e doméstica (1). *Brick and tile and domestic pottery (1)*. 1. "Informação Arqueológica", 1, 1979, p. 17.

8/198 BOA VISTA, Serpa (Salvador), Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/199 SANTA IRIA, Serpa (Salvador), Serpa. Uma inscrição votiva à "Dea Medica" (1). *A votive inscription to Dea Medica (1)*. 1. Lima, 1951, p. 197 e 208.

8/200 CANADA DAS BARROSAS ou HERDADE DAS BARROSAS ou CIDADE DAS ROSAS, Serpa (Salvador), Serpa. Alentejo, "opus signinum", cerâmica de construção e doméstica (incluindo Late Roman C), moedas, uma inscrição fúnebra (1). *Foundations, "opus signinum", brick and tile and domestic pottery including Late Roman C, coins, a funerary inscription (1)*. 1. Coeiro, 1978, p. 249-271; Pereira Maia, 1978, p. 301-302; Saa, 1963, p. 291-292; Lambino, 1967, p. 142-143.

8/201 CRUZ DO SOBRAL, Serpa (Salvador), Serpa. Uma barragem com 150 metros de comprimento e 2,5 de altura máxima (1). Talvez seja a mesma que Trilalva. Moita designa por Muro dos Mouros (2). *A dam, 150 m. long and with a maximum height of 2.5 m (1)*. Perhaps the same site that Moita called Muro dos Mouros (2). 1. Viana, 1950, p. 3-5; 2. Moita, 1965, mapa.

8/202 MONTE DO FACHO, Aldeia Nova de S. Bento, Serpa. Alentejo, cerâmica de construção e doméstica, incluindo fundos de ânforas (1). *Foundations, brick and tile and domestic pottery including amphorae bases (1)*. 1. Viana, 1947 (1), p. 15; Viana, 1957 (1), p. 51.

8/203 ALDEIA NOVA DE S. BENTO, Aldeia Nova de S. Bento, Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Saa, 1963, p. 302.

8/204 SÍTIO DO NICOLAU, Serpa (Salvador), Serpa. Um molde de lucernas (1). *A mould for lamps (1)*. 1. Viana, 1947 (1), p. 16-18.

8/205 MONTE DA RIBEIRA, Aldeia Nova de S. Bento, Serpa. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Moita, 1965, mapa.

8/206 HERDADE DO BISPO, Castro Verde, Castro Verde. Uma inscrição fúnebra de uma "Iulia Materna", filha de "Calus" (1). A lealdade do "nomen" poderá indicar uma família de elevada posição social, eventualmente proprietária de "villa". Não se conhecem, porém, outros vestígios arqueológicos. *A funerary inscription of a Julia Materna, daughter of Calus (1)*. The Latin of the nomen implies a high social status, possibly a family of villa owners. Though no other Roman remains have been found. 1. Encarnação, 1984, p. 192-193.

8/207 CASTELO DAS JUNTAS, Entradas, Castro Verde. Fortificação ou "villa" fortificada. Os materiais vão da primeira metade do séc. I a.C. ao II d.C. (1). *Fort or a fortified villa. The materials are from the 1st half of the 1st C. B.C. to the 2nd C. A.D. (1)*. 1. Maia, 1978(1), p. 282.

8/208 CASTELO DA AMENDOEIRA, Castro Verde, Castro Verde. Fortificação ou "villa" fortificada. Instalada no tempo de Augusto e abandonada no de Nero, mas recuperada no séc. III d.C. (1). *Fort or a fortified villa. Built at the time of Augustus and abandoned in that of Nero but re-occupied in the 3rd C. A.D. (1)*. 1. Maia, 1978(1), p. 281; "Informação Arqueológica", 4, 1981, p. 45-46.

8/209 VALE DE MÉRTOLO, Castro Verde, Castro Verde. Fortificação ou "villa" fortificada. Instalada no tempo de Augusto e abandonada no de Nero, mas recuperada no séc. III (1). *Fort or a fortified villa. Built at the time of Augustus and abandoned in that of Nero but re-occupied in the 3rd C. A.D. (1)*. 1. Maia, 1978(1), p. 282; "Informação Arqueológica", 4, 1981, p. 45-46.

8/210 CASTELO DA CERCA DA ZORRA, Castro Verde, Castro Verde. Fortificação ou "villa" fortificada integrada no mesmo sistema dos "castellos" de Juntas, Amendoeira, Chamimé e Vale de Mértola (1). *Fort or fortified villa, part of the system of "castellos" linking Juntas, Amendoeira, Chamimé and Vale de Mértola (1)*. 1. Maia, 1978(1), p. 282.

8/211 OUTEIRO DAS CABEÇAS, Castro Verde, Castro Verde. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Saa, 1963, p. 329.

8/212 CASTELO DA CHAMINÉ, Castro Verde, Castro Verde. Fortificação ou "villa" fortificada. Instalada no tempo de Augusto e abandonada no de Nero, mas recuperada no séc. III (1). *Fort or fortified villa. Built at the time of Augustus and abandoned in that of Nero, but reoccupied in the 3rd C. A.D. (1)*. "Informação Arqueológica", 4, 1981, p. 45-46.

8/213 VARGEM DE S. BRÁS, Mértola, Mértola. "Opus signinum", cerâmica de construção, uma pequena coluna (1). *"Opus signinum", brick and tile, a small column (1)*. 1. Velas, 1880, p. 23-24.

8/214 MINA DE S. DOMINGOS, Corte da Pinta, Mértola. (Fig. 43). Minas de cobre exploradas desde a época de Augusto até aos tempos de Teodósio, a julgar pelas moedas que se têm recolhido. Foi avaliado em 150.000 m<sup>3</sup> ou 750.000 toneladas o volume das terras desmontadas, o que representa trabalhos muito consideráveis. Numa galeria de esgoto foram encontradas dez rodas de moinhos de arinho para elevação e escoamento das águas. Outras tinham um



diâmetro de 5,28 m; duas, de 3,96 m. Os trabalhos deixaram a cerca de 20 m. abaixo da galeria de saídas (1). Ao longo do vale onde vivia desaguou a galeria de esgoto foram encontrados restos de habitações, colunas e capitais e uma necrópole (2). Uma inscrição funerária (3). Bronzes figurativos (4). *A copper mine worked from the time of Augustus to Theodosius, judging from the coin evidence. The earth shifted has been calculated as 150,000 m<sup>3</sup> or 750,000 tons - a very large amount. In a drainage tunnel were found ten wooden water wheels of holm-oak. Eight were 5.28 m in diameter, two 3.96 m. The workings went c. 20 m. below the drainage tunnel (1). Along the valley into which the tunnel drained, the remains of dwellings, columns, and capitals and a cemetery were found (2). A funerary inscription (3). Bronze figurines (4).* 1. Allan, 1965, p. 146-147; 2. Carvalho, 1954, p. 23-24; 3. Lambirina, 1987, p. 140-141; 4. Borges de Figueiredo, 1887, p. 70-72; Borges de Figueiredo, 1889, p. 113-114.

8/ \*\*\*MATA COLEBRAS, (?), Mértola. Um povoamento mineiro que dependeria de S. Domingos (1). *A mining settlement connected with S. Domingos (8/214) (1).* 1. Lima, 1951, p. 197.

8/215 CERRO DOS NAMORADOS ou CASTELO DOS NAMORADOS, Castro Verde, Castro Verde, [fig. 159]. Fortificação ou "villa" fortificada. Abandonada nos finais do séc. I d.C. no nos inícios do II, parece ter sido reaproveitada e integrada numa "villa" que se situa nas proximidades (1). *Fort or fortified villa. Abandoned at the end of 1st or beginning of the 2nd C. A.D.; it appears that it was rebuilt with a nearby villa (1).* 1. Maia, 1978(1), p. 282; "Informação Arqueológica", 3.1980, p. 86-87.

8/216 CRUZ DO CRASTO, Santa Bárbara dos Padrões (?), Castro Verde. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1).* 1. Sá, 1963, p. 329.

8/217 SANTA BÁRBARA DOS PADRÕES, Santa Bárbara dos Padrões, Castro Verde. Alicerces, uma coluna, "opus signinum", cerâmica de construção, um cano de chumbo com 9 m. de comprimento, sepulturas. Os vestígios encontram-se na área urbana de Santa Bárbara dos Padrões e entre esta povoação e a colina onde se ergue a Igreja de Santa Bárbara (1). *Foundations, a column, "opus signinum", brick and tile, a lead pipe 9 m. long, burials. These remains were found in the built up area of Padrões and between here and the hill upon which the church of Santa Barbara stands (1).* 1. Leite de Vasconcelos, 1933, p. 231.

8/218 CASTELO DOS MESTRES, Almodôvar, Almodôvar. Fortificação ou "villa" fortificada. A cerâmica recolhida à superfície corresponde aos sécs. I e II d.C. (1). *Fort or fortified villa. The pottery on the surface dates to the 1st and 2nd Cs A.D. (1).* 1. Maia, 1978(1), p. 282; Leite de Vasconcelos, 1933, p. 245.

8/219 SETE, Santa Bárbara dos Padrões, Castro Verde. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1).* 1. Sá, 1963, p. 328.

8/220 \*HERDADE DA GRALHEIRA, S. João dos Caldeirões, Mértola. Tesouro de c. 400 denários de Augusto (1). *A hoard of c. 400 Augustan denarii (1).* 1. Hipólito, 1961, p. 86-88.

8/221 CURÇA DE S. SEBASTIÃO, Mértola, Mértola. Fragmentos de "opus signinum", cerâmica de construção, uma necrópole (1). *Pieces of "opus signinum", brick and tile, a cemetery (1).* 1. Veiga, 1880, p. 22-23, 81.

8/222 TAMUJO, Mértola, Mértola. Alicerces e vestígios de túmulos (1). *Foundations and the remains of kivas (1).* 1. Viana, 1959 (2), p. 327; Veiga, 1880, p. 18 e 29.

8/223 MÉRTOLA. Cidade de origem pré-romana. Foi provavelmente um ponto importante da passagem de uma via que, nos finais da Idade do Bronze e na Idade do Ferro, ligava as margens do Tejo e do Sado à área do Guadalquivir e ao reino de Tartessos. O nome romano, registado por Ptolomeu II, 5, 4, foi "Iulia Myrtilis" ou "Myrtilis Iulia", como pode ler-se em moedas cunhadas localmente (1). Gozou do "Latium vetus", direito que certamente lhe foi atribuído por Júlio César. A importância estratégica de

Mértola no tempo das guerras de César contra os filhos de Pompeu parece confirmar-se por uma emissão de dupondios feita por L. Appuleius Decianus em 45 a.C. (ano da vitória de César em Munda) (2). Os achados de tesouros de denários republicanos têm sido frequentes na vila e nos arredores (3).

O seu estatuto de "municipium" está atestado por diversas inscrições, e os seus cidadãos foram inscritos na tribo Galeria (4). Foi originário de Mértola um legado da Bética no tempo de Antonino Pio, L. Marius Vegetinus Marcellianus Minicianus Myrtilianus (5).

Nos últimos anos têm-se realizado na área urbana escavações cujos resultados têm sido notáveis; designadamente, pôs-se a descoberto um criptoporticus (6).

No séc. XIX, Estácio da Veiga realizou diversas sondagens no perímetro da vila mas não conseguiu localizar nenhum edifício público romano; a cerca de 10 m. da Igreja matriz descobriu mosaicos (7).

Na encosta sobre o Guadiana há vestígios de uma obra que tem sido interpretada como ponte e atribuída por uns à época romana, por outros à visigótica; a interpretação mais recente é a de que se trata de um aqueduto árabe, destinado a canalizar as águas do rio, que seriam levantadas por meio de gigantesca roda (8).

A escultura de Mértola, à qual encontramos referências desde o séc. XVI, era abundante e de boa qualidade, sendo frequentes as estatuas de togados (9).

Materiais diversos de cerâmica e vidro têm sido publicados por diversos autores (10); pela sua qualidade, constituem prova suplementar da importância de Mértola, que deveria derivar parte do seu movimento e da sua riqueza, da exploração das minas da cobre de S. Domingos e de outras menos importantes mas até mais próximas da cidade, como as de Cova dos Mouros, Darroelra e Cortes Pereira, no actual concelho de Alentejo. É possível que o cobre e prata das minas de Aljustrel fossem também encaminhados para Mértola, que seria assim uma cidade-armazém e um porto fluvial importante.

A este carácter de cidade-armazém e portuária se poderia dever a composição social da população de Mértola: a julgar pela epigrafia conservada (11), seriam numerosos os "liberti" e os imigrantes, dois dos quais indicam claramente a sua origem itálica e africana.

A importância de Mértola manteve-se nos sécs. V e VI d.C., designadamente no curto período em que o sul de Portugal foi recuperado pelo Império bizantino. O número de inscrições paleocristãs daquela época encontradas em Mértola é considerável (12). A semelhança de algumas fórmulas epigráficas com as que se observam na África do Norte sugere uma corrente migratória daquela origem (13). Estácio da Veiga explorou uma basílica paleocristã no Bairro do Carmo e um cemitério visigótico entre a Igreja do Carmo e a ermita de Santo António (14). *City which was pre-Roman. It was possibly an important place on the road which ran, at the end of the Bronze Age and the Iron Age, from the estuary of the Tagus and that of the Sado, to the area of the Guadalquivir and the kingdom of Tartessos. Its Roman name is given by Ptolemy (2.5.4) as Iulia Myrtilis or Myrtilis Iulia, which also appears on coins minted locally (1). It was given the privilege of the Latin rights, almost certainly granted by Julius Caesar. Its strategic importance during the civil wars of Caesar with Pompey is testified by the minting of a dupondius by L. Appuleius Decianus in 45 B.C. - the year of Caesar's victory at Munda (2). Coin hoards of denarii have often been found in the town and its surroundings (3).*

*Its status as a "municipium" is attested by several inscriptions; its citizens being enrolled in the Galeria tribe (4). The legate of Bœtica in the time of Antoninus Pius, called L. Marius Vegetinus Marcellianus Minicianus Myrtilianus, was a native of Mértola (5).*

*Recent excavations have been rewarding, particularly the discovery of a cryptoporticus (6).*

*Veiga made some trial soundings around the town but did not succeed in finding any Roman public buildings, though 10 m. from the parish church, he found mosaics (7).*

*On a hill over the Guadiana there is a structure which has been thought to be a Roman or Visigothic bridge; but the most recent interpretation is that it is an Arab aqueduct, to bring water from the river raised by a gigantic wheel (8).*

*Since the 19th C. there have been reports of much high quality sculpture, particularly igneous figures (9).*

*Various authors have published pottery and glass (10).*



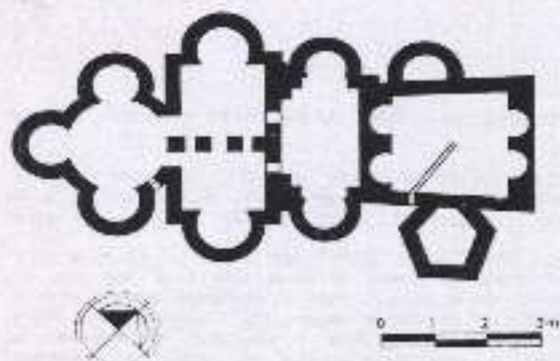


Fig 158: Torre da Cardeira (SI 167) Planta das termas da villa. (Plan of the villa bath).

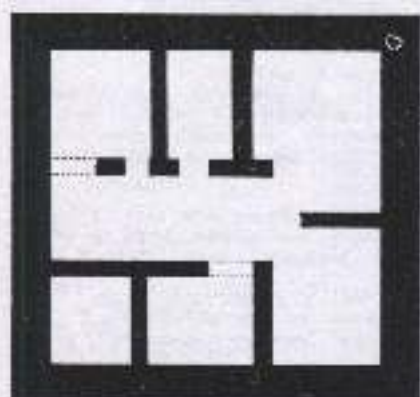


Fig 159: Castelo dos Nauvoados (SI 215) Planta da villa. (The villa).

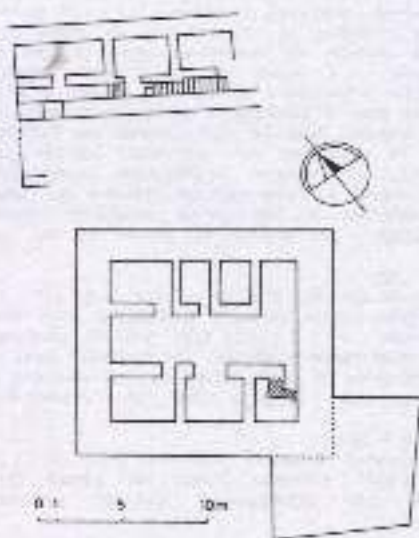
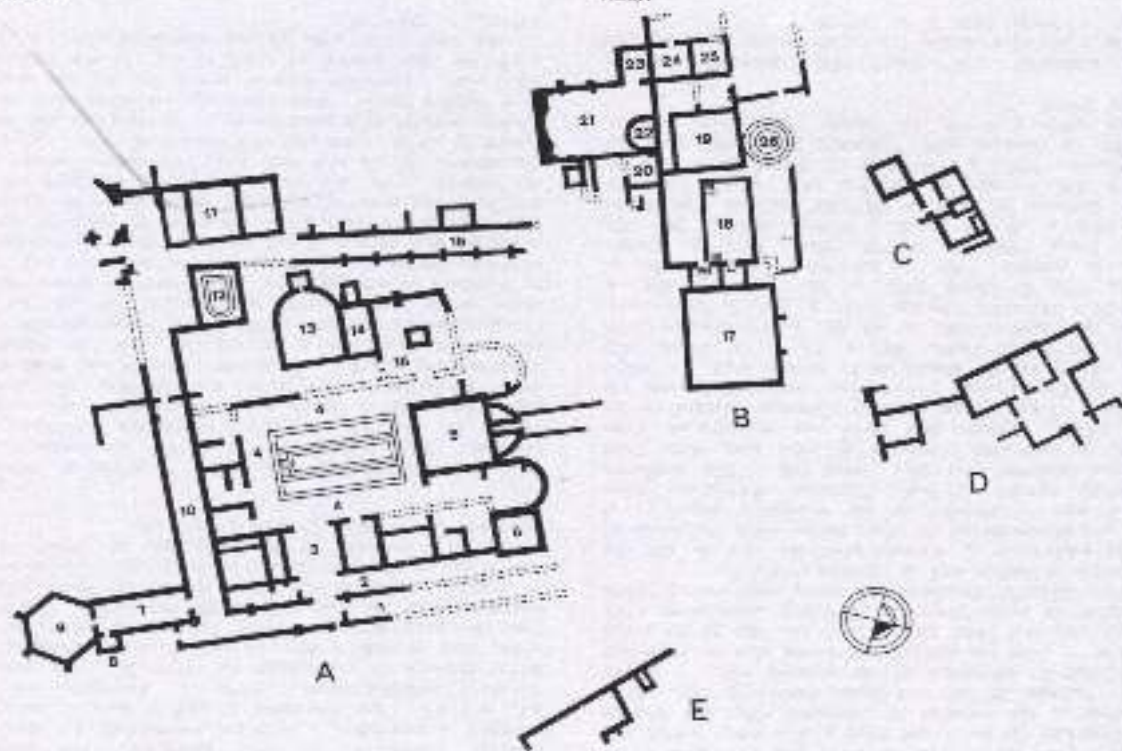


Fig 160: Monte do Mamel Gato (SI 231) Planta da villa (The villa).





whose quality is testimony to Mértola's importance which must have come partly from its trade and its copper mines at S. Domingos (8/214) and other smaller ones, nearer the city, those in the concelho of Alcoutim: Cova das Mouras (8/252), Darrota (8/241) and Cortes Pereira (8/233). It is possible that the production of the Aljustrel mines - copper and silver - came via Mértola which was thus an important merchant city and river port. This was due to its social composition to judge from the surviving inscriptions (11); there were numerous freedmen and immigrants, two of whom were clearly of Italian and of African origin.

The importance of Mértola continued into the 3rd and 4thCs particularly during the short period when the South of Portugal was re-occupied by the Byzantine empire. A considerable number of early Christian inscriptions from these two centuries have been found (12). The similarity between the epigraphic formulae of these with those from North Africa, suggests that there was immigration from there (13). Veiga found an early Christian basilica in the Rossio do Carmo and a Visigothic cemetery between the Carmo church and the ermida de S. Anónio (14). 1. Veiga, 1880, p. 50-62; 2. Faria, 1982, p. 12-15; 3. Viana, 1955 (1), p. 25; Hipólito, 1961, p. 88-89; 4. Encarnação, 1984, p. 57-58 e 742-743; Alarcão, 1985, p. 102; 5. Encarnação, 1984, p. 742; 6. Torres, 1982, p. 88; 7. Veiga, 1880, p. 19-20; 8. Almeida, 1976, p. 295-300; 9. Veiga, 1880, p. 87-88; Viana, 1959 (2), p. 328; Viana, 1950, p. 32-33; Alves, 1956, p. 39-60; Garcia y Bellido, 1967, p. 280-282; 10. Sa, Bernardo de, 1905, p. 95-100; Leite de Vasconcelos, 1900, p. 240; Ferreira de Almeida, 1953, n.º 2, 110, 223, 254; Alarcão, 1971, p. 195-200; 11. Encarnação, 1984, p. 135-182; 12. Oliveira, 1941, "passim"; Dias, 1984, p. 3-13; 13. Gil, 1979, p.44-45; 14. Veiga, 1880, p.21; Ferreira, 1965, p. 59-72.

8/224 VARGEM DA VAQUEIRA, Mértola, Mértola. Alicerces e cerâmica comum (1). Foundations and brick and tile (1). 1. Veiga, 1880, p. 17, 28-29.

8/ \*\*\*S. ROMÃO, (7), Mértola. Vestígios romanos não especificados (1). Unspecified Roman remains (1). 1. Lima, 1961, p. 199.

8/225 VARGEM DA BOMBEIRA, Mértola, Mértola. Alicerces e cerâmica, incluindo fundas de ânfora (1). Foundations and pottery, including amphorae bases (1). 1. Veiga, 1880, p. 16 e 79.

8/226 CASTELO DA FONTE SANTA, Almodôvar, Almodôvar. Fortificação ou "villa" fortificada. A cerâmica à superfície inclui campaniense e sigillata, que permitem datar a ocupação dos séculos I a.C. e I d.C. (1). Fort or fortified villa. The surface pottery included Campanian ware and sigillata dating from the 1stC B.C. to the 1stC A.D. (1). 1. Maia, 1978(1), p. 282.

8/227 ALMODÔVAR. Um tesouro de moedas do séc. III d.C., atribuído vagamente ao concelho de Almodôvar, parece ter sido achado, sinal, em Ameizal, no concelho de Loulé (1). Há notícia de cerâmica campaniense achada em Almodôvar, mas as referências não são muito precisas (2); além disso, esta cerâmica pode ter sido recolhida em qualquer outro abandonedo após a conquista. Assim, a inclusão de Almodôvar na carta arqueológica de Alentejo romano é mais do que discutível. A hoard of 3rdC coins, vaguely attributed to the concelho of Almodôvar, seems in fact to have come from Ameizal in the concelho of Loulé (1). There is an imprecise report of Campanian ware (2); though this might have come from some abandoned hill-fort after the conquest. Thus the inclusion of this site is controversial. 1. Hipólito, 1961, p. 109; 2. Delgado, 1971, p. 405-420.

8/ \*\*CASTELO DE ALMODÔVAR, Almodôvar, Almodôvar. Fortificação ou "villa" fortificada (1). Fort or fortified villa (1). 1. Maia, 1978(1), p. 282.

8/228 SEMBRANA, Senhoras da Graça de Padrões, Almodôvar. Alicerces, "regulae", sepulturas de incineração (1). Foundations, regulae, cremation graves (1). 1. Sa, 1963, p. 328.

8/229 HERDADE DAS GUEDELIHAS, Almodôvar, Almodôvar. Vestígios romanos não especificados (1). Unspecified Roman remains (1). 1. Leite de Vasconcelos, 1933, p. 243.

8/230 CASTELO DO PAPA LEITE, S. Miguel do Pinheiro, Mértola. Fortificação ou "villa" fortificada. Pela cerâmica recolhida à superfície, a ocupação corresponde aos séculos I a.C. e I d.C. Um fragmento de sigillata clara D, recolhido também superficialmente, prova a ocupação até ao Baixo-Imério ou reocupação no século IV. Na base da colina onde se situa a forte, há outros vestígios romanos (1). Fort or fortified villa. From the surface pottery it was occupied from the 1stC B.C. to the 1stC A.D. One shard of sigillata clara D also from the surface proves that it was in use to the Late Empire or in re-use. At the bottom of the hill occupied by the fort there are other Roman remains (1). 1. Maia, 1978(1), p. 282-283.

8/231 MONTE DO MANUEL GALO, S. Miguel do Pinheiro, Mértola. [Fig. 160] Formou-se "villa" fortificada. Três ordens de muralhas sustentam plataformas artificiais, em planos diferentes; os pontos mais elevados da muralha exterior estão sensivelmente ao nível dos alicerces da muralha imediatamente interior. O núcleo central é um quadrilátero com 15 m. de lado e paredes de 2 m. de espessura. Compreende um corredor central e sete compartimentos. No canto sudeste ergue-se uma torre maciça. Do lado sul não se observam as três muralhas. Pelos materiais encontrados, a ocupação iniciou-se no primeiro quartel do séc. I a.C. Nos primeiros anos do séc. II a.C., a "villa" foi mais abandonada (1). Fort or fortified villa. Three sets of ramparts support artificial platforms of different levels; the highest part of the exterior walls are more or less at the level of the foundations of the next wall in. The central nucleus is a square of 15 m. side and with walls 2 m. thick. It had a central corridor with seven rooms. On the south east corner is a massive tower. One cannot see the three walls on the north side. From the material found, the site was occupied from the first quarter of the 1stC B.C. to the first years of the 2ndC A.D. when it was abandoned (1). 1. Maia, 1978(1), p. 285-284.

8/232 QUINTÁ DE DONA MAIOR, S. Pedro de Solis, Mértola. Fortificação ou "villa" fortificada. Materiais abundantes do séc. II d.C. (1). Fort or fortified villa. Much 2ndC A.D. material (1). 1. Maia, 1978(1), p. 284.

8/233 CORTES PEREIRA, Alcoutim, Alcoutim. Uma inscrição funerária e minas de cobre provavelmente exploradas na época romana (1). A funerary inscription and copper mines, probably worked by the Romans (1). 1. Santos, 1972, p. 385-386; Encarnação, 1984, p. 149-150.

8/234 SANTA BÁRBARA, Alcoutim, Alcoutim. Autores antigos referem a existência de uma fortificação (1). Old authors refer to a fort (1). 1. Santos, 1973, p. 384.

8/235 HORTA DOS MOUROS, Santa Clara-a-Nova, Almodôvar. Uma sepultura com diversas peças de sigillata (1). A burial with several sigillata wares (1). 1. Viana, 1957 (3), p. 467-468.

8/236 ALCARIA DO TIO PALMA ou HERDADE DO MONTE LONGO, Almodôvar, Almodôvar. Uma inscrição funerária (1) e outros vestígios (2). A funerary inscription (1) and other remains (2). 1. Encarnação, 1984, p. 182; 2. Leite de Vasconcelos, 1933, p. 244-245.

8/237 VASCÃO, Santa Cruz, Almodôvar. Uma esbriinha de bronze (1). A small bronze goat (1). 1. Leite de Vasconcelos, 1895 (3), p. 245.

8/238 BARRANCO DO AZEITE, S. Pedro de Solis, Mértola. Alicerces, uma balança de cobre, cerâmica comum, fundos de ânforas e "um amoninhamento de barro cru amassado, porventura preparado para a fabricação de materiais de construção e de vestíbulos rústicos" (1). Foundations, a copper balance, coarse pottery, bases of amphorae and "a heap of clay, collected perhaps to make into brick and tile and coarse ware" (1). 1. Veiga, 1880, p. 15-16, 27-28 e 79.

8/239 LABORATO, Martim Longo, Alcoutim. Minas provavelmente exploradas na época romana (1). Mines possibly worked in Roman times (1). 1. Santos, 1973, p. 383.

8/240 MARTIM LONGO, Martim Longo, Alcoutim. Vestígios



## 204 FARO

de construções e uma necrópole de laumação (1). *Remains of structures and a inhumation cemetery (1)*. 1. Santos, 1972, p. 390-391.

8/241 AROMIRA ou DAROEIRA, Martim Longo, Alcoutim. Mina de cobre, na qual foi encontrado um denário de Adriano Pio (1). *Copper mine in which a denarius of Antonius Pius was found (1)*. 1. Santos, 1972, p. 390.

8/242 SERRO DAS RELIQUIAS, Giões, Alcoutim. Minas provavelmente exploradas na época romana (1). *Mines probably worked in Roman times (1)*. 1. Santos, 1972, p. 391.

8/243 LITÃO, Martim Longo, Alcoutim. Minas provavelmente exploradas pelos romanos (1). *Mines probably worked in Roman times (1)*. 1. Santos, 1972, p. 383.

8/244 CASTELO DE ALCARIA COVA, Giões, Alcoutim. Fortificação ou "villa" fortificada (1). *Fort or fortified villa (1)*. 1. Maia, 1978(1), p. 284.

8/245 FERRARIAS, Vaqueiros, Alcoutim. Minas provavelmente exploradas na época romana (1). *Mines probably worked in Roman times (1)*. 1. Santos, 1972, p. 383.

8/246 GARCIA, Pereiro, Alcoutim. Um pequeno busto de bronze e duas moedas romanas ilegíveis (1). *A small bronze bust and two illegible Roman coins (1)*. 1. Santos, 1972, p. 387-388.

8/247 ALCOUTIM. Teria existido aqui uma fortificação romana (1). É incerto se provém mesmo de Alcoutim, ou de fora do concelho, algumas moedas romanas existentes no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (2). *There appears to have been a Roman fort (1). There are some Roman coins in the Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (2) attributed to Alcoutim, but we do not know if these come from Alcoutim itself or from some other site within its concelho*. 1. Santos, 1972, p. 383-384; 2. Cavallieri, 1911, p. 103 e 108.

8/248 BARRANCO DO ESTEIO, Alcoutim, Alcoutim. Uma "casa" de ferro (1). *An iron age (1)*. 1. Santos, 1972, p. 384.

8/249 MONTINHO DAS LARANJEIRAS, Alcoutim, Alcoutim. "Villa" de consideráveis proporções, explorada em 1877 por Estácio da Veiga. Este levantou uma planta, mas não deixou estado ou descrição que nos permita entendê-la corretamente. O grande número de divisões que o edifício apresenta pressupõe a existência de peristilos ou átrios, mas não é fácil identificá-los. Numa das divisões havia um tapete aberto num pavimento de mosaico com representação de peixes. Parte da "villa" foi posteriormente ocupada por uma necrópole, em grande medida responsável pela destruição do edifício romano. O selado de sigillata itálica permite fechar a ocupação até à época de Augusto, embora se não possa com segurança atribuir a esta época o edifício cuja planta Estácio da Veiga desenhara (1). Uma inscrição fragmentária, aparentemente honorífica (2). *A villa of considerable size, explored by Veiga in 1877. This resulted in a plan, but there was too little descriptive matter to enable us to interpret it correctly. The large number of rooms means that there must be peristyles or atria, but it is very difficult to identify them. One room had a mosaic of fishes with a basin let into it. Part of the villa was later used for a cemetery which was largely responsible for the destruction of the Roman levels. Italian sigillata would make the date Augustan, but we cannot with any degree of certainty date the buildings on Veiga's plan to that period (1). A fragmentary inscription, apparently honorific (2)*. 1. Santos, 1972, p. 373-377; 2. Encarnação, 1984, p. 154.

8/250 CASTELO DE GUERREIROS DO RIO, Alcoutim, Alcoutim. Fortificação ou "villa" fortificada (1). *Fort or fortified villa (1)*. 1. Maia, 1978(1), p. 284.

8/251 AMEIXIAL, Ameixial, Loulé. Parece haver achados romanos procedentes deste local, embora as notícias sejam vagas (1). Talvez tenha sido aqui achado um tesouro de 8000 moedas do séc. III d.C., que Leite de Vasconcelos atribuiu ao concelho de Almodôvar (2). *It appears that*

*Roman finds came from here, but the references are vague (1). A coin hoard of the 3rd C. A.D. which Vasconcelos attributed to the concelho of Almodôvar, perhaps came from here (2)*. 1. Santos, 1972, p. 147; 2. Hippólito, 1961, p. 109.

8/252 CERRO DO CAVACO, Caculpo, Tavira. Uma ânfora do séc. II ou I a.C. (1). *An amphora of the 2nd or 1st C. B.C. (1)*. 1. Maia, 1978 (2), p. 200.

8/252 COVA DOS MOUROS, Vaqueiros, Alcoutim. Mina de cobre (1). *Copper mine (1)*. 1. Santos, 1972, p. 389.

8/253 VAQUEIROS, Vaqueiros, Alcoutim. Alicerces, sepulturas, sigillata, um denário republicano da família Porcia e moedas de Cláudio (1). *Foundations, burials, sigillata, a Republican denarius of the Porcia family and coins of Claudius (1)*. 1. Santos, 1972, p. 389.

8/254 MONTE DE SODES, Pereiro, Alcoutim. Um tesouro de denários republicanos. As moedas examinadas, em número de 11, situavam-se entre 242 e 108-104 a.C. (1). *A hoard of Republican denarii, the 11 examined dated between 242 and 108-104 B.C. (1)*. 1. Santos, 1972, p. 387.

8/255 ÁLAMO, Alcoutim, Alcoutim. "Villa" parcialmente escavada; uma estátua de Apolo; uma necrópole de incineração; uma represa a 90 m. da "villa" (1). *A villa which was partially excavated; a statue of Apollo; a cremation cemetery; a dam 90 m. from the villa (1)*. 1. Santos, 1972, p. 367-369.

8/256 AMORRIBRAS, Odeleite, Castro Marim. Cerâmica de construção e doméstica. Informação de Helena Catarino. *Brick and tile and domestic pottery*.

8/257 QUINTA DO FREDKO, Alse, Loulé. Uma necrópole e outros vestígios não especificados (1). *A cemetery and other unspecified Roman remains (1)*. 1. Santos, 1972, p. 159.

8/258 SERRO DOS NEGROS, Salir, Loulé. Achados diversos, designadamente um pequeno galo de bronze (1). *Various finds, particularly a small bronze cock (1)*. 1. Saa, 1963, p. 138.

8/259 TORRINHA, Salir, Loulé. Alicerces e uma necrópole (1). *Foundations and a cemetery (1)*. 1. Saa, 1963, p. 138.

8/260 SALIR, Salir, Loulé. Uma necrópole (1) e uma inscrição votiva onde o teónimo, infelizmente, é ilegível (2). *A cemetery (1) and a votive inscription to an illegible god (2)*. 1. Santos, 1972, p. 144-145; 2. Encarnação, 1984, p. 112.

8/261 ALAGOAS ou CERRO DAS ALAGOAS ou VALE DE ALAGOAS, Salir, Loulé. Cerâmica; minas de ferro exploradas pelos Romanos (1). *Pottery, iron mines worked by the Romans (1)*. 1. Santos, 1972, p. 159.

8/ \*\*CORTE DE JOÃO MARQUES, Ameixial, Loulé. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Saa, 1963, p. 315.

8/262 CHOÇAS E ALCARIAS, Azinhal, Castro Marim. Alicerces, cerâmica de construção, sigillata sigillata, moedas (1). *Foundations, brick and tile, South Gaulish samian, coins (1)*. 1. Santos, 1972, p. 365-367.

8/263 CASTRO MARIM. Na área do castelo têm-se encontrado fundos, capitais e outros elementos arquitetónicos, cerâmica de construção e doméstica (incluindo sigillata), pesos de tear, moedas (1). O local corresponde talvez a "Baesuris", povoação que aparece citada no "Itinerarium" de Antonino sob a forma "Esuri" (2). "Baesuris" cunhou moeda (3). Em Castro Marim encontram-se ainda uma inscrição funerária (4). Há restos de estradas romanas nas imediações da povoação (5). *Columns shafts and capitals with other architectural elements, brick and tile and domestic pottery including sigillata, loom weights, coins were found in the area of the castle (1). This was possibly Baesuris, referred to as Esuri in the Antonine Itinerary (2). Baesuris struck coins (3). A funerary inscription (4). There are traces of Roman roads in the environs of the town (5)*. 1. Santos, 1972, p. 357-361; Arruda, 1984, p. 245-248; 2. Tovar, 1976, p. 205; 3. Mawat, 1900, p. 17-24; 4. Encarnação,



1964, p. 130-132; 3. Mascarenhas, 1967, p. 26.

8/264 **LEZÍRIA**, Castro Marim, Castro Marim. Cerâmica doméstica comum, sigillata, cerâmica de paredes finas, ânforas (1). *Coarse pottery, sigillata, thin-walled vessels, amphorae (1)*. 1. Araújo, 1985, p. 111-124.

8/265 **CERRO**, Belquême, Loulé. Necrópole cuja cronologia romana é todavia duvidosa (1). *A cemetery whose Roman date is dubious (1)*. 1. Santos, 1972, p. 144.

8/266 **PONTE DE TÔR**, Querença, Loulé. Ponte romana (1). *A Roman bridge (1)*. 1. Santos, 1972, p. 148-149.

8/267 **FAZENDA DO COYOVIO**, Loulé (S. Sebastião), Loulé. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Santos, 1972, p. 160.

8/268 **LOULÉ**. Uma inscrição a Diana, consagrada por "Fontelus Philocostus" (1). Reutilizada na Igreja matriz de S. Clemente, esta inscrição terá sido encontrada em Loulé, ou provirá de outra qualquer estação romana das vizinhanças? O mesmo nome do dedicante parece ler-se numa inscrição encontrada em Retorta (2). Há notícia do achado, em Loulé, de sigillata e de um bronze figurativo representando um legionário, à saída da vila, uma ponte de origem romana (3). *An inscription to Diana, consecrated by Fontelus Philocostus (1). We do not know if this inscription which was re-used in the parish church of S. Clemente, came from Loulé or some other Roman site in the neighbourhood. The same dedicant appears on another inscription found in Retorta (2/198) (2). There is a record of sigillata and a bronze figurine of a legionary in Loulé, leaving the town a bridge of Roman origin (3)*. 1. Encarnação, 1984, p. 104-105; 2. Encarnação, 1984, p. 106; 3. Santos, 1972, p. 151-152.

8/269 **ALFARROBEIRA**, Loulé (S. Clemente), Loulé. Um tanque de seixos cuja cronologia nos parece insegura, dada a existência de outros vestígios (1). *An irrigation system whose date is dubious, given the lack of other remains (1)*. 1. Santos, 1972, p. 160.

8/270 **OUTEIRO DE ALPORTIL**, S. Brás de Alportel, S. Brás de Alportel. Uma necrópole (1). *A cemetery (1)*. 1. Santos, 1972, p. 160-162.

8/271 **S. ROMÃO**, S. Brás de Alportel, S. Brás de Alportel. Duas inscrições funerárias (1). Numa delas menciona-se uma "Caecilia Marina, ossonobensis". Em Faro há testemunhos de uma "gens Caecilia", que poderia ter sido em S. Romão à sua "villa". Em S. Romão, porém, não há notícia de outros achados. Poderam as inscrições ter vindo de outro local, eventualmente de S. Brás de Alportel? *Two funerary inscriptions (1). One mentions a Caecilia Marina, Ossonobensis. In Faro there is a reference to a gens Caecilia which could have been at the S. Romão villa. In S. Romão we have no further finds. It seems that the inscription could have come from elsewhere, perhaps S. Brás de Alportel*. 1. Santos, 1972, p. 165-166; Encarnação, 1984, p. 112-113 e 116-117.

8/272 **APRÁ**, Loulé (S. Clemente), Loulé. Uma necrópole e uma inscrição funerária (1). *A cemetery and a funerary inscription (1)*. 1. Santos, 1972, p. 185-186; Encarnação, 1984, p. 120.

8/273 **TORRES D'APRÁ**, Loulé (S. Clemente), Loulé. Uma inscrição votiva onde o topónimo, infelizmente, é ilegível (1). *A votive inscription, the god's name is unfortunately unreadable (1)*. 1. Encarnação, 1984, p. 110-111.

8/274 **HORTAS E MOÍNHOS**, S. Brás de Alportel, S. Brás de Alportel. Vestígios de uma estrada e ponte (1). *Remains of a road and bridge (1)*. 1. Santos, 1972, p. 160-162.

8/275 **MALHADA DO NOBRE**, Santa Catarina da Fonte do Bispo, Tavira. Vestígios não especificados e uma mina de cobre que poderá ter sido explorada na época romana (1). *Unspecified Roman remains and a copper mine that could have been worked by the Romans (1)*. 1. Santos, 1972, p. 294.

8/276 **S. DOMINGOS DE ASSECA**, Tavira (Santa Maria), Tavira. Alicerces, mosaicos, fragmentos de estatuas, moedas (1). *Foundations, mosaics, fragments of statues, coins (1)*. 1. Santos, 1972, p. 335.

8/277 **PAÚL**, Santo Estêvão, Tavira. Uma necrópole, cerâmica doméstica e vidros, uma moeda de Cláudio II (1), uma inscrição funerária (2). *A cemetery, domestic pottery and glass, a coin of Claudius II (1), a funerary inscription (2)*. 1. Santos, 1972, p. 297-299; 2. Encarnação, 1984, p. 146-148.

8/278 **MARNIS**, Santo Estêvão, Tavira. Vestígios romanos não especificados (1). *Unspecified Roman remains (1)*. 1. Santos, 1972, p. 90.

8/278A **POÇO DO VALE**, Santo Estêvão, Tavira. Ruínas cuja cronologia romana é todavia duvidosa (1). *Ruins whose Roman date is dubious (1)*. 1. Santos, 1972, p. 294-295.

8/279 **SANTO ESTÊVÃO**, Santo Estêvão, Tavira. Alicerces, fragmentos de estatuas, cerâmica de construção, diácoras por uma vasta área que abrange Santo Estêvão, Asseca, Castelo, Cacela, Igreja (1). A informação, assim vaga e englobante, não nos permite determinar o que a que em cada sítio se encontrou. É evidente que nesta área se localizam diversas estações, algumas delas, provavelmente, "villas" suburbanas da cidade de Balsa. *Foundations, fragments of statues, brick and tile, spread over a large area taking in S. Estêvão, Asseca, Castelo, Cacela, Igreja (1). This information, vague and diffuse does not enable us to sort the finds to each site. It is clear that there are several sites in this area which are probably suburban villas around Balsa*. 1. Santos, 1972, p. 297.

8/280 **SANTA RITA**, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António. Uma represa no ribeiro da Hortiã (1). *A dam on the Hortiã (1)*. 1. Santos, 1972, p. 344-345.

8/281 **QUINTA DO MURO**, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António. Cetárias e duas cabeças bifrontes que deviam remeter "hermas" decorativas. Possivelmente, este lugar corresponde a uma "villa" que se estendia para Cacela; dela faziam parte os vestígios encontrados sob ou junto da Igreja e do forte de Cacela (1). *Fish-salting tanks and twin faced heads which were decorative herms. This site may have been a villa which stretched in Cacela; the remains found under or next to the church and to the fort of Cacela, may belong to the same site (1)*. 1. Santos, 1971, p. 309-311.

8/282 **CACELA**, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António. Mosaicos, fustes de colunas, cerâmica de construção, fragmentos escultóricos, cetárias (1), lucernas (2). Talvez se tratasse de uma "villa" que ocupava o local do forte e da igreja, estendendo-se eventualmente para a vizinha Quinta do Muro. Junto da Igreja há vestígios de fortes paredes (3). *Mosaics, column shafts, brick and tile, sculpted pieces, fish-salting tanks (1). Lamps (2). This is certainly a villa built in the area of the fort and church stretching to the neighbouring Quinta do Muro. Next to the church there are the remains of strong walls (3)*. 1. Santos, 1971, p. 305-307; 2. Ferreira de Almeida, 1953, n.º 96, 124, 125, 249; 3. Viana, 1955(3), p. 49.

8/283 **POÇO DO PRIOR**, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António. Duas lucernas marcadas (1). *Two marked lamps (1)*. 1. Santos, 1972, p. 341.

8/284 **HORTA DA CANADA**, Conceição, Tavira. Necrópole de inumação (1). *A inhumation cemetery (1)*. 1. Santos, 1972, p. 339-340.

8/285 **ARRANCADA**, Conceição, Tavira. Cerâmica de construção e doméstica (1). *Brick and tile and domestic pottery (1)*. 1. Santos, 1972, p. 339.

8/286 **TAVIRA**. Um busto masculino, de mármore (1) e duas lucernas (2). Provirão mesmo de Tavira, ou de alguma das estações romanas do concelho, eventualmente da "Balsa"? *A marble male bust (1) and two lamps (2). We do not know if they came from the town itself or some Roman site in the concelho perhaps Balsa*. 1. Filipe Simões, 1869, p. 12; 2. Ferreira de Almeida, 1953, n.º 139 e 151.



8177 ARRIFES, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António. Um "phallus" de bronze, com sítio onde há vestígios de explorações mineiras antigas, sem que possa precisar-se a cronologia das mesmas (1). *A bronze phallus from a site where there are traces of ancient mining, but whose date is unknown (1)*. 1. Santos, 1972, p. 341-342.

8287 SOBRAL, Castro Marim, Castro Marim. Alcerces, cerâmica de construção e doméstica, uma necrópole (1). *Brick and tile and domestic pottery, a cemetery (1)*. 1. Santos, 1972, p. 350-351.

8288 SILVEIRA, Castro Marim, Castro Marim. Fornos de telha cuja cronologia romana é todavia duvidosa (1). *Tile kilns whose Roman date is dubious (1)*. 1. Santos, 1972, p. 347-348.

8289 MAUDINHEIRO, Castro Marim, Castro Marim. Alcerces, "opus signinum", cerâmica de construção e doméstica, uma necrópole (1). *Foundations, "opus signinum", brick and tile and domestic pottery, a cemetery (1)*. 1. Santos, 1972, p. 348-349.

8290 FORMALHA, Castro Marim, Castro Marim. Cerâmica de construção, sigillata, uma inscrição cuja leitura é parafuso a desconhecem (1). *Brick and tile, sigillata, an inscription whose reading and whereabouts is unknown (1)*. 1. Santos, 1972, p. 350.

8291 VALE DO BOTO, Castro Marim, Castro Marim. Alcerces, "opus signinum", cerâmica de construção e doméstica, designadamente ânforas, um bronze de Tibérin (1). *Foundations, "opus signinum", brick and tile and domestic pottery particularly amphorae, a bronze coin of Tiberius (1)*. 1. Santos, 1972, p. 347; Gonçalves, 1980, p. 71-79.

8292 OLHOS DE S. BARTOLOMEU DE CASTRO MARIM, Castro Marim, Castro Marim. Um forno de ânforas, atribuído aos fins do séc. I ou à primeira metade do II d.C. (1). *"tegulae" marcadas IVNIORVM (2), uma inscrição funerária (3). An amphora kiln dating to the end of the 1st or first half of the 2nd C. A.D. (1), tegulae stamped IVNIORVM (2) a funerary inscription (3)*. 1. Santos, 1972, p. 351-354; 2. Pereira, 1977, p. 248; 3. Encarnação, 1984, p. 152-154.

8293 HORTA, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António. "Tegulae, imbrices", uma necrópole de inumação em espólio max aparentemente romana (1). *Tegulae, imbrices, a inhumation cemetery without grave goods but apparently Roman (1)*. 1. Santos, 1972, p. 343.

8294 TORRE DOS FRADES, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António. Moedas romanas (1). *Roman coins (1)*. 1. Santos, 1972, p. 343-344.

8295 FIDALGA, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António. Alcerces (1) e uma necrópole (2). *Foundations (1) and a cemetery (2)*. 1. Viana, 1955 (3), p. 40; 2. Santos, 1972, p. 344.

8296 MANTA ROTA, Vila Nova de Cacela, Vila Real de Santo António. Alcerces e sigillata. Talvez houvesse aqui um forno cerâmico para a cozedura de ânforas, mas a verificação ainda não foi confirmada (1). *Foundations and sigillata. There was perhaps an amphora kiln, this is unconfirmed (1)*. 1. Santos, 1971, p. 312.

8297 VALE TERNADO, Quarteira, Loulé. Represa que abastece a "villa" de Cerro da Vila (1). *A dam for the villa of Cerro da Vila (1)*. 1. Santos, 1972, p. 166.

8298 CERRO DA VILA, Quarteira, Loulé. (fig. 161). Próxima da Quarteira, a 400 m. do litoral, uma das "villas" mais ricas de Portugal, residência de alguma família monótona cujo nome desconhecemos.

Integrada na área urbanizada do grande complexo turístico de Vilamoura, as ruínas merecem visita. Os materiais encontrados, romanos, visigóticos e árabes (estes, pelo menos, até ao séc. X), guardam-se num improvisado museu local, mas está prevista a construção de um moderno edifício para museu monográfico.

Apesar das escavações serem sistemáticas desde 1971, não

existem ainda senão breves publicações (1).

A planta que apresentamos corresponde a uma adaptação das plantas publicadas. Não tem escala por não a termos encontrado nos desenhos de que nos servimos.

Os muros traçados são da nossa responsabilidade e racionalizam a planta, mas não têm a confirmação do arqueólogo responsável, José Luís de Matos. Devem, por conseguinte, aceitar-se com reservas, aguardando o relatório definitivo das escavações, que poderá demonstrar a instabilidade de algumas das nossas propostas.

A reutilização das construções com fins diferentes dos originais, ao longo das épocas visigótica e árabe, e a destruição, ainda na década de 1960, de grande parte dos muros, dificultam interpretações e reconstruções.

O conjunto A corresponde à residência, construída talvez no séc. III. Orientada a noroeste, a fachada apresenta-se pontuada em toda a sua extensão. Um vestíbulo (3) dá acesso ao peristilo (4), em cujo espaço central, descoberto, se localiza um comprido tanque rectangular, com um poço do lado sudeste. Diversos compartimentos ocupam três dos lados do peristilo. O mais vasto, (5), abre-se amplamente a noroeste sobre um ninfeu semicircular e seria ladeado por duas salas em abside. A divisa (6) corresponderia a um reservatório donde a água seria canalizada para o tanque do peristilo e o ninfeu.

O corredor (7) dava acesso a um pavilhão hexagonal que seria aquecido. Junto dele, em (8), situa-se uma pequena latrina.

O espaço (15) poderia ser um segundo peristilo, que daria acesso às termas. Estas são constituídas por duas salas sobre hipocausto, (13) e (14) e por uma sala fria com piscina (12).

O corredor (10), que contorna o edifício, conduz a uma zona sobre criptopórtico (11). Conservam-se apenas os alicerces da cave, que inclui, no canto sudoeste, um corpo de planta talvez idêntica a (9), mas de maiores dimensões. O corredor (16) daria para uma área de serviços, incompletamente escavada.

É possível que a residência tivesse, pelo menos em parte da sua área, um segundo pátio.

O corpo B corresponde a umas termas de excepção dimensões para uma "villa". Nada, porém, justifica a interpretação de que esta banheira servia "uma população numerosa e que tinha possibilidade de pagar os serviços requiridos que si se prestavam". Trata-se certamente de um balneário destinado a servir os senhores da "villa". As suas grandes dimensões justificam-se pela riqueza dos proprietários e pela situação litoral, que curvava, pelo menos nos meses quentes de verão, a prolongada ou repetidos banhos. A área (17) correspondia a um reservatório, donde a água era canalizada para a "caldaria" (18). O grande caldeirão (21), com 13,50 x 9,50 m., cujo "praefurnium" parece localizar-se em (23), foi posteriormente abandonado, pois uma pequena banheira de água fria em (22) representa uma adaptação que parece incompatível com a utilização do caldeirão. São também aquecidas as salas (24) e (25). O espaço circular (26) pode corresponder a um ninfeu e (19) seria, na interpretação do escavador, um pórtico central.

Os conjuntos C e D estão insuficientemente escavados e a sua interpretação é por isso difícil neste momento. O complexo D parece corresponder a uma residência, pois se acha parcialmente pavimentado de mosaico.

Além dos edifícios representados na planta, estão pátios a descoberto diversas celárias e um "colubartum". Parece difícil a atribuição deste último ao século III. Se a residência A data deste século, deve admitir-se no local uma residência anterior, eventualmente do século I.

Está também localizada uma barragem no local designado Vale Tenado e identificado o percurso de um aqueduto que, ao longo de 1700 m., trazia água à "villa".

Embora danificados por sucessivas ocupações, conservam-se em razoável estado os restos da residência A, cuja qualidade não corresponde, porém, à excepcionalidade da "villa". *Near Quarteira, 400 m. from the shore, one of the most important villas in Portugal which was the home of a family from Ossonoba (Faro) but whose name is unknown.*

*In the tourist area of Vilamoura the ruins are well worth a visit. Roman, Visigothic and Arab material - occupation continued at least until the 10th C. A.D. - is kept in an improvised local museum, though there are plans for a brand new museum building.*

*Though systematic excavation has been in hand since 1971 only brief reports have yet been published (1).*

*Our plan is based on the published one but we have no*



scale as there is none on the drawings.

The walls in dotted lines have been drawn by us and we have rationalised the plan but have no confirmation of this from the excavator J.L. de Matos. This ought therefore to be treated with some reservation until we have a proper plan of the excavations which might prove some of our ideas wrong.

The successive building at different dates right into the Visigothic and Arab periods together with the destruction of a large part of the walls in the 1960s, makes a sound interpretation or reconstruction difficult.

Complex A is the residence, built perhaps in the 3rd C. A.D. Oriented northwest, the facade had a portico along its entire length. A vestibule [3] led to a peristyle [4], in whose centre was a long-rectangular basin with a well on the southeast side. Various rooms occupy three sides of the peristyle. The largest [5], had a large opening to the northwest into a semicircular nymphaeum flanked by two cupped rooms. Room [6] was a reservoir from which water was channelled to the peristyle and nymphaeum.

The corridor [7] gave onto a hexagonal pavilion which was heated. Next to it at [8] was a small lavatory.

The space at [15] could have been a second peristyle giving onto baths. These consisted of two rooms on hypocausts [13] and [14] and a cold room with a pool [12].

A corridor [10] which went around the building, led to an area over a cryptoporcus [11]. The cellar walls scarcely survive but include on the southwest corner a complex apparently identical to [9] but larger.

A corridor [16] leads to a service area incompletely excavated.

It is possible that the residence had at least partially a hypocaust.

Complex B are baths which are exceptionally large for a villa. We can find no justification for the belief that this bath catered for "a large population who could pay for the sophisticated services available". It was certainly for the villa owners. The large size was justified by their wealth and the seaside location of the villa made it desirable, at least for the hot summer months, to take long and repeated baths. Area [17] was a reservoir from where the water was channelled to a natatio [18]. A large caldarium [23] measuring 13.5 x 9.50 m. whose praefurnium appears to have been at [22] was later abandoned. The insertion of a small cold bath [22] appears to be an alteration incompatible with a caldarium. Rooms [24] and [25] were also heated. The circular space [26] could have been a nymphaeum while [19] according to the excavator, a central courtyard.

Complexes C and D are insufficiently excavated for us yet to be able to make any sensible guesses. D appears to be a residence as it appears to be partially paved with mosaic.

As well as the buildings on the plan, some fish-salting tanks and a "columbarium". It is difficult to believe that this latter dates to the end of the 3rd C. A.D. If residence A is of that date, then we would expect there to have been an earlier villa of around the 1st C. A.D. A dam has also been identified at a place called Vale Tornado with an aqueduct 1700 m. long, to take water to the villa.

The mosaics of residence A are in reasonable condition, though damaged by successive occupations, but their quality does not match the importance of the villa. 1. Matos, 1984, p. 137-142.

8/299 QUARTERA, Quarteira, Loulé. Ceteras, ruínas hoje submersas pelo mar, duas moedas de prata cunhadas em Carista (1). Fish-salting tanks, ruins now under the sea, two silver coins minted in Carista (1). 1. Santos, 1971, p. 149-151.

8/300 LOULÉ VELHO, Quarteira, Loulé. Mosaicos, termas, ceteras, um peso de laço e vestígios que se estendem por cerca de 400 m. permitem localizar aqui uma "villa", infelizmente hoje arrasada. A ocupação foi longa, porque se acharam moedas ibéricas de Carista e numismas romanos até finais do séc. IV d.C. (1). Também cerâmicas estampadas cinquenta e Late Roman C (2). Mosaics, baths, fish-salting tanks, a press weight and other remains over 400 m. should make this a villa, unfortunately wiped out today. It was in use a long time because the coins range from Iberian Carista to Roman of the end of the 4th C. (1). Also grey stamped pottery and Late Roman C (2). 1. Santos, 1971, p. 151-160; 2. Senas, 1974, p. 205-210; Pereira Malá, 1978, p. 301-302.

8/301 SILVEIRA, Santa Bárbara de Nexe, Faro. Uma inscrição funerária (1). A funerary inscription (1). 1. Encarnação, 1984, p. 72-73.

8/302 CERRO DE GUELHIM, Estói ou Santa Bárbara de Nexe, Faro. Uma necrópole de inumação (1), duas inscrições funerárias (2). A inhumation cemetery (1), two funerary inscriptions (2). 1. Santos, 1972, p. 239-241; 2. Encarnação, 1984, p. 61-62 e 68.

8/303 COLMEAL, Santa Bárbara de Nexe, Faro. Uma inscrição funerária (1). A funerary inscription (1). 1. Encarnação, 1984, p. 76-77.

8/304 MILREU, Estói, Faro (figs. 32-4, 36, 47, 83-5). Uma das maiores "villas" romanas de Portugal, durante muito tempo identificada como acúdo a cidade romana de Ossonoba. O problema está hoje esclarecido: Ossonoba corresponde à actual cidade de Faro e Milreu é uma "villa" do "territorium" ossonobense. As primeiras escavações foram efectuadas por Estácio da Veiga, em 1877. As estruturas reveladas por este arqueólogo, e conhecidas através da planta que nos deixou, já não são hoje totalmente visíveis, por terem sido em parte enterradas. Atingiam uma área de 15.000 m<sup>2</sup>.

A primeira ocupação do local deve atribuir-se ao séc. I ou II d.C. A "villa" então erguida foi profundamente remodelada no séc. IV. Talvez o posseguimento das escavações, agora dirigidas por Th. Haasehild, venha a permitir a reconstrução parcial desse primeiro edifício.

A "villa" do séc. IV tinha a entrada a sul, através de um pequeno vestibulo rectangular, com tanques semicirculares à direita e à esquerda, segundo um modelo que se encontra noutras viviendas romanas da época. A "villa" organiza-se em torno de um peristilo de 22 colunas. Num dos lados menores, uma grande sala com abóbada funcionava provavelmente de "triclinium". Nas traseiras desta sala encontraram-se as termas, com grande "apodyterium", um frigidário com banheira circular, sepácio e caldário. Os mosaicos de uma das banheiras representam peixes; estes são usageradamente gordos; vistos através da água, as dimensões seriam reduzidas, por ilusão óptica, à normalidade.

Do lado leste do peristilo ficavam os aposentos mais intimos da casa, distribuídos em torno de um átrio. Esta parte da vivienda tinha os seus pavimentos acima do superior à do peristilo; são perfeitamente visíveis os degraus de acesso. Um edifício do séc. XVIII está hoje implantado sobre a parte oriental da "villa". Escavações recentes no interior desta construção setecentista permitiram identificar umas segundas termas.

A planta do Estácio da Veiga mostra parcialmente as instalações da parte sudeste da "villa", com alojamentos para os criados e um lagar. Mostra também dois mausoléus. Um deles, atribuído ao séc. I ou à primeira metade do II d.C., é um "podium" de 5x10 m., que aloja uma câmara rectangular coberta por abóbada de tijolo. Sobre o podium erguer-se-ia um pequeno edifício em forma de templo. A câmara funcionava de "columbarium", com espaço para 10 urnas. O segundo mausoléu não seria muito diferente do primeiro, no aspecto exterior. A câmara destinava-se, porém, a alojar um sarcófago.

A "villa" de Milreu integra ainda um templo dedicado a divindades aquáticas. Assente num "podium" revestido de mosaico figurativo de peixes, o templo tem uma "cella" quadrada rematada em abside. A toda a volta corria um pórtico de arcos moentes sobre colunas coríntias e coberto por abóbada de canhão. Os intercolúnios eram fechados por cancelas de mármore. O corpo central do edifício, rematado por frontões triangulares nas quatro fachadas, ergue-se acima do pórtico envolvente. Interiormente, o templo era coberto por abóbada de arestas e por uma meia-cúpula na abside. Construído nos fins do séc. III ou nos inícios do IV, este templo tem paralelos em S. Cucufes e na Quinta do Marim.

Alcoda no séc. IV ou no V, o templo foi cristianizado. Mist batis, no VI ou VII, construiu-se um baptistério no recinto murado em que se ergue o templo.

Em Milreu encontraram-se quatro retratos de mármore de uma mulher da época flaviana, de Agripina, Adriana e Calpurnia. O achado de retratos imperiais não é normal numa "villa" particular. Das duas inscrições são agora achadas em Milreu, uma, infelizmente incompleta, parece dedicada ao culto imperial; outra é funerária (1). One of the largest villas in Portugal which was thought for a long time to be the ancient Ossonoba. We now know that Ossonoba is Faro



and that Milreu a villa in its territory. The first excavation was carried out by Veiga in 1877. The structures he excavated which we know from his plan, are not still completely visible as part was covered up. They extend over an area of 15,000 m<sup>2</sup>.

The site was first occupied in 1st or 2nd C. A.D. The villa was extensively rebuilt in the 4th C. Perhaps the current dimensions under the direction of Th. Hauschild will enable a partial reconstruction of the first villa.

The 4th C. villa had an entrance in the south through a small rectangular vestibule with semi-circular basins to the right and left in the then current fashion. The villa was built around a peristyle of 22 columns. On one of the shorter sides there is a large room with an apse which was perhaps a triclinium. Across from this were the baths with a large apodyterium, a frigidarium with a circular pool, syndarium and caldarium. The mosaics in one of the baths is of fish; these are very fat but seen through water, the optical effect was to make them of normal size.

On the east side of the peristyle were the most private rooms of the house, placed around an atrium. The remains of this part of the villa were superior to those of the peristyle and the entrance steps can clearly be seen. An 18th C. building stands today on the eastern part of the villa. Recent excavation of this 18th C. edifice has enabled a second visit to be identified.

Some of the "pars rustica" of the villa can be seen on Veiga's plan with rooms for the servants and a press. It also shows two mausoleums. One, datable to the 1st C. or first half of the 2nd C. A.D. has a podium of 5 x 16 m. on which is a chamber with a tiled vault over it. The chamber was a columbarium with space for 10 urns. The second mausoleum was very similar on the outside but the inside was designed to take a sarcophagus.

The villa contained a temple dedicated to aquatic deities. Sitting on a podium covered with a mosaic of fish, it had a square cella ending in an apse. A barrel-vaulted portico ran all round the temple flanked by arches sitting on Corinthian columns. There were marble revets between the columns. The body of the building was finished with triangular entablatures on all four faces, built over the surrounding portico. The inside of the temple was covered by cross vaulting and a half cupola over the apse. Built at the end of the 3rd C. or beginning of the 4th C. A.D. the temple has parallels with those of S. Cucufate (8/2) and Quinta de Marim (8/311). In the 4th or 5th C. A.D. the temple was converted into a church and later in the 6th or 7th C. a baptistry was built within the walled enclosure.

Four marble portraits have been found at Milreu: one of a woman of the Flavian period, the others of Agrippina, Hadrian and Gallienus. Imperial portraits are unusual in a private villa. Of the two inscriptions so far found in Milreu one is unfortunately incomplete and appears to be dedicated to the Imperial cult, the other is funerary (1). 1. Hauschild, 1984, p. 94-104; Encarnação, 1984, p. 43-44, 74-75.

8/305 S. JOÃO DA VENDA, Almansil, Faro. Um lagar e sua "cella vinaria" com grande número de ânforas (1). A press and a "cella vinaria" with a large number of amphorae (1). 1. Santos, 1972, p. 166-170.

8/306 MATA-LOBOS, Almansil, Loulé. Necrópole constituída por quatro sepulturas onde se recolheram fragmentos de um unguentário de vidro e um vaso cerâmico (1). A cemetery of four graves where parts of a glass unguent vase and a pottery vase were found (1). 1. "Heráldica", n.º 19.171, de 2.4.1954.

8/307 MONTE DO CASTELO, Estói, Faro. Uma inscrição que desapareceu sem que tivesse sido feita a sua leitura (1). An inscription that disappeared before it could be read (1). 1. Santos, 1972, p. 243.

8/308 MONCARAPACHO, Moncarapacho, Olhão. Um cemitério de inumação e uma pedra de anel (1). An inhumation cemetery and a gem-stone from a ring (1). 1. Santos, 1972, p. 290.

8/309 \*ROMEIRÃO, Moncarapacho, Olhão. Alicerces, cerâmicas de construção e domésticas, moedas imperiais e uma inscrição que foi perdida sem que dela tenha ficado leitura (1). Foundations, brick and tile and domestic pottery.

Imperial coins and an inscription which was lost before it was read (1). 1. Santos, 1972, p. 291.

8/310 \*VALE DA SERRA, Moncarapacho, Olhão. Vestígios romanos não especificados e restos de estrada (1). Unspecified Roman remains and traces of a road (1). 1. Santos, 1972, p. 291.

8/309 ALFANDANGA, Moncarapacho, Olhão. Uma inscrição fúnebre (1). A funerary inscription (1). 1. Encarnação, 1984, p. 92.

8/310 BIAS DO SUL, Moncarapacho, Olhão. Um miliário da época júlio-claudiana, talvez mesmo da época de Augusto (1), sepulturas, sigillata, vidros (2), cerâmicas de construção (3). A milestone from the Julio-Claudian period, perhaps of Augustus (1), burials, sigillata, glass (2), brick and tile (3). 1. Encarnação, 1984, p. 720; 2. Santos, 1972, p. 287-288; 3. Mascarenhas, 1967, p. 10.

8/311 MARIM ou QUINTA DO MARIM, Quelfes, Olhão. (fig. 88, 162). "Villa" excepcionalmente rica. Das suas escavações, feitas em 1877, Estúcio da Veiga deixou algumas plantas. A "villa" integrava um templo de traçado idêntico aos de Milreu e S. Cucufate, umas termas, uma "cella vinaria" ou "olearia" (1). Mosaicos (2). Duas necrópoles, distanciadas 200 metros uma da outra, possivelmente numerosas inscrições fúnebres (3). A riqueza da "villa" está testemunhada também por um tesouro de 100 "aurei" de Honório (4). A existência de materiais visigóticos (5), "Late Roman" C (6) e inscrições cristãs (7) prova a sobrevivência da "villa" no séc. V ou mesmo para além dele. An exceptionally important villa. Veiga gives some plans from his 1877 excavations. The villa contained a temple identical in design to those of Milreu and S. Cucufate, baths, a store-building for wine or olive oil (1). Mosaics (2). Two cemeteries 200 m. apart with numerous funerary inscriptions (3). The wealth of the villa is shown by a hoard of 100 aurei of Honorius (4). Visigothic material (5), Late Roman C pottery (6) and Christian inscriptions (7) show that the villa survived into the 5th C. or even later. 1. Santos, 1972, p. 249-277; 2. Santos, 1972, p. 269; Saavedra Machado, 1970, p. 366-372; 3. Encarnação, 1984, p. 81-101; 4. Hipólito, 1961, p. 91-92; 5. Almeida, 1962, p. 237 e 243; 6. Pereira Maia, 1978, p. 301-302; 7. Santos, 1972, p. 259-260.

8/312 QUINTA DO TRINDADE, Tavira (Santiago), Tavira. Vestígios de construção, mosaicos, uma necrópole, inscrições fúnebres (uma em grego), restos de uma estrada (1). Remains of structures, mosaics, a cemetery, funerary inscriptions (one in Greek), the remains of a road (1). 1. Santos, 1972, p. 326-332.

8/313 SANTA LUZIA, Tavira (Santiago), Tavira. Uma inscrição fúnebre (1). A funerary inscription (1). 1. Encarnação, 1984, p. 140-141.

8/314 DONA MENGA, Luz, Tavira. Alicerces, cerâmica de construção, uma mó de lagar, moedas, uma necrópole (1). Foundations, brick and tile, a press stone, coins, a cemetery (1). 1. Santos, 1972, p. 301-302; Mascarenhas, 1967, p. 28-29.

8/315 PEDRAS D'EL REI, Tavira (Santiago), Tavira. Mosaicos, umas termas, vestígios de um laio reduzido a grandes blocos fragmentados de "opus signinum", uma necrópole de inumação (1). Mosaics, baths, remains of a quay now in large broken pieces of "opus signinum", a inhumation cemetery (1). 1. Santos, 1972, p. 307-312.

8/316 \*HORTA DO RAMOS, Luz, Tavira. Um unguentário de vidro (1). A glass unguent vessel (1). 1. Machado, 1920, p. 269.

8/317 QUINTA DO ARROJO, Luz, Tavira. Uma necrópole com sepulturas de incineração e de inumação (1). Inscrições fúnebres (2). A cemetery with cremations and burials (1). Funerary inscriptions (2). 1. Santos, 1972, p. 319-326; 2. Encarnação, 1984, p. 123, 139, 141 e 145.

8/318 QUINTAS DAS ANTAS e de TORRE D'ARES, Luz, Tavira, (figs 165-166). Nestas duas quintas localiza-se a cidade antiga de "Balso". Foi sede de "civitas", pois a



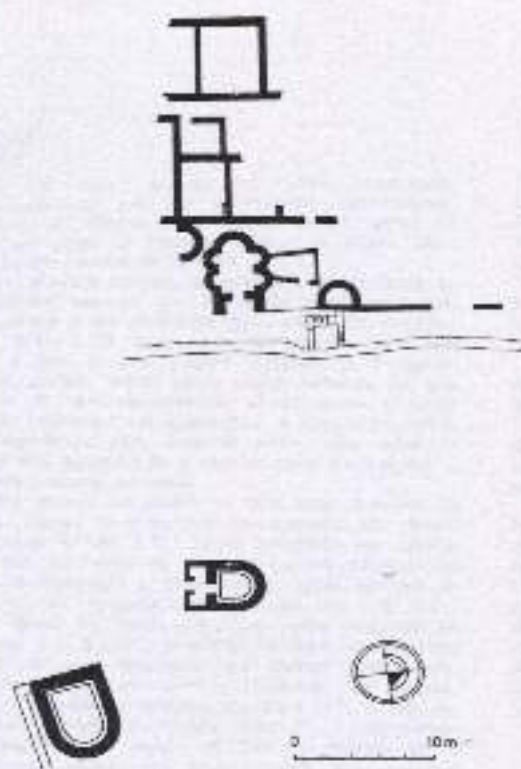


Fig 162: Quinta do Martin (8/311) Planta da villa. (The villa)

epigráficas records a "ordo decurionum" e um diáximo (1). Os cidadãos de Balsa estavam inscritos na tribo Quirina, razão pela qual se deverá admitir a sua elevação a "municipium" no tempo dos Flávios (2). Apesar de numerosos achados, uma fonte casualmente, outros em resultado de escavações programadas, não se conhecem com o perímetro urbano, nem a implantação das edificações públicas. Sabemos todavia, por duas inscrições, que houve um circo (3). Certamente houve também um teatro e um anfiteatro. A qualquer destes três monumentos se poderá referir um fragmento de inscrição, talvez do tempo de Adriano, que recorda a oferta de "antepagmenta" e estátuas (4).

Estácio da Veiga reconheceu entrias (5) e explorou um edifício com mosaicos, tanques e hipocausto. Dada a reduzida área escavada e o esquematismo do levantamento topográfico efectuado, não é possível interpretar correctamente este edifício, que poderá corresponder a umas termas privadas de qualquer "domus" (6). Em escavações mais recentes, feitas por Manuel Maia, e das quais ainda não existe relatório publicado, foram escavadas parcialmente umas termas, que não sabemos se corresponderão ao mesmo edifício explorado por Estácio da Veiga (7).

Foram descobertas e parcialmente exploradas duas necrópoles (8). Há notícia de mosaicos recolhidos nas duas quintas (9).

Santos (10) publicou um inventário das materiais recolhidos na área de Balsa, com abundante bibliografia. Faltam-nos três registarmos, sem qualquer preocupação de sermos exaustivos, algumas referências bibliográficas posteriores (11). *These two Quintas are the site of the ancient city of Balsa. It was the capital of a "civitas" as an inscription talks of an "ordo decurionum" and a diáximo (1). The citizens were enrolled in the Quirina tribe which is evidence that it became a "municipium" in the Flavian period (2). Some finds were chance others from proper excavation. We know neither the boundaries of the town nor its public buildings. We do know however from two inscriptions that there was a circus (3). It would certainly also have had a theatre and amphitheatre. An inscription which records an offering of "antepagmenta" and statues must have come from one of these three buildings (4).*

*Veiga found fish-salting tanks (5) and investigated a*

*building with mosaic, tanks and a hypocaust. Given the small size of the excavated area and the plans, it is impossible to identify the building with any certainty, but it appears to be private baths belonging to a "domus" (large private house) (6). Recent excavations by Maia, as yet unpublished, have partially revealed baths, but we do not know if these are the same as the buildings found by Veiga above (7).*

*Two cemeteries have been partially excavated (8). There are also records of mosaics found in the two Quintas (9).*

*Santos (10) has published an inventory of material found in the Balsa area with many references. It seems that references to material published since then would be useful so they are given below (11). 1. Encarnação, 1984, p. 128 e 132-133; 2. Encarnação, 1984, p. 132-133; Alarcão, 1985, p. 107; 3. Encarnação, 1984, p. 128-131; 4. Encarnação, 1984, p. 131-132; 5. Santos, 1971, p. 288-289; 6. Santos, 1971, p. 232-234; 7. "Informação Arqueológica", 3, 1980, p. 99; 8. Santos, 1971, p. 234-236 e 291-292; 9. Santos, 1971, p. 238 e 293-294; 10. Santos, 1971, p. 237-262 e 292-299; 11. Cabral, 1978, p. 237-248; Pereira, 1977, p. 240-250; Almeida, 1969, p. 67-69; Alarcão, 1970, p. 237-261; Mascarenhas, 1974, p. 18-19.*

8/319 QUINTA DO PINHEIRO, Luz, Tavira. Uma necrópole onde se encontrou, entre outros objectos, um basmário de lousa figurativo do busto de um fauno (1). A cemetery where among other objects was a bronze argent vessel in the form of a faun (1). 1. Santos, 1972, p. 302-305.

8/320 LIVRAMENTO, Luz, Tavira. Moedas dos séculos III e IV d.C. (1). Coins of the 3rd to 4th c. A.D. (1). 1. Carvalhães, 1911, p. 105.

8/321 VALE DE CARNEIROS, Faro (56), Faro. Mosaicos, base de colunas, uma moeda de Adriano, lucernas do séc. I d.C. (1). Mosaics, column bases, a coin of Hadrian, lamps of the 1st c. A.D. (1). 1. Santos, 1972, p. 171.

8/ \*\*AMENDOAL, Faro (56), Faro. Mosaicos. A reduzida área escavada, da qual Estácio da Veiga deixou planta, não permite reconstruir o traçado desta "villa" suburbana de Faro (1). It is impossible to reconstruct the lay-out of this villa in the suburbs of Faro, from the plans Veiga made of his small scale excavation (1). 1. Santos, 1972, p. 172-176.

8/322 FARO. A localização de Ossonoba em Faro, durante muito tempo discutida, é hoje ponto assente (1). O forum da cidade corresponde ao Largo da Sé, onde, em 1960, foi posto parcialmente a descoberto o "podium" de um templo, do qual, infelizmente, não ficou levantamento conveniente. O edifício estende-se por sob a catedral (2). No mesmo Largo foi recolhido um pedestal de estíva dedicado pela "civitas ossonobensis" ao seu "patronus", Marcus Cornelius Petrus, cidadão da tribo Galéria e fírmise da província da Lusitânia (3). A estíva ergui-se certamente no forum.

Numa outra exploração feita em 1933 ainda no mesmo Largo da Sé, descobriu-se um compartimento cujas paredes, primeiramente forradas de delgadas lâminas de mármore branco, foram numa segunda fase rebocadas e pintadas e, mais tarde ainda, revestidas de "opus signinum", sendo tanto o compartimento adaptado a tanque ou cisterna (4).

Outros monumentos públicos de Faro estão indirectamente atestados por inscrições (5); ignora-se, porém, que monumentos seriam, bem como a sua localização na área actual da cidade.

Na rua do Infante D. Henrique foram em 1935 descobertos pavimentos de mosaico (6). Na esquina desta mesma rua e de de Ventura Coelho foi em 1976 posto a descoberto um mosaico com representação de Oceano, dedicado por quatro indivíduos que poderiam ser os "quattuorviri" da cidade ou, mais provavelmente, membros de um colégio religioso ou profissional, cujo mosaico, que data dos fins do séc. II ou dos começos do III, pavimentava uma sala de um edifício público cuja planta não pôde ser recuperada, porque a escavação se reduziu praticamente à sala pavimentada com este mosaico, sala que medía 9,40 x 3,40 m. (7).

A existência de diáximos e de "ordo decurionum", atestada epigraficamente (8), prova que Ossonoba foi "municipium" e capital de "civitas". É possível, mas não indiscutível, que os seus cidadãos tenham sido inscritos na tribo Galéria e que a cidade tenha recebido de Júlio César ou de Augusto o estatuto municipal (9).



O porto de Faro parece ter sido importante, essencialmente controlado por um "procurador ossonobensis" cujo título talvez se observe num lingote de 97 quilos de cobre recolhido no golfo de Marselha (10). A leitura deste lingote não é, porém, isenta de dúvidas.

O nome de Aurelius Ursinus, governador da província da Lusitânia nos últimos anos do séc. III ou na primeira metade do IV d.C., aparece como dedicante num bloco de calcário, pentágono (11). O texto, por incompleto, não nos permite saber o que é que Ursinus dedicou, e a quem. Talvez se possa, porém, tomar como prova indireta de que Ossonoba gozava de certa importância administrativa a nível da província da Lusitânia; em alternativa, a inscrição poderá não ter outro significado para além de provar uma visita do governador, que terá aproveitado a ocasião para homenagear o regedor ou imperadores reinantes.

Em diversos pontos da cidade se têm feito achados de materiais (12). Dentre os principais distinguimos: um retrato basílico, dos anos 40-50 d.C., talvez esculpido em oficina local e encontrado no Largo da Lagoa (13); um conjunto de 54 lâmpadas, entre completas e fragmentadas, todas datáveis do período que vai de Augusto aos fins do séc. II d.C., escavado na Horta do Pinto (14); um outro conjunto de lâmpadas dos sécs. I e II d.C., recolhido no local do Mercado Municipal (15); e uma necrópole no Bairro Leste (16). Segundo Pinheiro e Rosa, ter-se-iam localizados, até à data, quatro diferentes necrópoles romanas em Faro (17). *All are we agreed that Ossonoba is modern Faro (1). The forum was at the Largo da Sé where in 1940, a podium of a temple was found which was unfortunately not properly surveyed. The building went under the cathedral (2). The pedestal of a statue was found in the same place dedicated by the Civitas Ossonobensis to their "patronus", Marcus Cornelius Perus, citizen of the Galeria tribe and "flamen" of the Province of Lusitania (3). The statue was certainly in the forum.*

*Another investigation made in 1933 in the same place discovered a room whose walls were originally lined with white marble blocks, but which were later rendered and painted and later still covered in "opus signinum"; it must have been made into a tank or cistern in the last period (4).*

*The other public buildings are attested indirectly by inscriptions (5); though we do not know what monuments existed or where they were.*

*In the rua do Infante D. Henrique, mosaic pavements were found in 1933 (6). At the corner of this street and of Ventura Coelho, a mosaic depicting Oceanus was discovered; depicted by four people who could be the quatuorviri of the city or probably members of a religious or professional college. It dates to the end of the 2nd or beginning of the 3rdC and was laid in a room of a public building whose plan is unknown as the excavation was only really of the mosaic-floored room which measured 9.4 x 3.4 m. (7).*

*We know that Ossonoba was a "municipium" and the capital of a "civitas" from an inscription (8) mentioning "ordo decurionum". It is possible but not proved that its citizens were enrolled in the Galeria tribe and that it received its municipal status from Julius Caesar or Augustus (9).*

*The port of Faro appears to have been important, being controlled by a "Procurator Ossonobensis" whose title appears to be on a copper ingot of 97kg. found on the Marselha golf course (10). The reading of this ingot is not without reservations.*

*The name Aurelius Ursinus, governor of the Province of Lusitania at the end of the 3rdC or first half of the 4thC A.D. appears on a rectilinear block of limestone (11). The text does not tell us to whom, what and when Ursinus dedicated the block. Perhaps it is evidence for the administrative importance of Ossonoba in the province of Lusitania; alternatively it might simply commemorate a visit by the provincial governor who took the opportunity to honour the reigning emperor or emperors.*

*Materials have been found at various points in the city (12). Amongst the more important are: a portrait of a woman around A.D. 40-50, perhaps sculpted in a local workshop. It was found in the Largo da Lagoa (13); a group of 54 lamps, some whole and some broken, all datable between Augustus and the end of the 2ndC A.D. found in the Horta do Pinto (14); another group of lamps of the 1st and 2ndCs A.D. from the municipal market (15); a cemetery in the Bairro Leste (16). According to Pinheiro e Rosa, there have been four different Roman cemeteries found in Faro to date (17). 1. Viana, 1952, p. 250-285; 2. Viana,*

*1952, p. 266-298; 3. Encarnação, 1984, p. 50-51; 4. Viana, 1952, p. 266; 5. Encarnação, 1984, p. 54-58, 58-59 e 60; 6. Rosa, 1976, p. 39; 7. Lancha, 1985, p. 151-175; 8. Alarcão, 1985, p. 104; 9. Alarcão, 1985, p. 104-105; 10. Luzenat, 1971, p. 89-95; 11. Encarnação, 1984, p. 47-49; 12. Rosa, 1976, p. 39-40; Gamito, 1976, p. 149-159; 13. Hertel, 1984, p. 159-172; 14. Franco, 1970, p. 161-178; 15. Belchior, 1974, p. 199-214; 16. Viana, 1951, p. 145-148; 17. Rosa, 1976, p. 41.*

8/323 OLHÃO. Cetárias (1). *Fish-salting tanks (1).* 1. Santos, 1971, p. 215-216.

8/324 TORREJÃO VELHO, Pechão, Olhão. Mosaicos e umas termas (1). *Mosaics and baths (1).* 1. Santos, 1972, p. 244-245.

8/ \*\*\*ALFANXIA, Pechão, Olhão. Uma necrópole e uma inscrição funerária (1). *Alcortuz, um tanque de "opus signinum", tijolos de coluna, cerâmica de construção, ânforas (uma delas com marca DASIM/VSTELI), lucernas, dois fornos cerâmicos circulares (2). A cemetery and a funerary inscription (1). Foundations, a basin of "opus signinum", column tiles, brick and tile, amphorae (one stamped DASIM/VSTELI), lamps, two circular pottery kilns (2).* 1. Encarnação, 1984, p. 83-84; 2. Santos, 1972, p. 292-293; Mascarenhas, 1974, p. 9-13.



## BIBLIOGRAFIA FOLHA 8

- ALARCÃO, 1970: Jorge de Alarcão, "Vidros romanos de Balsa", *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 4, 1970, p. 237-261.
- ALARCÃO, 1971: Jorge de Alarcão, "Vidros romanos de Arnenha e Mértola", *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 5, 1971, p. 191-200.
- ALARCÃO, 1978: Jorge de Alarcão, "Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)", *Combriga*, 17, 1978, p. 101-112.
- ALARCÃO, 1981: Jorge de Alarcão, "A vila romana de S. Cucufate", *Arqueologia*, 3, 1981, p. 117-121.
- ALARCÃO, 1985: Jorge de Alarcão, "Sobre a romanização do Alentejo e do Algarve. A propósito de uma obra de José d'Encarnação", *Arqueologia*, 11, 1985, p. 99-111.
- ALLAN, 1965: John C. Allan, "A mineração em Portugal na Antiguidade", *Boletim de Minas*, 2(3), 1965, p. 137-173.
- ALMEIDA, 1962: Fernando de Almeida, "Autógrafos em Portugal", *O Arqueólogo Português*, 2ª série, 4, 1962, p. 5-278.
- ALMEIDA, 1969: Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira, "Dois vastos de paredes finas com ornamentos em brânco tipo alcaçôis encontrados em Torre d'Ares (Távora)", *Estudos Italianos em Portugal*, 31-32, 1968-69, p. 67-69.
- ALMEIDA, 1971: Fernando de Almeida, "Notícia sobre a 'vila' romana de S. Cucufate", *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, II, Coimbra, 1971, p. 675-677.
- ALMEIDA, 1976: Fernando de Almeida, "As ruínas da chamada ponte romana de Mértola (Portugal)", *Madrid-Museólogos*, 17, 1976, p. 293-300.
- ALMEIDA, 1978: Fernando de Almeida e José Olímpio Castro, "Pa de altar visigótico na Abóbada (Serpa)", in *Actas das III Jornadas Arqueológicas* (1977), vol. 1, Lisboa, 1978, p. 337-344.
- ALVES, 1956: Luís Fernando Delgado Alves, "Aspectos da Arqueologia em Myrtilis", *Arquivo de Beja*, 13(1-4), 1956, p. 21-104.
- AMARO, 1982: Clementino Amaro, "Vila romana do Monte da Chaminá—seu enquadramento arqueológico", *A-maiana*, II, 1982, p.33-34.
- ARRUDA, 1984: Ana Margarida Arruda, "Excavações arqueológicas no castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1983", *Clio/Arqueologia*, 1, 1983-1984, p. 245-248.
- ARRUDA, 1985: Ana Margarida Arruda, "O sítio romano-árabe da Lezíria: 1. A terra sigillata itálica e sigillata", *Combriga*, 34, (1985), p. 111-124.
- BELCHIOR, 1974: Claudette Belchior, "Breve notícia de algumas lucernas do Museu de Faro", *Anais do Município de Faro*, 4, 1974, p. 199-214.
- BORGES DE FIGUEIREDO, 1887: Borges de Figueiredo, "Amuleto romano", *Revista Arqueológica e Histórica*, 1, 1887, p. 70-72.
- BORGES DE FIGUEIREDO, 1889: Borges de Figueiredo, "Cavaleto de bronze da época romana", *Revista Arqueológica e Histórica*, 5, 1889, p. 113-114.
- CABRAL, 1978: Maria Elisabeth Figueiredo Cabral, "Marcas de oleiro em lucernas romanas de Balsa - Torre d'Ares", *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, I, Lisboa, 1978, p. 237-248.
- CAEIRO, 1977: José O. da Silva Castro, "Marcas de oleiro em terra sigillata itálica do Castelo das Guérras (Moura)", *Sessão Arqueológica*, 2-3, 1976-77, p. 419-422.
- CAEIRO, 1978: José O. da Silva Castro, "Observações sobre cerâmica comum romana do séc. III proveniente da Cidade das Ruínas, Serpa", *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, 1977, vol. 1, Lisboa, 1978, p. 249-271.
- CARDOSO, 1747: Luís Cardoso, *Dicionário Geográfico*, I, Lisboa, 1747.
- CARVALHANS, 1911: José Carvalhans, "Aquisições do Museu Etnológico Português", *O Arqueólogo Português*, 16, 1911, p. 103-125.
- CARVALHO, 1954: J. Silva Carvalho e O. da Veiga Ferreira, "Algumas lavras auríferas romanas", *Boletim, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, 9(1-4), 1954, p. 20-46.
- CORREIA, 1912: Vergílio Correia da Fonseca, "Moedas romanas achadas em Beja no séc. XVIII", *O Arqueólogo Português*, 17, 1912, p. 113-121.
- CORREIA, 1972: Vergílio Correia, *Obrar*, IV, Coimbra, 1972.
- DELGADO, 1971: Manuela Delgado, "Cerâmica campaniense em Portugal", *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. II, Coimbra, 1971, p. 403-420.
- DIAS, 1983: Maria Manuela Alves Dias, "Fragmento de cipa funerária achado em Bateirão", *Fichero Epigráfico*, 5, 1983, p. 5-6.
- DIAS, 1984: Maria Manuela Alves Dias e Cláudio Torres, "Cinco novos epítáfios paleo-cristãos de Mértola", *Fichero Epigráfico*, 9, 1984, p. 3-13.
- ENCARNAÇÃO, 1984: José d'Encarnação, *Invenções romanas do convento parente. Subsídios para o estudo da romanização*, Coimbra, 1984.
- EUZENAT, 1971: Maurice Euzenat, "Lingots espagnols retrouvés en mer", *Etudes d'archéologie provençale*, Ophrys, 1971, p. 83-98.
- FARIA, 1982: António Faria, "Espólio monetário do acampamento romano de Argenti", *Trabalhos do Museu Regional de Arqueologia*, n.º 2, Argenti, 1982, policopiado.
- FERRERA, 1965: Fernando Baudouin Ferreira, "Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola", *Boletim de Guimarães*, 75, 1965, p. 59-72.
- FERRERA DE ALMEIDA, 1953: J. Ferreira de Almeida, "Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal", *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 2, 1953, p. 5-208.
- FILIPPE SIMÕES, 1869: Augusto Filipe Simões, *Relatório à cerca da renovação do Museu Central*, Évora, 1869.
- FLORIS, 1945: F. de Almeida Flores e Carlos de Araújo, "História da exploração da mina de Ruy Gomes", *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, 1(3-4), 1945, p. 295-303.
- FRANCO, 1970: Gonçalo Lyser Franco, "Lucernas romanas. Alguns elementos para o estudo de um importante achado", *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, II, Lisboa, 1970, p. 161-178.
- GAMER, 1971: Gustav Gamer, "Les colonnes armées de pompes et la colonne de Beja", *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, II, Coimbra, 1971, p. 487-493.
- GAMITO, 1976: Maria Teresa Judice Gamito e Maria Garcia Pereira Maia, "Um grilo da oficina de CN Azeite achado em Faro", *Anais do Município de Faro*, 6, 1976, p. 149-159.
- GARCIA Y BELLIDO, 1958: A. Garcia y Bellido, "Las monedas romanas de la provincia Lusitania", *Arqueologia e História*, 8ª série, 3, 1958, p. 11-25.
- GARCIA Y BELLIDO, 1967: A. Garcia y Bellido, "Retratos romanos imperiales de Portugal", *Arquivo de Beja*, 23-24, 1966-1967, p. 280-291.
- GIL, 1979: Juan Gil, "Relaciones de África e Hispania en la Antigüedad tardía", *Ann del Centre d'Archeologia e Documentazione sull' antichità classica*, 10, 1978-79, p. 41-61.
- GONÇALVES, 1980: Vitor Gonçalves, Helena Catarina e Ana Margarida Arruda, "O sítio romano-árabe da Veste do Bom. Notícia da sua identificação", *Clio*, 7, 1980, p. 71-75.
- GUERRA, 1971: A. Vitor Guerra, Grácio Ribeiro e O. da Veiga Ferreira, "Um vaso com ornamentação em ruínas encontrado em Beja", *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, II, Coimbra, 1971, p. 367-368.
- HAUSCHILD, 1984: Th. Hauschild, *A villa romana de Milreu, Évora (Algarve)*, *Arqueologia*, 9, 1984, p. 94-104.
- HERTEL, 1984: Dieter Hertel, "Um retrato claudiano de mulher em Faro/Portugal", *Anais do Município de Faro*, 14, 1984, p. 159-172.
- HIPOLITO, 1961: M. Castro Hipólito, "Dos tesouros de moedas romanas em Portugal", *Combriga*, 2-3, 1960-61, p. 1-156.
- LAMBRINO, 1967: Searla Lambrino, "Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos", *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 1, 1967, p. 123-217.
- LANCHÁ, 1985: J. Lanchá, "La mosaïque d'Océan découverte à Faro (Algarve)", *Combriga*, 34, 1985, p. 151-175.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1895(1): J. Leite de Vasconcelos, "Amphora e bilha", *O Arqueólogo Português*, 1, 1895, p. 361.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1895(2): J. Leite de Vasconcelos, "Calibrins ou bolos de bronze", *O Arqueólogo Português*, 1, 1895, p. 296-301.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1896: J. Leite de Vasconcelos, "Aquisições do Museu Epigráfico Português",



## 112 FARO: BIBLIOGRAPHY

- O Arqueólogo Português*, 2, 1896, p. 245-247.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1898: J. Leite de Vasconcelos, "Comp d'oeil sur la Numismatique en Portugal", *O Arqueólogo Português*, 4, 1898, p. 65-76.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1900: J. Leite de Vasconcelos, "Da Lusitânia à Bética", *O Arqueólogo Português*, 5, 1900, p. 225-249.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1903: J. Leite de Vasconcelos, "Analecta Archaeologica", *O Arqueólogo Português*, 8, 1903, p. 162-172.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1907: J. Leite de Vasconcelos, "Lápide funerária de Ferreira do Alentejo", *O Arqueólogo Português*, 12, 1907, p. 70-72.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1909: J. Leite de Vasconcelos, "Lingumário de Mombaça", *O Arqueólogo Português*, 14, 1909, p. 57.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1913: J. Leite de Vasconcelos, *Relações da Lusitânia*, 3, Lisboa, 1913.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1918: J. Leite de Vasconcelos, "Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Alentejo)", *O Arqueólogo Português*, 23, 1918, p. 104-138.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1920(1): J. Leite de Vasconcelos, "Coisas Velhas", *O Arqueólogo Português*, 24, 1920, p. 235-237.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1920(2): J. Leite de Vasconcelos, "Hierologia Lusitana", *O Arqueólogo Português*, 24, 1920, p. 270-286.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1927: J. Leite de Vasconcelos, *De terra em terra*, II, Lisboa, 1927.
- LEITE DE VASCONCELOS, 1933: J. Leite de Vasconcelos, "Itinerário pelo Baixo-Alentejo", *O Arqueólogo Português*, 29, 1933, p. 230-246.
- LIMA, 1946: J. Fragozo de Lima, "Estação romana da Torre, Moura (Alentejo)", separata do *Jornal de Moura*, n.º 111-115, 1946.
- LIMA, 1951: J. Fragozo de Lima, "Aspectos da romanização no território português da Bética", *O Arqueólogo Português*, 2.ª série, 1, 1951, p. 171-211.
- LIMA, 1981: J. Fragozo de Lima, *Elementos históricos e arqueológicos do conceito de Moura*, Moura, 1981.
- MACHADO, 1920: Luís Saavedra Machado, "Anotações do Museu Etnológico Português", *O Arqueólogo Português*, 24, 1920, p. 241-270.
- MAIA, 1978(1): Manuel Maia, "Fortificações romanas do Al de Portugal, Zephyrus", 28-29, 1978, p. 279-285.
- MAIA, 1978(2): Manuel Maia, "Anfiteatro neopúnico do Al de Portugal", in *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*, vol. I, Lisboa, 1978, p. 197-207.
- MARVÃO, 1966: António Marvão, "Descoberta arqueológica, perto da aldeia de Mombaça", *Luzerna*, 5, 1966, p. 578-580.
- MASCARENHAS, 1967: J. Fernandes Mascarenhas, *Ensaio de arqueologia sobre o Algarve*, Tavira, 1967.
- MASCARENHAS, 1974: J. Fernandes Mascarenhas, *Fossas de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve*, Lourenço Marques, 1974.
- MASCARENHAS, 1978: J. Fernandes Mascarenhas, *Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Évora*, Lisboa, 1978.
- MATOS, 1984: José Leix de Matos, "Cerro da Vila (Algarve)", *Arqueologia*, 10, 1984, p. 137-142.
- MOITA, 1965: Iriaiva Moita, "A carta arqueológica da região suporta do Guadiana e o Museu de Sevilha (Espanha)", *Luzerna*, 4, 1965, p. 140-152.
- MOWAT, 1900: Robert Mowat, "Monsão de Bacouris, Al de Lusitânia", *O Arqueólogo Português*, 5, 1900, p. 11-14.
- NUNES RIBEIRO, 1956(1): F. Nunes Ribeiro, J.M. Brito Odeiro e A. Viana, "Breve nota sobre a estação romana da Lousina Grande (Beja)", *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, XXIII Congresso Lus-Espanhol, Coimbra, 1956, tomo VIII, 7.ª Secção, Ciências Históricas e Filológicas*, Coimbra, 1956, p. 43-45.
- NUNES RIBEIRO, 1956(2): F. Nunes Ribeiro, *Breve referência sobre cerâmica romana das Repreças*, Beja, 1956.
- NUNES RIBEIRO, 1958: F. Nunes Ribeiro, "Terra sigillata encontrada nas Repreças", *Arquivo de Beja*, 15, 1958, p. 11-17.
- NUNES RIBEIRO, 1959: F. Nunes Ribeiro, "Lucernas romanas de Peraguarda", *Arquivo de Beja*, 16, 1959, p. 79-102.
- NUNES RIBEIRO, 1960: F. Nunes Ribeiro, "A História e a origem de Beja", *Arquivo de Beja*, 17, 1960, p. 3-113.
- NUNES RIBEIRO, 1972: F. Nunes Ribeiro, *A vila romana de Pisões*, Beja, 1972.
- OLIVEIRA, 1941: Miguel A. de Oliveira, *Epigrafia cristã em Portugal*, Lisboa, 1941.
- PEREIRA, 1977: Maria Luísa Veiga Silva Pereira, "Marcas de oleiros algarvios do período romano", *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 7-9, 1974-1977, p. 243-268.
- PEREIRA MALA, 1974: Maria Garcia Pereira Mala e Manuel Mala, "A vila romana de D. Pedro (Beja). 1.ª campanha de escavações", in *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, vol. 2, Lisboa, 1974, p. 121-138.
- PEREIRA MALA, 1978: Maria Garcia Pereira Mala, "Contributos para as cartas de distribuição em Portugal da 'sigillata luxurata' e da 'Lata Roman C Ware'", in *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*, vol. I, Lisboa, 1978, p. 295-307.
- ROSA, 1976: José António Pinheiro e Rosa, "Novas achegas para a localização de Ozonoba (Os últimos achados em Faro)", *Anat. do Município de Faro*, 6, 1976, p. 37-42.
- SÁ, 1888: Manuel José Maria da Costa e Sá, "Memória para servir de illustração ao desenho das ruínas de uma estuária descoberta em Beja que se disse ser de Cybêles", *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archæologos Portuguezes*, 2.ª série, 5(10), 1888, p. 154-155 e 5(11), 1888, p. 171-172.
- SÁ, BERNARDO DE, 1905: Bernardo António de Sá, "Explorações archeológicas em Mértola", *O Arqueólogo Português*, 10, 1905, p. 95-100.
- SAA, 1956: Mário Saa, *As grandes vias de Lusitânia*, 1, Lisboa, 1956.
- SAA, 1963: Mário Saa, *As grandes vias de Lusitânia*, 4, Lisboa, 1963.
- SAAVEDRA MACHADO, 1970: João L. Saavedra Machado, "Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da arqueologia do Algarve. I. Catálogo de plantas, desenhos e massões", in *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, I, Lisboa, 1970, p. 333-385.
- SANTOS, 1971: Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos, *Arqueologia Romana do Algarve*, I, Lisboa, 1971.
- SANTOS, 1972: Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos, *Arqueologia Romana do Algarve*, II, Lisboa, 1972.
- SOUSA, 1974: Maria Manuela Baganho Vitorino de Sousa, "Loulé Velho, uma estação em via de desaparecimento", in *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, vol. II, Lisboa, 1974, p. 205-210.
- TORRES, 1982: Cláudio Torres, "A Alcaçova de Mértola. História e arqueologia urbana", *Arqueologia*, 6, 1982, p. 86-95.
- TOVAR, 1976: António Tovar, *Iberische Landeskunde, 2. Teil. Die Völker und die Städte der antiken Hispanien. Band 2. Lusitanien*, Baden-Baden, 1976.
- VEIGA, 1880: Sebastião Philippe Martins Estácio da Veiga, *Memórias das antiguidades de Mértola*, Lisboa, 1880.
- VEIGA, 1887: Sebastião Philippe Martins Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, II, Lisboa, 1887.
- VEIGA, 1891: Sebastião Philippe Martins Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, IV, Lisboa, 1891.
- VEIGA FERREIRA, 1971: O. da Veiga Ferreira, "Cerâmica negra de tipo grego encontrada em Portugal", *Arqueologia e História*, 9.ª série, 3, 1971, p. 313-326.
- VIANA, 1943: Abel Viana, "A Vénus de Beringel", *Museu*, 2(4), 1943, p. 47-52.
- VIANA, 1944: Abel Viana, "Museu Regional de Beja. Ferragens artísticas; esculturas em osso, proto-históricas; machados da Idade do Bronze; ferragens romanas; jóias de ouro, fivelas, amuletos e outros objectos", *Arquivo de Beja*, 1(2), 1944, p. 155-166.
- VIANA, 1945(1): Abel Viana, "Museu Regional de Beja. Secção lapidea", *Arquivo de Beja*, 2(3-4), 1945, p. 232-265.
- VIANA, 1945(2): Abel Viana, "Museu Regional de Beja", *Arquivo de Beja*, 2, 1945, p. 309-339.
- VIANA, 1946(1): Abel Viana, "Pelo Baixo Alentejo. Notas históricas, arqueológicas e etnográficas", *Arquivo de Beja*, 3, 1946, p. 3-36.
- VIANA, 1946(2): Abel Viana, "Mosteiro da Conceição e Palácio dos Infantes", *Arquivo de Beja*, 3(1-2), 1946, p. 161-226.
- VIANA, 1947(1): Abel Viana, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, 4, 1947, p. 3-39.



- VIANA, 1947(2): Abel Viana, "Restos de um templo romano, em Beja", *Arquivo de Beja*, 4, 1947, p. 77-88.
- VIANA, 1949: Abel Viana, "Bartagal (Notas monográficas)", *Arquivo de Beja*, 6, 1949, p. 153-183.
- VIANA, 1950: Abel Viana, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, 7, 1950, p. 3-40.
- VIANA, 1951: Abel Viana, "O cemitério luso-romano do Bairro Latus (Para)", *Brochura*, 53, 1951, p. 145-165.
- VIANA, 1952: Abel Viana, "Osonoba. O problema da sua localização", *Revista de Guimarães*, 62(3-4), 1952, p. 250-285.
- VIANA, 1954: Abel Viana, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, 11, 1954, p. 3-31.
- VIANA, 1955(1): Abel Viana, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, 12, 1955, p. 3-35.
- VIANA, 1955(2): Abel Viana, "Notas de corografia arqueológica", *Brochura*, 61, 1955, p. 345-356.
- VIANA, 1955(3): Abel Viana, "Notas de corografia arqueológica", *Brochura*, 60, 1955, p. 40-49.
- VIANA, 1956: Abel Viana e Fernando Nunes Ribeiro, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, 13, 1956, p. 110-167.
- VIANA, 1957(1): Abel Viana, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, 14, 1957, p. 3-57.
- VIANA, 1957(2): Abel Viana, "Quatro notáveis peças arqueológicas do Baixo Alentejo", *XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Coimbra, 1956. Tomo VIII. 7ª Secção. Ciências Históricas e Filológicas, Coimbra, 1957*, p. 444-451.
- VIANA, 1957(3): Abel Viana, Octávio da Veiga Ferreira e António Serrão, "Apostamentos arqueológicos dos concelhos de Aljustrel e Almodôvar", *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. XXIII Congresso Coimbra, 1956. Tomo VIII. 7ª secção. Ciências Históricas e Filológicas, Coimbra, 1957*, p. 461-470.
- VIANA, 1958: Abel Viana, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, 15, 1958, p. 3-56.

- VIANA, 1959(1): Abel Viana, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, 16, 1959, p. 3-48.
- VIANA, 1959(2): Abel Viana, "Notas de corografia arqueológica", *Brochura*, 69, 1959, p. 331-350.
- VIANA, 1962: Abel Viana, *Algumas noções elementares de Arqueologia Prática*, Beja, 1962.
- VIANA, 1970: Abel Viana, "Nova lápida votiva dos arredores de Beja", in *Actas e Memórias do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II, Lisboa, 1970, p. 235-237.



## 214 FARO: INDEX

- Alagoas, 261/L2 (vide Cerro das Alagoas e Vale de Alagoas)  
Alamo, 255/K7  
Alcaçarias, 143/D4  
Alcaria, 27/B5  
Alcaria do Tio Palma, 236/J2 (vide Herdade do Monte Longo)  
Alcoutim, 247/J7  
Aldeia Nova de S. Benito, 203/E8  
Alfândega, 309/N4  
Alfaxia, (depois de 204)/O4  
Alfarrobeira, 269/M2  
Alfundão, 77/C2  
Almodôvar, 227/I2  
Alpendres, 171/D6  
Alto da Forca, (Cuba), 13/B3  
Alto da Forca, (Serpa), 177A/D6  
Aucial, 251/K3  
Amendoal, 321-322/C4  
Amoriras, 256/K7  
Apeú, 272/M3  
Ardila, 46/B7  
Arnetra, 241/J4 (vide Darneira)  
Arancada, 285/M6  
Arriças, 286-287/M6  
Arrochais de Vale de Navarro, 73/B9 (vide Garrochais de Vale de Navarro)  
Asseca, 278/M5  
Avo de Lourenço, 61/B7  
Azeitona, 156-157/D4  
Bálonas (Vidigucira), 29/B5  
Bálonas (Vidigucira), 30/B5  
Baiçucos, 28/B5  
Baleizão, 153/D5  
Barranco do Azule, 258/L4  
Barranco do Beito, 248/J7  
Barranco do Vale Tamojo, 4/A9  
Beja, 146/D4  
Beja-x-Pequena, 149/D4  
Belinçuaç, 116/C8  
Bite do Sul, 310/N4  
Boa Vista, 198/E6  
Boavista, 141/D3  
Boleiras, 62/B7  
Bonhas, 55/B7  
Brincha, 105/C8  
Cabeço dos Alqueves, 70/B8  
Cabeço das Loendrelas, 54/B7  
Cabeço Redondo, 67-68/H7  
Cacefa, 282/M6  
Caastro, 99/C4  
Calquedilha, 53/B7  
Canada das Barrosas, 200/E7 (vide Herdade das Barrosas e Cidade das Ruínas)  
Carapinhais, 121/C9  
Carista, 131/D2  
Carrasca, 114/C8 (vide Horta da Carrasca)  
Carrascalão, 156/D4 (vide Herdade do Carrascalão)  
Casqueiros, 111/C7  
Castelo, 276/M5  
Castelo de Alcária Cova, 244/J5  
Castelo de Almodôvar, 227-228/I2  
Castelo da Amendoeira, 208/G2  
Castelo da Cereja da Zorra, 210/G2  
Castelo da Chaminé, 212/G3  
Castelo da Fonte Santa, 226/I2  
Castelo das Guerras, 67-68/B7  
Castelo de Guerreiros do Rio, 250/J7  
Castelo das Juntas, 207/G2  
Castelo das Meirões, 218/H2  
Castelo dos Namorados, 215/H2 (vide Cerro dos Namorados)  
Caminho do Papa Leite, 230/I4  
Castro Marim, 263/V7  
Cerro de S. Sebastião, 221/H5  
Cerro do Touril, 173/C9  
Cerro, 265/M1  
Cerro das Alagoas, 261/L2 (vide Alagoas e Vale de Alagoas)  
Cerro do Cavaco, 251A/K4  
Cerro de Guelhim, 302/N5  
Cerro dos Mouras, 9/E2 (vide Onheiro Alto e Onheiro dos Mouras)  
Cerro dos Namorados, 215/H2 (vide Castelo dos Namorados)  
Cerro da Vila, 296/N1  
Cioças e Alcaçarias, 262/L7  
Cidade das Ruínas, 200/E7 (vide Canada das Barrosas e Herdade das Barrosas)  
Colmeal, 303/N3  
Comua, 67-68/B7  
Convento de Santo António, 60/B7  
Coroada, 113/C8  
Corte do Albo, 178/D7  
Corte de João Marques, 261-262/L2  
Corte de Messangil, 185/D8 (vide Ponte de S. Miguel)  
Corte Negra, 136/D3  
Corta Piorno, 164/D5  
Cortas, 83/C2  
Cortes Pereira, 233/I7  
Cotovim, 190/E3  
Couteira das Alpendras, 7/B1  
Couteira de S. Tomé, 67-68/B7  
Coutada, 63/B7  
Cova dos Mouras, 252/K5  
Cruz do Crasto, 216/H2  
Cruz do Sobral, 201/E7  
Cuba, 12/B3  
Darneira, 241/J4 (vide Arocira)  
Duna Manga, 314/N5  
Encarreladas, 65/B7  
Estala, 94/C4  
Faelas, 67-68/B7  
Faro, 322/O3  
Fazenda do Cotovim, 267/M2  
Ferrarias, 245/J5  
Fidalga, 295/M7  
Fejo, 67-68/B7  
Folha da Lobeta, 166/D5  
Fontainhas, 147/D4  
Fonte da Beira, 195/I6  
Fonte dos Cantaros, 91/C3 (vide Monte da Fonte dos Cantaros)  
Fonte de S. Miguel, 185/D8 (vide Corte de Messangil)  
Forca, 67-68/B7  
Fornalha, 290/M7  
Garcia, 246/J6  
Garrochais de Vale de Navarro, 73/B9 (vide Arrochais de Vale de Navarro)  
Gugalão ou Gurgalão, 120/C9  
Gravia, 167/D5  
Herdade da Abóbada, 183/D7  
Herdade do Alamo, 89/C3  
Herdade dos Alfares, 26/B4  
Herdade da Amendoeira, 152/D4  
Herdade das Apolinarias, 144/D4  
Herdade das Barrosas, 200/E7 (vide Canada das Barrosas e Cidade das Ruínas)  
Herdade do Bispo, 206/C1  
Herdade dos Borraceiros, 115/C8  
Herdade da Calçada, 139/D3  
Herdade do Carrascalão, 156/D4 (vide Carrascalão)  
Herdade do Celão, 131-132/I2  
Herdade de Dona Brites, 176/D6  
Herdade dos Falcões, 142-143/D3 (vide Monte dos Falcões)  
Herdade da Folha do Ouro, 190/E6  
Herdade da Fonte de Frades, 145/D4  
Herdade da Fonte da Pipa, 110/C7  
Herdade de Gil Vaz, 155/D4  
Herdade de Grafões, 170/D6 (vide Monte de Grafões)  
Herdade da Grahieta, 220/H4  
Herdade das Guedellas, 229/I3  
Herdade do Lamarim, 104/C5  
Herdade da Lobeta, 166/D5  
Herdade dos Machados, 107/C7 (vide Machados)  
Herdade do Malkabeño, 1/A3 (vide Horta do Malkabeño)  
Herdade dos Manuais, 173/I6  
Herdade do Meirinho, 184/I7  
Herdade do Messô Fylo, 92/C4  
Herdade da Misericórdia, 81/C2 (vide Ponte de Lobo)  
Herdade das Mocosas, 76-77/C1  
Herdade do Monte Curral, 132/D3  
Herdade do Monte Longo, 236/J2 (vide Alcaria do Tio Palma)  
Herdade do Monte do Outeiro, 5/B1  
Herdade do Montinho, 154/D4  
Herdade do Padrau, 153/I4  
Herdade do Passo do Conde, 158/D5  
Herdade das Pedras, 93/C4 (vide Horta das Pedras)  
Herdade da Raposeira, 106/C6  
Herdade de Santa Luzia, 88/C3  
Herdade de Santa Maria, 196/E6  
Herdade das Searrias da Valsa, 74/H9  
Herdade da Torre, 108/C7 (vide Monte da Torre)



- Herdade do Zambujal (Vidigueira), 96/C4 (vide Monte do Pezama)  
Herdade do Zambujal (Beja), 163/D5  
Herdade da Zambujica, 79/C2  
Horta, 293/M7  
Horta das Amendoeiras, 56/B7  
Horta dos Banhos, 177/D6  
Horta da Canada, 284/M6  
Horta do Cano, 41/B5  
Horta da Carrasca, 114/C8 (vide Carrasca)  
Horta da Fonte Figueira, 150/D4  
Horta do Malkabuão, 1/A3 (vide Herdade do Malkabuão)  
Herdade dos Mouros, 235/J1  
Horta das Pedras, 93/C4 (vide Herdade das Pedras)  
Horta do Pomal, 90/C3  
Horta do Rabil, 16/D4  
Horta do Ramos, 316/N5  
Hortas e Molinhos, 274/M3  
Jordana, 49/B7  
Laboratório, 239/J4  
Ladefilha Branca, 64/B7  
Lexria, 264/L7  
Livramento, 320/N5  
Lobcira do Melo, 134/D3  
Loulé, 268/M2  
Loulé Velho, 300/N2  
Lutito, 243/J5  
Machados, 107/C7 (vide Herdade dos Machados)  
Malhada do Nobre, 275/M5  
Manta Rota, 296/M7  
Marim, 311/N4 (vide Quinta do Marim)  
Mauelax, 21/B5  
Marriz, 278/M5  
Martim Longo, 240/J4  
Mata Colebeas, 214-215/G7  
Mata-Lobos, 306/N3  
Mata Sese, 67-68/B7  
Maudalheiro, 289/M7  
Mértola, 223/H5  
Miras, 304/N3  
Mina das Azenhas, 44/B6  
Mina de Roy Gomes, 71/H8  
Mina de S. Domingos, 214/G7  
Moialho Branco, 17/D4  
Mombaja, 129/D2  
Moncarapacho, 308/N4  
Montalvo, 72/B8  
Monte do Alamo, 117/C8  
Monte da Andressa, 39/B5  
Monte da Capela, 109/C7  
Monte da Casa Branca (Ferreira do Alentejo), 6/B1  
Monte da Casa Branca (Vidigueira), 36/B5  
Monte do Castelo (Vidigueira), 100/C3  
Monte do Castelo (Faro), 307/N4  
Monte da Capanha, 95/C4  
Monte da Chancela (Ferreira do Alentejo), 128/D1  
Monte da Chancela (Beja), 142/D3  
Monte das Cortes de Baixo, 38/B5  
Monte de D. Maria, 42/B6  
Monte do Facho, 202/E7  
Monte dos Falcões, 142-143/D3 (vide Herdade dos Falcões)  
Monte da Falcão, 40/B5  
Monte da Figueira, 162/D5  
Monte da Fonte dos Cântaros, 91/C3 (vide Fonte dos Cântaros)  
Monte das Fontes, 35/B5  
Monte do Freixo, 25/B4  
Monte dos Galeiros, 110/C5  
Monte dos Graxanos, 170/D6 (vide Herdade de Graxanos)  
Monte do Malheiro, 33/B5  
Monte da Mangrocha, 15/B4  
Monte do Manuel Galo, 231/I4  
Monte do Meio, 86/C3  
Monte da Misericórdia, 23/H4  
Monte da Negra, 122/C0  
Monte da Onsem, 34/B5  
Monte do Outeiro, 10/B3  
Monte do Paço, 21/I4  
Monte da Parrera, 124/C9 (vide Parrera)  
Monte do Peão, 37/B5  
Monte do Pezama, 86/C4 (vide Herdade do Zambujal)  
Monte Platado, 69/H8  
Monte do Poço Seco, 15/B4  
Monte da Pontalva, 22/B4  
Monte da Ribeira, 205/F8  
Monte da Salta, 169/D6  
Monte de S. Luís, 101/C5  
Monte das Sesmarias, 20/B4  
Monte de Sodes, 254/K6  
Monte da Torre (Serpa), 108/C7 (vide Herdade da Torre)  
Monte da Torre (Vidigueira), 24/B4  
Monte da Torre Velha, 181/D7  
Monte do Torrejão, 160/D5  
Monte do Zangarilho (Vidigueira), 18/B5  
Monte do Zangarilho (Vidigueira), 12/H5  
Montinho, 75/C3  
Moinho das Laranjeiras, 249/J7  
Morgada, 156-157/D4  
Moura, 59/B7  
Muro das Mouras, 194/E6  
Nossa Senhora da Conceição da Rocha, 11/H3  
Olião, 323/O4  
Olião de S. Bartolomeu de Castro Marim, 292/M7  
Oliveira do Conselheiro, 57/B7  
Oliveira de Costa Ventos, 82/C2  
Outeiro de Alportel, 270/M3  
Outeiro Alto, 9/H2 (vide Cerro das Mouras e Outeiro das Mouras)  
Outeiro das Cabeças, 211/G2  
Outeiro dos Mouras, 9/H2 (vide Outeiro Alto e Cerro das Mouras)  
Palhais, 188/D9  
Pardaloqueira, 51/B7  
Parradas, 112/I3  
Parrera, 124/C9 (vide Monte da Parrera)  
Paúl, 277/M5  
Pedras d'Al - Rel., 315/N5  
Pedras Talhadas, 127/C10  
Penedo Gordo, 138/D3  
Pereguarda, 78/C2  
Pias, 179/D7  
Pisões, 137/D3  
Pinhes, 66/B7  
Ponilhos, 3/A4  
Poço do Prior, 283/M6  
Poço das Sapateiras, 184-185/I7  
Poço do Vale, 278/A/N5  
Ponte dos Franções, 168-169/D8  
Ponte sobre o Enxoco, 172/D6  
Ponte de Lisboa, 81/C2 (vide Herdade da Misericórdia)  
Ponte de Tór, 266/M2  
Povo de Mourão, 47/B7  
Quarteira, 299/N1  
Quinta da Abobada, 148/D4  
Quinta das Antas, 318/N5 (vide Torre d'Área)  
Quinta do Arraio, 217/N5  
Quinta de D. Maior, 232/I4  
Quinta da Esperança, 50/B7  
Quinta das Falias, 97/C4  
Quinta da Formiga, 48/B7  
Quinta do Freixo, 257/I1  
Quinta do Marim, 311/N4 (vide Marim)  
Quinta do Muro, 281/M6  
Quinta do Pinheiro, 319/N5  
Quinta de Santa Justa, 58/B7  
Quinta de S. Brás, 197/E6  
Quinta de S. Lourenço, 52/B7  
Quinta de S. Pedro, 157/D5  
Quinta de S. Vicente, 76/C1  
Quinta do Trindade, 312/N5  
Quintas, 165/D5  
Rabujou, 43/B6  
Represas, 135/D3  
Romeirão, 308-309/N4  
Sáfara, 118/C9  
Safarejinho, 126/C10  
Salir, 260/I2  
Salvada, 191/E4  
Santa Bárbara, 234/I7  
Santa Bárbara dos Padrões, 217/H2  
Santa Clara de Lourenço, 140/D3  
Santa Iria, 199/E6  
Santa Luzia (Ferreira do Alentejo), 80/C2  
Santa Luzia (Tavira), 313/N5  
Santa Margarida, 174/D6  
Santa Rita, 280/M6  
Santa Vitória, 150/D2  
Santo Aleixo da Restauração, 125/C10

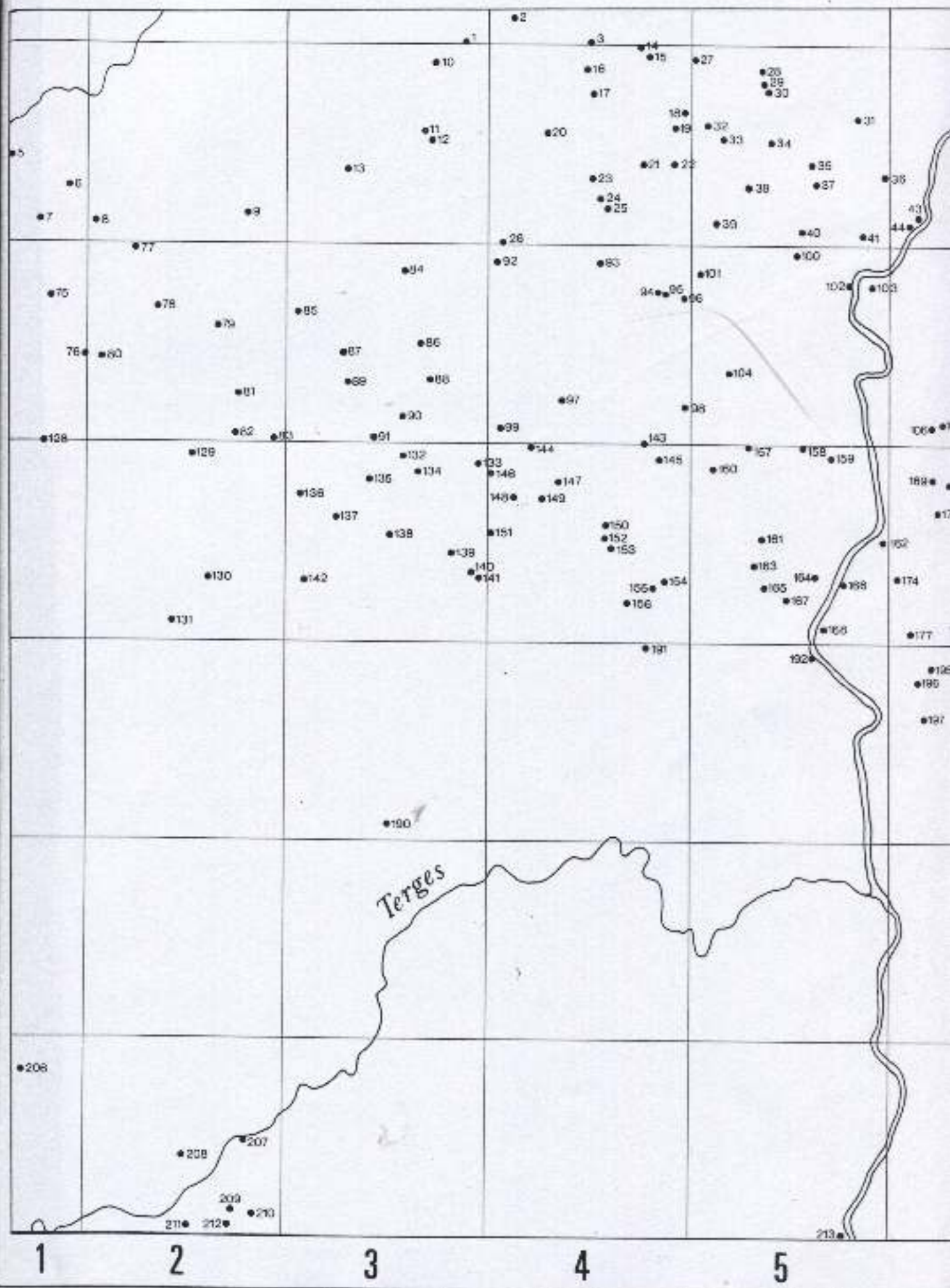


## 216 FARO: INDEX

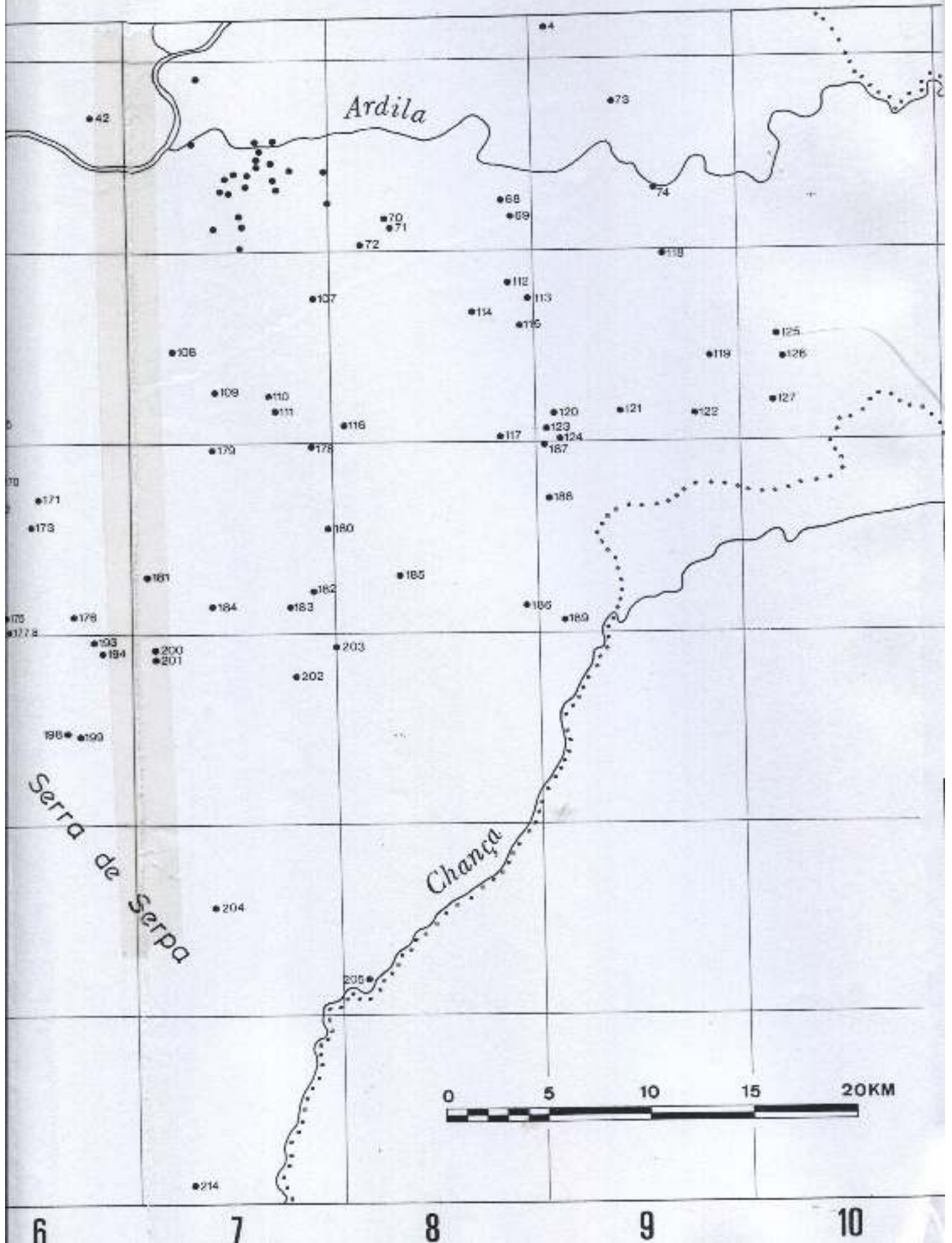
- Saão Amador, 68/B8  
Santo Estevão, 279/M5  
S. Cristóvão, 67-68/D7  
S. Cucufate, 2/A4  
S. Domingos de Azeite, 276/M3  
S. João da Venda, 505/N3  
S. Laurentou, 102/C3  
S. Romão (Mémola), 224-225/H5  
S. Romão (S. Brás de Alportel), 271/M3  
Sembrana, 228/L3  
Senhor da Serra, 85/E7  
Senhor das Pazas, 189/O9  
Serra, 175/D6  
Serra dos Negros, 258/L3  
Serra das Relíquias, 242/J5  
Seix, 215/E13  
Silveira (Castro Mazim), 288/M7  
Silveira (Faro), 301/M3  
Sítio do Nicolau, 204/T7  
Solral, 287/M7  
Sobadista, 133/D3 (vide Vale de Aguiar)  
Tagarra, 98/C4  
Tamujo, 222/E5  
Tapada, 67/B7  
Tavira, 286/M6  
Torre d'Azca, 318/N5 (vide Quinta das Antas)  
Torre da Cardina, 161/O5  
Torre dos Prades, 294/M9  
Torre do Pinho, 84/C3  
Torre de S. Brissas, 87/C3  
Torrejão Velho, 324/O4  
Torres d'April, 275/M3  
Torrinha, 250/L2  
Touril, 187/D9  
Trigachea, 85/C3  
Valadas, 182/O7  
Vale de Aguiar, 133/D3 (vide Subesta)  
Vale de Aguilhão, 151/O4  
Vale de Alagoas, 261/L2 (vide Alagoas e Curro dos Alagoas)  
Vale do Buso, 291/M7  
Vale de Caracinos, 321/O5  
Vale de Mémola, 209/O2  
Vale da Serra, 308-309/M4  
Vale Teanado, 297/N1  
Vale de Vargo, 180/D7  
Vale do Vinagre, 189/D5  
Vaquelos, 253/K5  
Vargem da Bombeira, 225/E6  
Vargem de S. Brás, 213/O5  
Vargem da Vaqueira, 224/H5  
Vascão, 237/J3  
Vau de Cima, 192/E5 (vide Vau de D. Isabel)  
Vau de D. Isabel, 192/H5 (vide Vau de Cima)  
Vila Gil, 67-68/B7  
Vila Verde, 83-84/C2 (vide Vilar)  
Vila Verde de Picotinho, 186/D8  
Vilar, 83-84/C2 (vide Vila Verde)  
Vilares, 8/H2  
Vinha da Mangancha, 14/B4  
Zambejeira, 119/C9



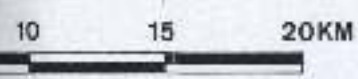
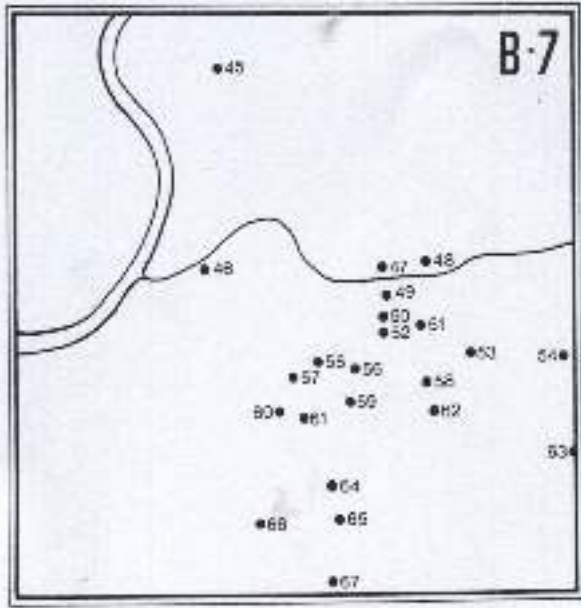
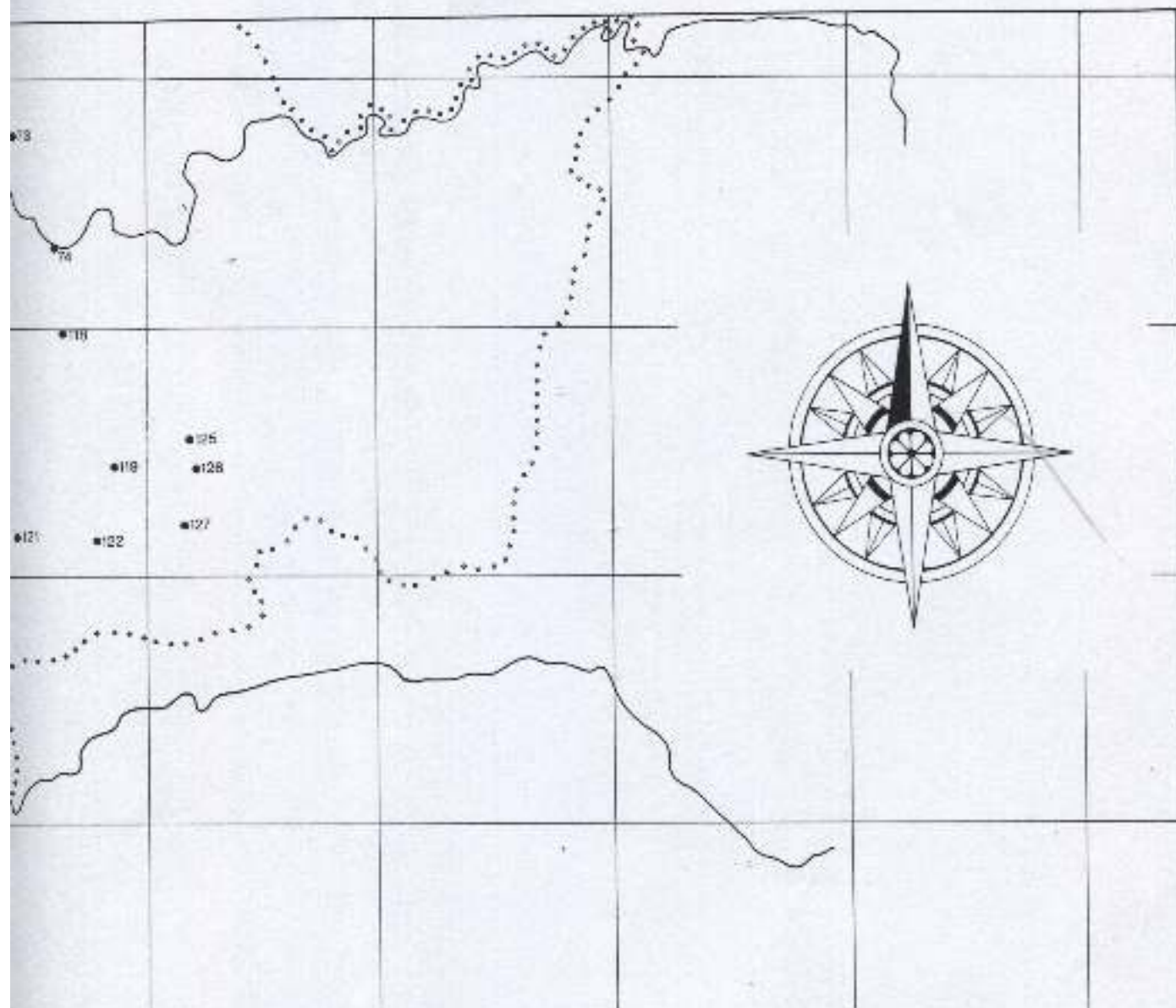
# PORTUGAL 1:250 000





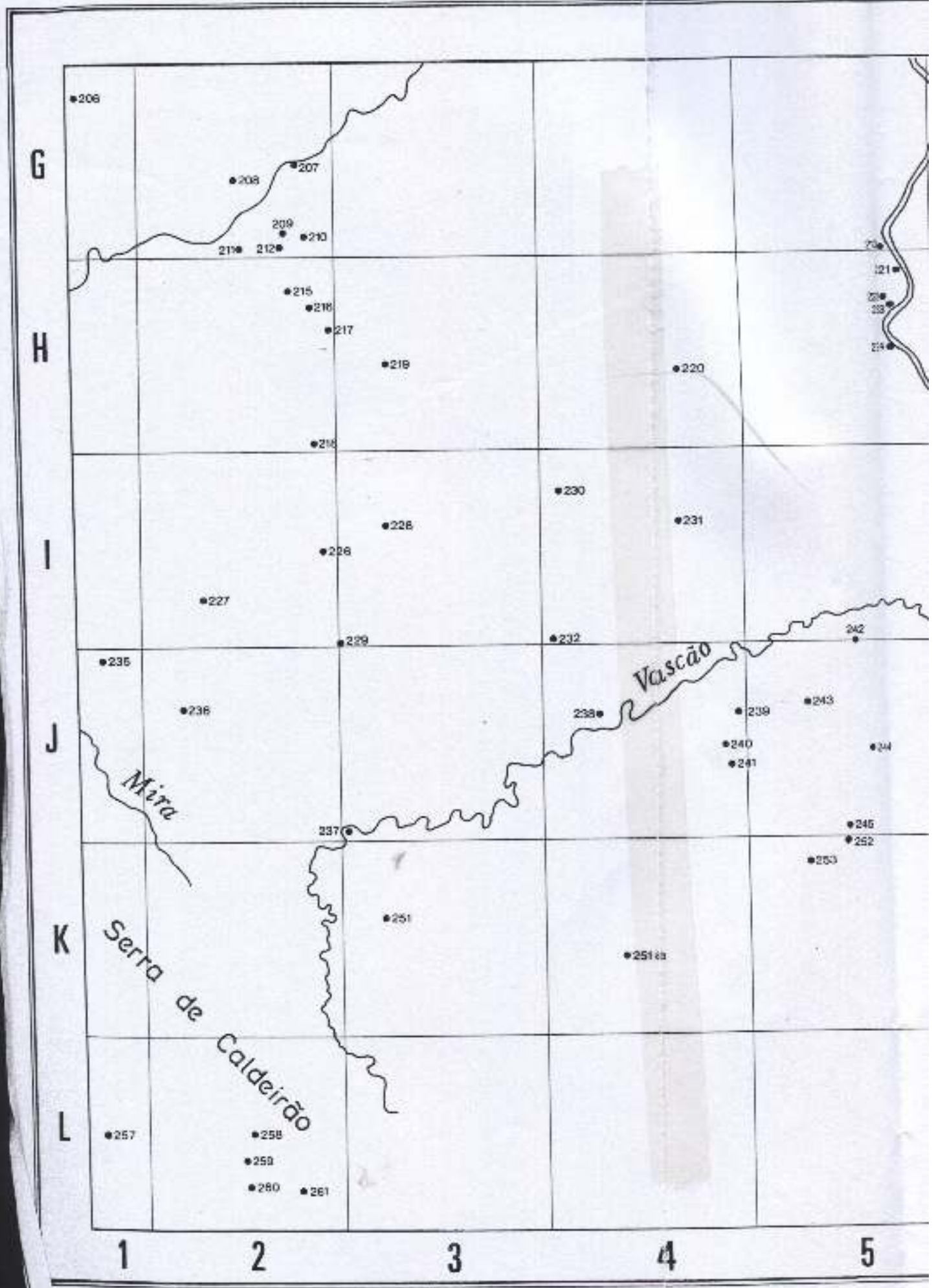






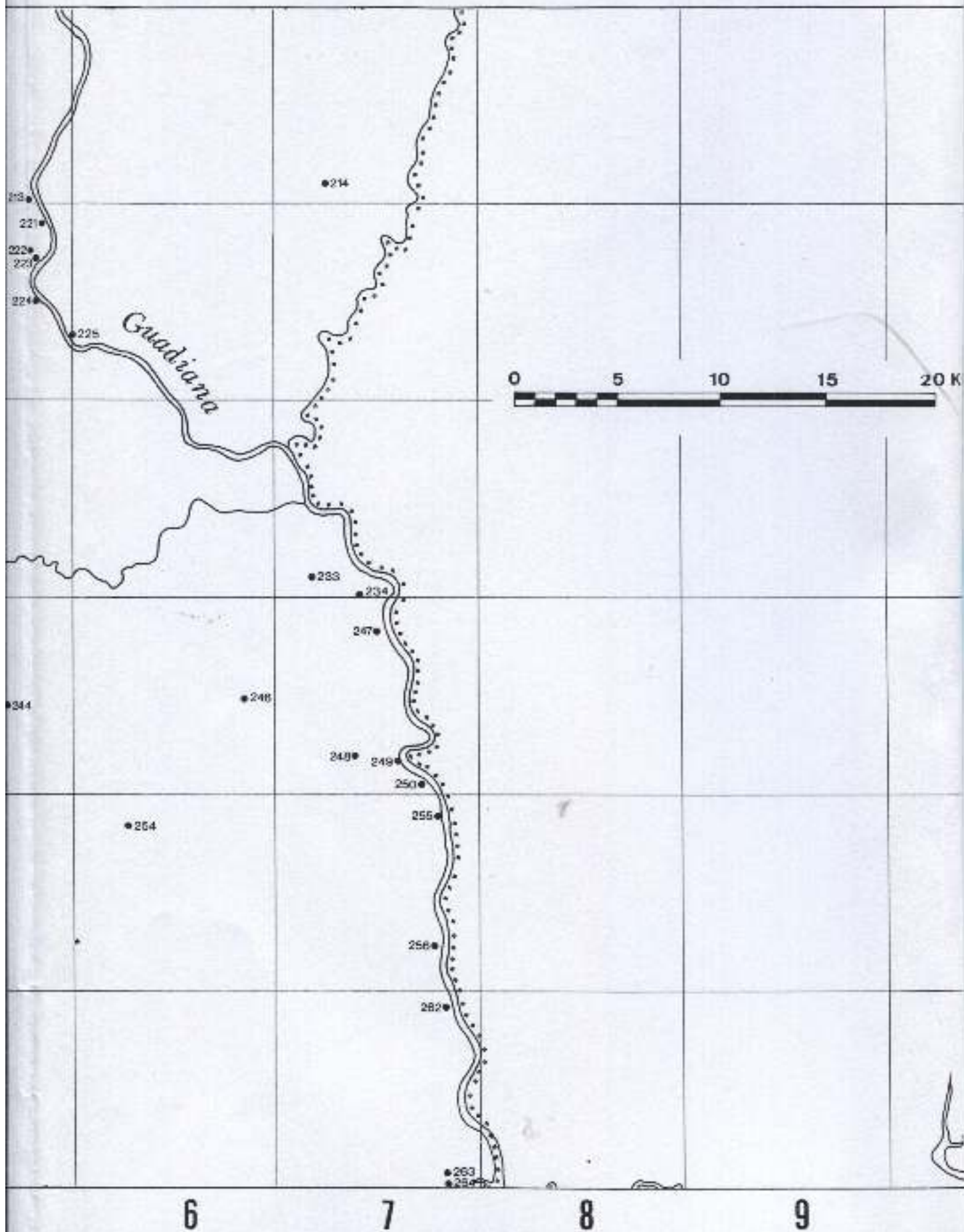
9 10 11 12 13







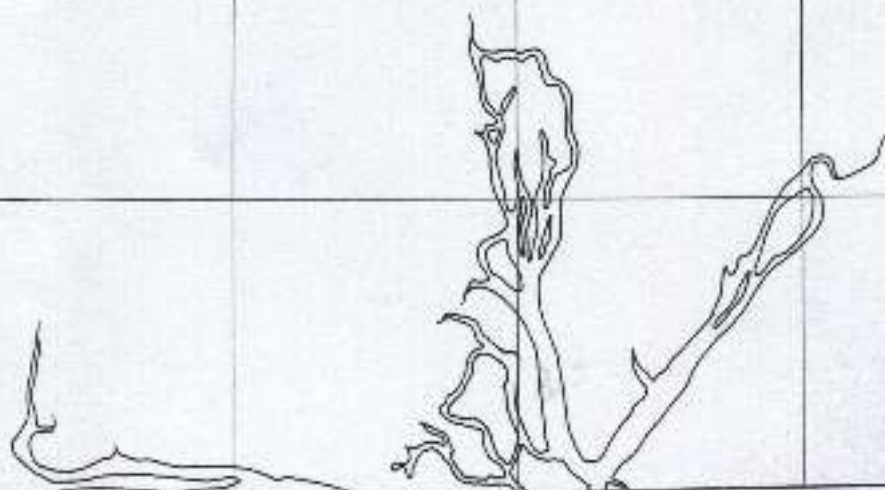
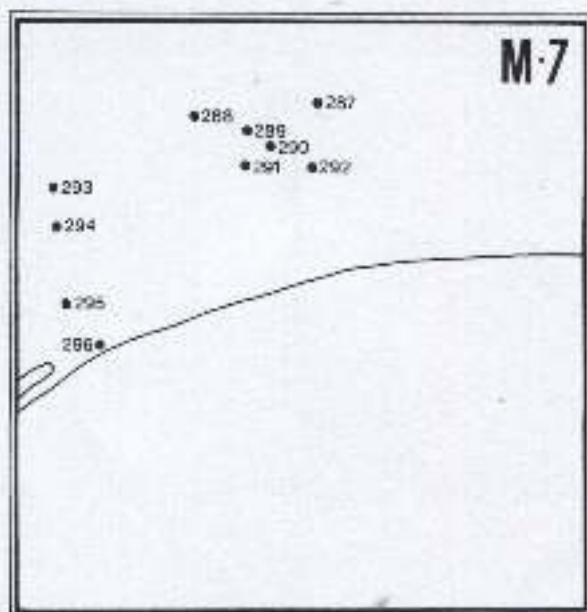
# FAKU







15 20 KM



9

10

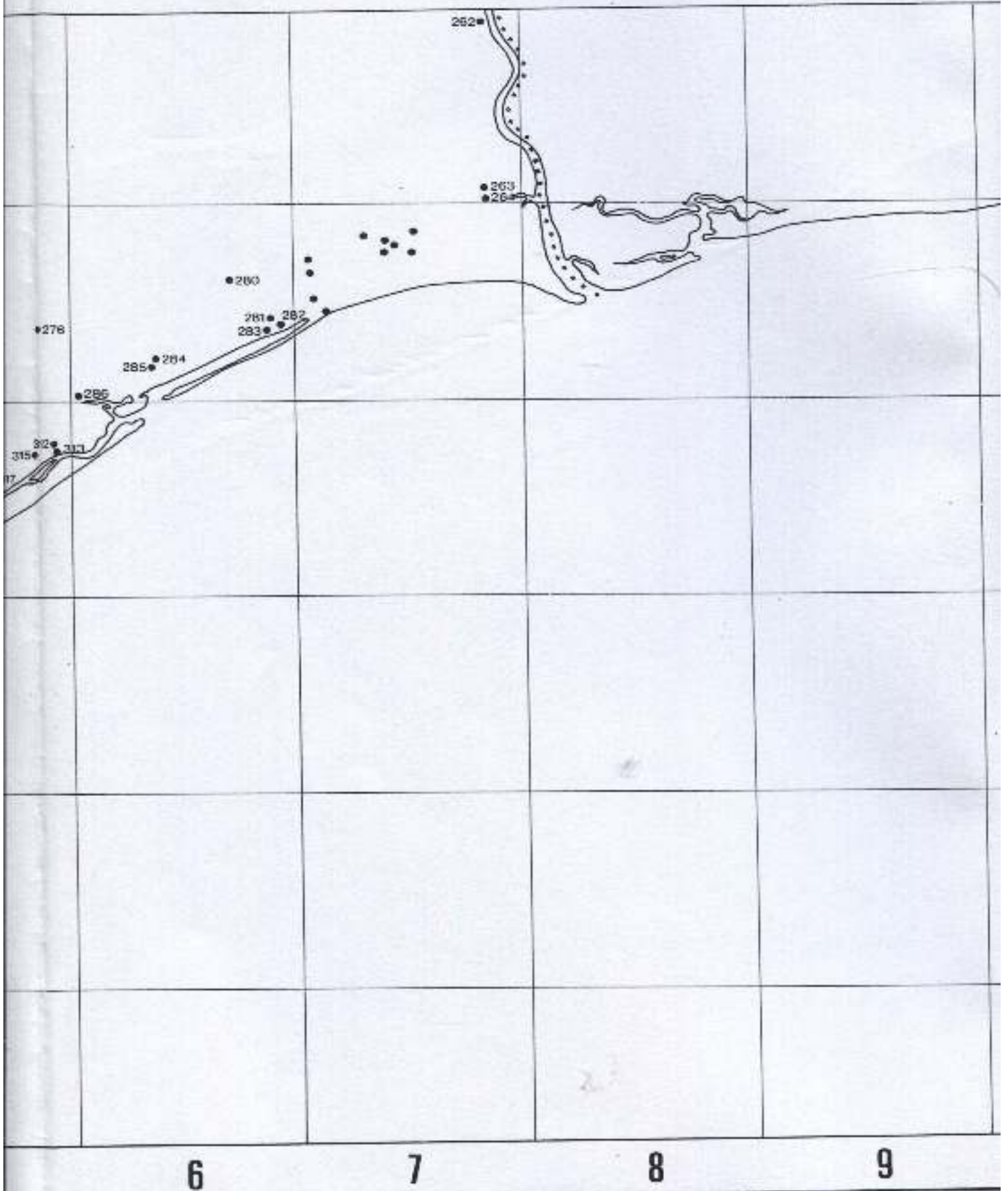
11

12

13

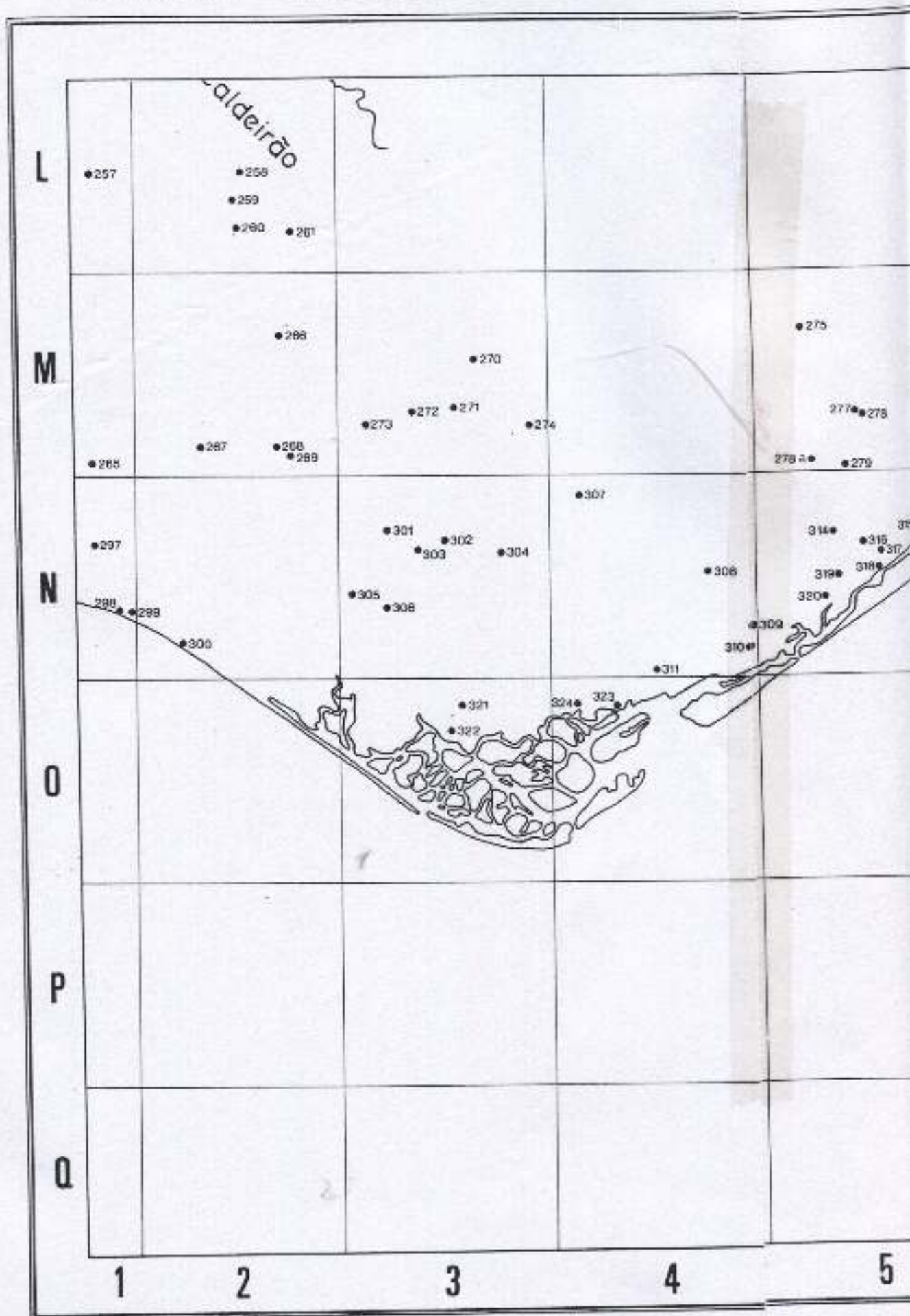


# FARO

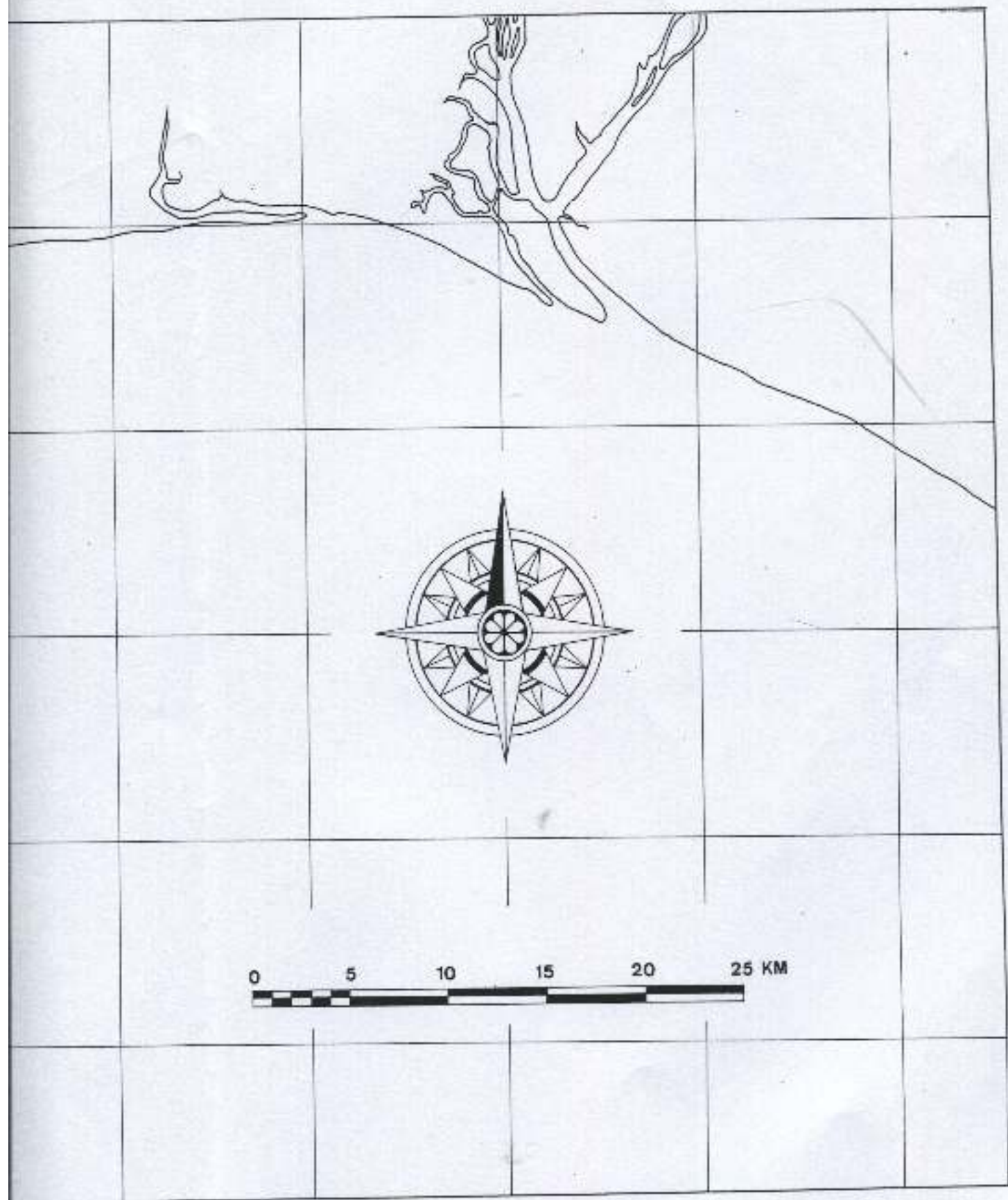




# PORTUGAL 1:250 000







9 10 11 12 13